

Jorge Altair Pinto Stürmer

Representações Sociais e Sustentabilidade na Rede Ecovida de Agroecologia: um estudo sobre o grupo de Nova Trento - SC.

Dissertação submetida ao
Curso de Pós-Graduação em
Administração da Universidade
Federal de Santa Catarina para
a obtenção do Grau de Mestre
em Administração.

Orientador: Prof. Dr. Sérgio
Luis Boeira.

Florianópolis
2014

Jorge Altair Pinto Stürmer

**REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E SUSTENTABILIDADE NA
REDE ECOVIDA DE AGROECOLOGIA: UM ESTUDO SOBRE O
GRUPO DE NOVA TRENTO - SC.**

Esta Dissertação foi julgada adequada para obtenção do Título de Mestre,
e aprovada em sua forma final pelo Curso de Pós-Graduação em
Administração.

Florianópolis, 30 de Junho de 2014.

Prof. Marcos Vinicius Andrade de Lima, Dr.
Coordenador do Curso

Banca Examinadora:

Prof. Sérgio Luís Boeira, Dr.
Orientador
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Maurício Roque de Oliveira Serva, Dr.
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Oscar José Rover, Dr.
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Renê Birochi, Dr.
Universidade Federal de Santa Catarina

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais (in memoriun), que em sua simplicidade e conhecimento me ensinaram a gostar dos livros.

À minha família que além contribuir lendo e comentando meu texto, suportou meus momentos de isolamento.

Aos professores membros da banca, que contribuíram substancialmente para a qualidade final desta dissertação¹.

Ao meu orientador, professor Dr. Sérgio Luís Boeira, que foi incansável no seu compromisso com a busca de uma ciência mais próxima do cotidiano.

Aos colegas do Núcleo de Pesquisa que sempre estiveram próximos quando necessitei.²

Aos integrantes do Grupo Associada que me receberam e permitiram que me sentisse como um membro de seu grupo.

Às famílias de agricultores que me acolheram em suas casas.

Aos dirigentes, técnicos e funcionários administrativos do Cepagro que abriram as portas da entidade e do mundo da agroecologia.³

¹ Hans van Bellen, Mauricio Serva, Oscar Rover e Renê Birochi.

² Danilo Melo, Gustavo Matarazzo, Flávia Maciel, Vanessa Simon, Tiago Bini e demais colegas.

³ Charles Muller, Eduardo Rocha, Gisa Garcia e Marcelo Farias.

Ninguém ignora tudo.
Ninguém sabe tudo.
Todos nós sabemos alguma coisa.
Todos nós ignoramos alguma coisa.
Por isso aprendemos sempre.

Paulo Freire

RESUMO

Esta dissertação de mestrado tem como objetivo compreender a formação das representações sociais sobre desenvolvimento territorial sustentável, tendo como foco os integrantes do Grupo da Rede Ecovida de Agroecologia, no município de Nova Trento-SC. Este trabalho é resultante de uma pesquisa qualitativa, na qual foram utilizadas, como técnica de coleta de dados, a análise documental, observações diretas e entrevistas em profundidade com agricultores, seus familiares e técnicos que lhes dão apoio. Como referencial teórico e epistemológico, destacamos as contribuições de Ignacy Sachs na conceituação do desenvolvimento territorial sustentável, e de Serge Moscovici com a Teoria das Representações Sociais, que foi a base da metodologia utilizada nesta pesquisa, juntamente com Ângela Arruda (quanto à interpretação de representações sociais) e Alvesson e Skoldberg (quanto à metodologia reflexiva). Buscou-se combinar a metodologia de interpretação de representações sociais com a metodologia reflexiva no processo interpretativo. Para compreender a formação das representações sociais, buscou-se estabelecer uma relação entre termos vinculados ao conceito de desenvolvimento territorial sustentável – como agroecologia, ecologia, sustentabilidade, desenvolvimento e território – e as percepções, expressões e vivências dos entrevistados. Portanto, não se utilizou um procedimento dedutivo, nem simplesmente indutivo, mas abduutivo, recursivamente, visando evitar unilateralidades. Utilizou-se, inclusive, de estilo narrativo como recurso de descrição/interpretação dos dados. A interpretação dos dados foi realizada utilizando-se os quatro estágios do processo interpretativo. O primeiro estágio serviu para tomar conhecimento do material empírico a fazer as categorizações iniciais; no segundo estágio foi feita uma reflexão dos achados no primeiro, uma categorização referenciada e uma interpretação teórica do material empírico. No terceiro estágio foi realizada a análise integradora e uma interpretação geradora e crítica com especial atenção às dimensões políticas e ideológicas da pesquisa; no quarto e último estágio foi realizada uma interpretação crítica e reflexiva, repassando todos os demais estágios verticalmente, refletindo sobre a linguagem dos textos e sobre o processo de legitimação e autoridade do pesquisador. Por intermédio do processo interpretativo/reflexivo, conclui-se que as principais representações sociais do desenvolvimento territorial sustentável, associadas às categorias criadas são: vida e saúde; preservação do meio natural; obter sustento por meio da natureza sem

prejudicá-la; progresso socioeconômico e tecnológico, e que o campo está isolado e depende das cidades. As reflexões realizadas deixaram como principais inquietações: a) concentração da produção agroecológica em poucas famílias na região estudada; b) necessidade de conciliação dos interesses dos diversos atores envolvidos no processo de produção, logística e comercialização dos produtos orgânicos. Por último, mas não menos relevante, cabe destacar a representação social dos jovens como mão de obra necessária para as propriedades familiares, o que está em confronto (tensão) com a representação social sobre os estudos como processo que prepara os jovens para trabalhar na cidade. Esta tensão entre representações revela uma contradição nas políticas públicas de combate ao êxodo rural na medida em que as escolas mantêm seus currículos descontextualizados da realidade rural.

Palavras-chave: Desenvolvimento. Sustentabilidade. Agroecologia. Metodologia Reflexiva. Representações Sociais.

ABSTRACT

This master's degree thesis has as its objective to comprehend the formation of social representations about sustainable territorial development, having as focus the members of the Grupo da Rede Ecovida de Agroecologia, of the town of Nova Trento-SC. This dissertation is the result of a qualitative research, in which were used, as data collecting technique, documentary analysis, direct observations and in-depth interviews with the agricultures, their families and the workers who supports them. As a theoretical and epistemological reference, we highlight the contributions of Ignacy Sachs in the conceptualization of sustainable territorial development, and Serge Moscovici's Social Representations Theory, which was the base of the methodology utilized, together with Ângela Arruda (in regards to the interpretation of social representations) and Alvesson and Skoldberg (in regards to the reflexive methodology). In the interpretative process, it was pursued to mix the interpretation of social representations methodology with reflexive methodology. To comprehend the formation of these social representations, we sought to establish a connection between the attached terms and the concept of sustainable territorial development – as agroecology, ecology, sustainability, development and territory – and the perceptions, expressions e life experiences of the respondents. Therefore, a deductive procedure was not utilized, neither a simply intuitive one, but abductive, recursively, as a way to avoid one-sidedness. It was used a narrative style as a means to describe/interpretation of data. The interpretation of data was realized through the four stages of the interpretative process. The first stage was used to acknowledge the empirical data and to make initial categorizations; in the second stage an observation of the first stage's findings was made, along with a referenced categorization and a theoretical interpretation of the empiric material. In the third stage it was realized an integrative analysis and a critic and generative interpretation with special attention devoted to the political and ideological dimensions of the research. In the fourth and last stage it was realized an critic and reflexive interpretation, rethinking all of the other stages, in a vertical fashion, reflecting about the languages of the texts e about the process of legitimation and authority of the researcher. Via the interpretative/reflexive process, it is perceived that the major social representations of sustainable territorial development, associated with the categories created are: life and health; nature and environment's preservation; be able to make a living of nature without

endangering the planet; progress, economic improvement and technology and, that the country is isolated and dependent of the cities. The reflections realized leave as the main worrying issues: a) the concentration of the production of agroecological products in few of the families in the region studied; b) the necessity of harmonization of the various interests of the persons involved in the processes of production, logistics and commercialization of the organic products. Lastly, but by no means of lesser importance, it is noteworthy the social representation of the youth as a necessary labor force in the families' properties, which is on confrontation (tension) with the social representation about education as a process that prepares the young people to work in the city. This tension between representations reveals a contradiction in the public policies of combat to rural exodus in the way that schools maintain their curricular structures decontextualized with the rural realities.

Keywords: Development.Sustainability. Agroecology. Reflexive Methodology. Social Representations.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - A espiral de contextualização	68
Figura 2 - Representações do desenvolvimento sustentável.....	170

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Objetivos e Procedimentos.....	63
Quadro 2 - Características e duração das entrevistas	66
Quadro 3 - Procedimentos para auxiliar na contextualização em espiral	69
Quadro 4 - Estágios do processo interpretativo.....	71
Quadro 5 - Níveis de Interpretação da metodologia reflexiva.....	73
Quadro 6 - Quadro interpretativo da pesquisa.....	73
Quadro 7 - Resumo das interpretações Iniciais.....	133
Quadro 8 - Resumo da interpretação teórica.....	147
Quadro 9 - Resumo das representações sociais.....	155

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- ASSOCIADA** Associação dos Agricultores do Distrito de Aguti
- CEASA** Centrais de Abastecimento do Estado de SC
- CEPAGRO** Centro de Estudos e Promoção da Agricultura de Grupo
- CONDRAF** Conselho Nacional de Desenvolvimento Rural Sustentável
- COOPERTRENTO** Cooperativa da Agricultura Familiar do Vale do Rio Tijucas e Itajai Mirim
- EPAGRI** Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural
- IBGE** Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
- MAPA** Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento
- MDA** Ministério de Desenvolvimento Agrário
- ONG** Organização Não Governamental
- OPAC** Organismo Participativo de Avaliação e Conformidade
- PMNT** Prefeitura Municipal de Nova Trento
- PMMJ** Prefeitura Municipal de Major Gercino
- PRONAF** Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar
- SPG** Sistema Participativo de Garantia
- UDESC** Universidade do Estado de Santa Catarina
- UFSC** Universidade Federal de Santa Catarina
- UNIVALI** Universidade do Vale do Itajai

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	21
1.1 Contextualização.....	22
1.1.1 Rede Ecovida de Agroecologia.....	27
1.1.1.1 Rede Ecovida de Agroecologia - Núcleo Litoral Catarinense	31
1.2 PROBLEMA DE PESQUISA.....	34
1.3 OBJETIVOS.....	35
1.3.1 Objetivo Geral.....	35
1.3.2 Objetivos Específicos.....	35
1.4 JUSTIFICATIVA.....	35
2 REFERENCIAL TEÓRICO.....	37
2.1 Desenvolvimento.....	37
2.1.1 Desenvolvimento Territorial.....	39
2.1.2 Desenvolvimento Sustentável.....	41
2.1.3 Desenvolvimento Territorial Sustentável.....	44
2.1.3.1 Políticas de Desenvolvimento Territorial Rural no Brasil.....	45
2.1.3.2 Desenvolvimento Sustentável – posicionamentos críticos.....	48
2.2 A ciência normal - O paradigma dominante.....	50
2.2.1 A emergência de novos paradigmas.....	52
2.3 Teoria das Representações Sociais.....	53
3 METODOLOGIA.....	58
3.1 Delineamento da Pesquisa.....	59
3.2 Procedimentos Metodológicos.....	59
3.2.1 Técnicas de Observação.....	61
3.2.2 Entrevistas.....	62
3.3 O Fenômeno de Interesse.....	63
3.4 Coleta de Dados.....	63
3.5 Local da Pesquisa.....	64
3.6 Sujeitos da Pesquisa.....	65
3.7 Interpretação dos dados.....	66
3.7.1 Contextualização em espiral.....	67
3.7.2 Percurso do processo interpretativo.....	69
3.7.3 Níveis de interpretação de acordo com a metodologia reflexiva.....	71
3.7.4 O quadro interpretativo da pesquisa.....	73
4 O PERCURSO DO PROCESSO INTERPRETATIVO.....	74
4.1 A coleta de dados dentro do percurso interpretativo.....	74

4.2 Contextualização das representações sociais - Narrativas do Campo.....	84
4.3 Análise flutuante das Representações Sociais.....	109
4.3.1 Interpretação inicial do material empírico.....	109
4.3.2 Interpretação teórica do material empírico.....	136
4.3.3 Interpretação geradora e crítica.....	149
4.3.4 Interpretação Reflexiva.....	157
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	165
6 REFERÊNCIAS.....	172
7APÊNDICE A - Roteiro de Entrevistas.....	178

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo tem o objetivo central de compreender as representações sociais dos integrantes do Grupo da Rede Ecovida de Agroecologia no município de Nova Trento (SC), sobre o desenvolvimento territorial sustentável.

Considerando que o estudo foi realizado no espaço público, voltado para o cotidiano das pessoas, com foco no senso comum, para aproximar a linguagem do texto com o ambiente da pesquisa optei por utilizar uma linha narrativa, com as falas na primeira pessoa.

Este trabalho está estruturado em cinco grandes tópicos: Introdução, referencial teórico, procedimentos metodológicos, percurso do processo interpretativo e considerações finais.

Na primeira etapa, busquei fazer uma pequena introdução aos temas do desenvolvimento territorial sustentável e das representações sociais. Depois elaborei uma contextualização do histórico da Rede Ecovida de Agroecologia, do seu Núcleo Litoral Catarinense e também do grupo Associada de Agroecologia, que foram as entidades intervenientes na pesquisa. Posteriormente, defini o problema de pesquisa e os objetivos que estruturaram este trabalho.

Na segunda parte discorro sobre o arcabouço teórico que deu embasamento para esta pesquisa. Abordo os temas centrais ao trabalho: desenvolvimento territorial sustentável, teoria das representações sociais, e a metodologia reflexiva. Estas teorias e metodologias representaram o fundamento teórico do trabalho de coleta de dados, interpretação e reflexão dos resultados.

Em um terceiro momento tratei da organização dos procedimentos metodológicos que deram suporte para a pesquisa, com a descrição das técnicas, procedimentos e formas de coleta e análise dos dados.

Na organização metodológica da coleta de dados preparei-me para trabalhar com cinco categorias: sustentabilidade, desenvolvimento, território, ecologia e agroecologia. Estas categorias foram estruturadas a partir das dimensões do ecodesenvolvimento. No decorrer do trabalho de campo emergiu um tema que se tornou relevante para os objetivos da pesquisa: os jovens no campo. Considerando a força com que o tema apareceu nas observações e entrevistas, resolvi incluí-lo nas categorias de análise.

Em uma quarta etapa, busco demonstrar como foi realizado o processo de interpretação, com a realização das interpretações em quatro estágios/níveis. A geração das representações sociais ocorreu no terceiro nível e no quarto nível foram realizadas as reflexões sobre o processo de interpretação, sobre questões ideológicas, políticas e também sobre os resultados da pesquisa.

A opção metodológica pela combinação da teoria das representações sociais com sua proposta de estudo das situações cotidianas e a valorização do senso comum com a postura metateórica e crítica da teoria reflexiva contribuiu e deu consistência para a busca e interpretação dos dados. As duas teorias guardam grandes similaridades em seus conceitos, pois ambas evocam a importância do olhar do pesquisador e da reflexão em todos os momentos da pesquisa.

Por último apresento as considerações finais, onde são exibidos os resultados obtidos nas etapas de interpretação, comentários finais e sugestões.

1.1 Contextualização

Nas últimas décadas, o expansionismo produtivista e a crise do meio ambiente têm levado a uma atenção crescente da comunidade científica, da opinião pública e da população em geral para a busca de soluções para os problemas gerados pelo atual estágio de consumo que vem causando degradação e escassez dos recursos naturais do planeta. A noção dominante de desenvolvimento da sociedade moderna implica em considerar-se mais relevante o valor de troca do que o valor de uso dos produtos. Esta inversão de valores está levando ao aumento indiscriminado da produção de bens de demonstração e do consumo ilimitado, conduzindo ao esgotamento dos recursos não renováveis com prejuízos irreversíveis para a natureza.

O termo sustentabilidade, que até o final dos anos 1970 era um conceito utilizado quase que exclusivamente pela biologia populacional, passou a ser utilizado para qualificar uma nova proposta de desenvolvimento: a sustentabilidade ecológica. Esta proposta surge então como um critério normativo para a “reconstrução de uma nova ordem econômica, como uma condição para a sobrevivência humana e um suporte para chegar a um desenvolvimento duradouro, questionando as próprias bases da produção” (LEFF, 2009, p.15).

O discurso da sustentabilidade ganhou força dentro das premissas do mundo globalizado “como a marca de um limite e o sinal que

reorienta o processo civilizatório da humanidade” (LEFF, 2009, p.15). Para Leff, a crise ambiental que se evidencia nos anos 60, veio questionar o modelo dominante e os paradigmas que impulsionaram e legitimaram o crescimento econômico sem considerar a natureza no ciclo da produção, gerando processos de destruição ecológica e degradação ambiental. Assim, do reconhecimento da função de suporte da natureza como condição e potencial do processo de produção, consolida-se o conceito de sustentabilidade.

Ao mesmo tempo, dentro de um cenário de globalização neoliberal e crise ambiental, começaram a surgir os primeiros debates em âmbito internacional sobre o tema do meio ambiente. A reunião de Founex, convocada como parte do processo preparatório para a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente, e a conferência de Estocolmo, com o propósito de debater a relação entre o meio ambiente e o desenvolvimento, ambas em 1972, se transformaram em marcos em que foram “assinalados os limites da racionalidade econômica e os desafios da degradação ambiental ao projeto civilizatório da modernidade” (LEFF, 2009, p.16). De acordo com Sachs (2007, p. 18) a “conferência de Estocolmo contribuiu significativamente para alimentar as primeiras ações de reforma institucional por parte dos governos [...] estimulando a criação de ministérios e órgãos especializados no enfrentamento da crise ambiental”. De seu ponto de vista, a conferência de Estocolmo, pode ser vista como o “marco zero”, de uma grande transformação do modo de pensar a dinâmica da civilização industrial-tecnológica e os mecanismos capazes de viabilizar um cenário de governança internacional.

Para avaliar os avanços dos processos de degradação ambiental e a eficácia das políticas ambientais criadas para enfrentá-los, em 1984, foi criada a Comissão Mundial sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento (CMMAD), que depois de três anos de análises publicou em 1987 um documento intitulado *Nosso Futuro Comum*, que se tornou mundialmente conhecido como Relatório Brundtland. Neste documento são reconhecidos os problemas causados pela exploração da natureza e as disparidades entre as nações. As diretrizes constantes no relatório buscam uma política de consenso capaz de incluir todos os problemas gerados pela política de desenvolvimento, conceituando o desenvolvimento sustentável como aquele que “que satisfaz as necessidades presentes, sem comprometer a capacidade das gerações futuras de suprir suas próprias

necessidades” (BRUNDTLAND, 2013).⁴ Com a difusão deste conceito e das diretrizes constantes no documento passa a “configurar-se uma estratégia política para a sustentabilidade ecológica do processo de globalização como condição para a sobrevivência do gênero humano, através do esforço compartilhado de todas as nações do orbe” (LEFF, 2009, p.19).

Apesar dos discursos incorporados pela nova proposta desenvolvimentista muitos autores ainda questionam se o desenvolvimento realmente pode ser ambientalmente sustentável. O tema é bastante complexo, pois no contexto da civilização moderna, no qual os pensamentos estão pautados “no utilitarismo, individualismo e equilíbrio, como é o caso da economia neoclássica” (VEIGA, 2008, p. 165), a racionalidade que busca maximizar os recursos e seu uso sustentável aponta para interesses distintos, e a conciliação de interesses tão diversos é uma equação de difícil solução.

Ignacy Sachs (2007), um dos autores mais citados quando o tema é sustentabilidade, já em seus ensaios da década passada apontava para a necessidade da harmonização entre as dimensões econômicas, ambientais, culturais, políticas e sociais para viabilizar um projeto real para a sustentabilidade.

Assim como Sachs, Guerreiro Ramos (1989), através da utilização do conceito de *paraeconomia* defende um novo modelo de abordagem econômica com a criação de espaços de participação autêntica no nível local, dentro da perspectiva de uma sociedade diversificada constituída de enclaves na qual o mercado é apenas um deles. No modelo multidimensional de Guerreiro Ramos, a busca de uma estrutura equilibrada de alocação de recursos renováveis e não renováveis na escala da vida humana, considerando enclaves como economia, isonomia e fenonomia, entre outros, permitiria que seus membros cuidassem de tópicos substantivos da vida, podendo assim transformar-se numa alternativa para o sistema unidimensional, que “considera o mercado como a principal categoria para a ordenação dos negócios pessoais e sociais” (GUERREIRO RAMOS, 1989, p. 140).

Apesar da abrangência dos debates, o conceito de desenvolvimento sustentável ainda é um conceito em construção que passa por um compromisso político internacional, mas que “depende,

⁴ Um aspecto a ser considerado é a ausência da noção de entropia no Relatório Brundtland. Outro é a sua apropriação simplificada pelas instituições dominantes, os Estados-nações e as corporações transnacionais.

antes de tudo, de um processo social, no qual os atores deverão pactuar, aos poucos, os novos consensos de uma agenda possível, rumo ao futuro que se deseja sustentável” (VEIGA, 2008, p.189). De acordo com Sachs (2009, p. 296) “não se pode discutir o desenvolvimento sem ter um profundo conhecimento da ecologia cultural” e o trabalho de campo, o contato com o terreno e as interações com os que ali vivem, buscando suas experiências, fracassos e surpresas, que são essenciais.

É dentro desta perspectiva que as representações sociais se apresentam para este trabalho: a participação dos atores sociais na construção do conceito de desenvolvimento sustentável de um determinado território é de fundamental importância para a busca do conhecimento compartilhado e para os encaminhamentos práticos de um conceito tão amplo, abstrato e distante para a maior parte da sociedade civil.

As representações sociais acontecem no espaço público e são geradas pelas mediações sociais. “O espaço público fornece as condições necessárias para que as pessoas possam produzir, manter e transformar uma história” (JOVCHELOVITCH, 1998, p. 85). Para a autora, se não houvesse um espaço público as representações sociais não existiriam, pois é neste espaço onde as pessoas entram ao nascer e deixam para trás ao morrer, que as histórias são construídas.

Com as transformações do mundo moderno houve um enfraquecimento do espaço público, e Jovchelovitch, (1998, p.69), defende a recuperação deste espaço “como um espaço que racionaliza o exercício do poder através do debate público”.

O interesse das representações sociais está nos fenômenos sociais que por qualquer razão se tornaram de interesse público, que geram temas que causam tensões e provocam ações e debates entre grupos da sociedade que se engajam em pensar e comunicar estes fenômenos. “Inseridas na história e na cultura, as representações sociais se manifestam nos discursos públicos e no pensar social sobre fenômenos, que tocam de maneiras fundamentais as realidades sociais, como a realidade política, ecológica ou ligada à saúde”. (GUARESCHI, 2007, p.33).

De acordo com Souza Filho (2004, p. 109) a teoria das representações sociais focalizam fenômenos, “em que o homem manifesta sua capacidade inventiva para assenhorar-se do mundo por meio de conceitos, afirmações e explicações, originados no dia-a-dia, durante interações sociais, a respeito de qualquer objeto, social ou natural”.

O grande desafio da teoria é entender como se dá esta construção dos saberes e das práticas que induzem ações e comportamentos, e constroem as interações sociais no dia-a-dia, através do engajamento dos atores sociais, das suas verdades e dos simbolismos que estão por detrás destas interações, Para estabelecer uma conexão entre a Teoria das Representações Sociais e o cotidiano é importante resgatar “como estas verdades articulam as grandes questões sociais e definem o campo dos discursos e representações que cada sociedade define como seu”. (JOVCHELOVITCH, 2007, p.7).

Com a perspectiva do engajamento e da interação dos atores sociais na construção das representações sociais no campo, além das noções do desenvolvimento sustentável são incluídas no processo da pesquisa, as questões territoriais. De acordo com Abramovay (2007) os territórios não se definem por limites físicos, mas pela maneira que se produz em seu interior a interação social. O compartilhamento de conhecimentos e experiências entre os atores pode contribuir para a construção de um ambiente propício para o desenvolvimento.

Com este olhar, o território pode ser um recurso para o desenvolvimento, mas também deve ser “o produto” do desenvolvimento, construído para satisfazer além das necessidades pessoais um ambiente de vida sustentável (JEAN, 2010).

Para o atendimento destas novas demandas Abramovay (2007), considera que o desenvolvimento territorial está fortemente vinculado ao apoio institucional disponibilizado no território e à cooperação (interação) entre as instituições e atores territoriais. Partindo destas premissas, o desenvolvimento territorial está estreitamente ligado à cooperação e as parcerias feitas entre os atores do território e as instituições de fomento de seu entorno.

Conjugando estas premissas, a busca de um modelo de desenvolvimento a partir do território, com ênfase nas estratégias de desenvolvimento regionais, que privilegie a participação dos diversos atores sociais e tenha como foco a sustentabilidade, é apontado por Sachs (2007) como uma estratégia que o Brasil deveria considerar.

Dentro desta perspectiva nos últimos anos o governo brasileiro buscou a revisão e o aprimoramento das políticas públicas voltadas para o desenvolvimento territorial rural no Brasil. Com este direcionamento criou programas governamentais buscando proporcionar as condições necessárias para um projeto de desenvolvimento territorial sustentável. Muitos destes projetos apesar de bem articulados conceitualmente, nem sempre tem sua implementação prática com a mesma eficiência. Neste

espaço é que se construam movimentos associativos como a Rede Ecovida de Agroecologia, que luta para que estas políticas públicas sejam implementadas com maior eficácia social.

1.1.1 Rede Ecovida de Agroecologia

A Rede Ecovida de Agroecologia é um movimento associativo fundado em 1998, que tem como objetivo principal organizar, fortalecer e consolidar a agricultura ecológica familiar no sul do Brasil. De acordo com Rover (2011), o movimento surgiu da experiência de um conjunto de organizações e movimentos sociais com uma história de enfrentamento com o modelo hegemônico de desenvolvimento. Estes movimentos tinham em suas práticas e lutas comuns a perspectiva da construção de um modelo alternativo de desenvolvimento.

Assim, as premissas da formação da Rede contemplam um modelo de desenvolvimento que evite a degradação ambiental, inclua a desconcentração da população, dos recursos e serviços, através da articulação de mecanismos sociais, políticos e econômicos. Defendem o respeito à diferença cultural, e ao multiculturalismo e o acesso justo aos recursos ambientais.

Para Santos (2005) a Rede Ecovida luta para a construção de um novo modelo de agricultura e sociedade, promovendo a agroecologia, o estímulo ao trabalho associativo, a geração de um processo de certificação participativa e a valorização dos mercados locais e da venda direta.

A Rede Ecovida é resultado da crítica ao modelo dominante de produção, distribuição e consumo de alimentos.

Não podemos repetir os erros do passado recente, ou seja, sair da ditadura dos químicos para outra ditadura, a dos orgânicos e nos deixarmos conduzir, apenas pela ótica do mercado. Dessa forma, os mesmos que exploram poluindo e contaminando com os agrotóxicos, continuarão explorando com a venda de insumos orgânicos e comprando produtos em nome do desenvolvimento sustentável. Sair dessa ciranda significa construir um caminho próprio e fazer dele um projeto de vida para agora e para as próximas gerações (Ecovida Online, 2013).

O conceito de agroecologia enfatiza a diversidade ecológica, bem como as ideias e construções socioculturais, e não apenas o produto final, que deve ser produzido sem agrotóxicos e outros produtos químicos de alta solubilidade. Este posicionamento além de constar nas premissas da Rede parece estar internalizado na mente e refletindo na postura de seus integrantes. Na plenária estadual de Núcleos da Rede Ecovida que ocorreu em 07.08.2013⁵ em Florianópolis (SC), dentro desta linha de pensamento, uma participante pediu a palavra para fazer um aparte:

[...] quero falar e reforçar a questão da diversidade da Rede e sobre a importância da inclusão de grupos de mulheres e de jovens, que estão iniciando nos Núcleos do Planalto Serrano e Serra Mar. Isso que foi falado mostra que as nossas questões não são somente sobre produção e comercialização, mas sobre questões mais importantes como, por exemplo, estas questões de gênero, as questões sociais.

Neste sentido, o conceito de agroecologia se confunde como um modo de vida e de relações de cooperação com a natureza e tudo o que vive nela. Segundo Arl (2007), a Rede Ecovida tem a missão de ser um espaço de articulação, interação e ação para potencializar o crescimento da agroecologia, como parte da construção de um projeto de sociedade que contemple e respeite a realidade de cada local.

O funcionamento da Rede é descentralizado e está baseado na criação de núcleos regionais, que reúnem membros de uma mesma região com características semelhantes. Atualmente são 27 núcleos regionais, abrangendo 170 municípios localizados nos estados do RS, SC, PR e SP, congregando em torno de 200 grupos de agricultores, 20 ONGs e 10 cooperativas de consumidores. Articula aproximadamente 3.000 agricultores familiares em suas atividades, são mais de 100 feiras livres ecológicas e outras formas de comercialização. (CEPAGRO, 2013).

Segundo Loiola e Moura (1997), existem basicamente dois tipos de redes: as unidirecionais, onde os pontos de origem e destino dos fluxos entre as organizações estão bem definidos, e normalmente possuem comando mais centralizado e estrutura verticalizada, e as multidirecionais, onde não há um centro propulsor, sendo as dinâmicas de decisão e ação dispersas entre seus nós.

⁵ Opinião de participante da reunião plenária de Núcleos da Rede Ecovida do Estado de Santa Catarina, ocorrida em 07.08.2013 em Florianópolis-SC.

Organizativamente a Rede Ecovida é um espaço informal, que busca reunir: agricultores familiares ecologistas organizados em grupos; organizações de assessoria; consumidores e suas organizações; pessoas e organizações comprometidas com a agroecologia; pequenos processadores e comerciantes de produtos agroecológicos. (SANTOS, 2005).

A rede se estrutura como organização formal através da Associação Ecovida de Certificação Participativa, com sede em Três Cachoeiras (RS). Este formalismo foi necessário para o credenciamento junto ao MAPA⁶, como um Organismo Participativo de Avaliação e Conformidade – OPAC. O OPAC é o responsável pela emissão do selo de conformidade exigido para comercialização de produtos orgânicos pela Lei 10.831, de dezembro de 2003.

A Rede Ecovida evidencia-se como uma rede de organizações sociais, multidirecional, com processos decisórios horizontalizados e descentralizados, “onde todas as decisões no contexto da rede são tomadas em condições de plenárias, envolvendo no mínimo a sua coordenação, que é sempre colegiada”. (ROVER, 2011.p. 58).

Esta descentralização, na prática se fundamenta na constituição de Núcleos Regionais, pois apesar de possuir coordenações estaduais e uma coordenação geral da Região Sul, sua influência na tomada de decisões ocupa um papel secundário quando comparadas aos grupos e Núcleos. É nestas instâncias que acontecem os principais encaminhamentos organizativos da Ecovida.

Uma das experiências inovadoras da Rede Ecovida foi a organização do processo de certificação participativa, onde as próprias famílias pertencentes a Rede tem a responsabilidade de certificar as propriedades de outras famílias integrantes da Rede.

A certificação participativa pode contribuir para a valorização dos produtos ecológicos, pois consiste num momento importante de reflexão sobre o trabalho dos grupos, que deve ser aproveitado para maior ecologização das propriedades e como forma do aprofundamento no desenvolvimento da agroecologia. Portanto, aqui está mais um desafio para nossos grupos, conselhos de ética, núcleos e toda a rede, na luta por um mundo mais justo, solidário e saudável (Ecovida Online, 2013).

⁶ Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento.

Este processo, além de ser economicamente mais viável para as famílias tem contribuído para o enriquecimento das relações pessoais entre os membros da Rede. A participação nas atividades do Grupo é critério importante no processo de certificação, o que tem gerado um fluxo de melhoria constante nas propriedades das famílias participantes. As propriedades se transformaram em espaço de troca de conhecimentos e experiências na produção agroecológica, e as visitas às propriedades vizinhas se transformaram em prática instalada nos territórios.

O processo de certificação participativa assume também um papel importante na construção de contratos e relações comunitárias. De acordo com depoimento de um técnico durante encontro mensal realizado no município de Major Gercino em 18.07.2012⁷, “a metodologia participativa se solidifica através do controle social”, pois não é possível ter acesso às benesses do certificado sem atendimento dos princípios que foram criados pelo próprio grupo.

A concepção de agroecologia que tem fundamentado as ações da Ecovida deixou a questão comercial em segundo plano. Assim, visando resistir à comercialização convencional junto aos grandes conglomerados de atacado e varejo e buscando proporcionar alternativas inovadoras de comercialização, A Rede Ecovida criou em 2006, o Circuito Sul de Circulação de Alimentos. O circuito através de suas estações-núcleos e subestações congrega a produção dos diferentes grupos, servindo como pontos de reunião e distribuição de produtos para a comercialização.

A criação do Circuito de Comercialização foi mais um diferencial encontrado pela Rede para continuar fiel aos seus princípios éticos e postura como uma rede de movimentos sociais. “Estes processos inovadores são analisados a partir da teoria dos sítios simbólicos de pertencimento, para os quais a economia é um dos componentes da vida social, e as dinâmicas organizativas e mesmo as econômicas não podem ser analisadas a partir de uma restrita mentalidade mercantil” (ROVER, 2011, p. 59).

A experiência do Circuito de Comercialização demonstra que, por mais que exista uma tendência de domínio cada vez mais extensivo das formas centralizadas de troca capitalista, ainda existem espaços para novas formas de autonomia e inovação. Estes espaços, ainda de forma

⁷ Depoimento de um técnico do CEPAGRO durante reunião mensal do Grupo Associada da Rede Ecovida ocorrida em 18.07.2013 no município de Major Gercino-SC.

marginal, mas de grande importância para o fortalecimento do processo, aumentam o número de pessoas interessadas em participar de processos de trocas mais solidárias, com maior proximidade entre consumidor e produtor, ocasionando novas formas de trocas e oportunidades de ofertas não tradicionais dos produtos da economia solidária.

1.1.1.1 Rede Ecológica de Agroecologia - Núcleo Litoral Catarinense

O Núcleo Litoral Catarinense foi fundado em 2002. Sua atuação geográfica abrange a faixa litorânea que inclui o município de Garopaba como limite ao sul e Joinville como limite ao norte de Santa Catarina. Esta área atualmente abrange 20 municípios, abrigando 14 grupos de agricultores rurais com 60 propriedades certificadas e a participação de mais de 100 famílias integradas ao processo da Agroecologia.

A coordenação do Núcleo está a cargo do CEPAGRO – Centro de Estudos e Promoção da Agricultura de Grupo, que foi fundado em 1990. O objetivo do Núcleo é, “promover a Agroecologia como impulso para o desenvolvimento local sustentável, através de metodologias participativas aplicadas em comunidades rurais e urbanas” (CEPAGRO, Online).

A sede do CEPAGRO está localizada junto ao Campus da Universidade Federal de Santa Catarina-UFSC, no Centro de Ciências Agrárias. O centro conta com uma equipe de funcionários que cuidam das questões administrativas e de uma equipe de técnicos distribuídos entre os seus principais projetos: Apoio ao Núcleo Litoral Catarinense de Agroecologia; Ponto de Cultura e Engenhos de Farinha; Programa Educando com a Horta Escolar; Gastronomia e Agricultura Urbana e a Revolução dos Baldinhos.

Na organização administrativa do Centro estes projetos estão distribuídos entre Agricultura Urbana e Rural. A localização geográfica do Núcleo, com sua sede na capital do estado, têm proporcionado maiores oportunidades da atuação em projetos ligados à agricultura urbana. Atualmente estes projetos respondem por mais de 80% dos recursos que irrigam a entidade, demandando também esforços administrativos e da área técnica adequados para a manutenção das atividades a eles relacionadas.

Alguns destes projetos tem tido grande destaque da imprensa e recebido prêmios estaduais e nacionais, como é o caso do projeto da

Agricultura Urbana e a Revolução dos Baldinhos⁸, que trabalha com a gestão comunitária dos resíduos orgânicos. Este projeto socialmente responsável e inovador tem sido alvo de grandes empresas, entidades e governos municipais, que procuram a entidade querendo implementar o modelo em suas cidades.

No lado da agricultura rural, o grande trabalho realizado pelo Cepagro está relacionado ao projeto de Apoio ao Núcleo Litoral Catarinense de Agroecologia. O Núcleo é responsável pela coordenação das atividades dos 14 grupos de agricultores agroecológicos, que estão divididos nos 20 municípios de sua área de atuação.

O trabalho na agricultura rural abrange pelo menos três etapas da produção agroecológica. Primeiro busca adequar e desenvolver as técnicas da própria unidade de produção, assim seus técnicos visitam as propriedades para entender o seu ciclo produtivo e preparar em conjunto com os agricultores um plano de manejo para as propriedades. Numa segunda etapa acompanham a otimização da produção buscando agregar valor ao produto, seja pela utilização de técnicas mais adequadas ou pela organização do manejo e direcionamento da produção. A terceira etapa está relacionada ao desenvolvimento de uma logística própria de comercialização para os diferentes mercados.

Neste aspecto além de auxiliar nos processos dos circuitos curtos de comercialização – feiras de produtores, trocas de produtos e sementes – tem realizado um forte trabalho na organização do Box existente no Ceasa em Florianópolis, e que é destinado para a comercialização da produção orgânica dos pequenos agricultores familiares.

Além destas atividades o Cepagro desenvolve um importante papel no processo de certificação participativa. Este processo prevê a existência de reuniões mensais dentro dos grupos, reuniões com os representantes da comissão de avaliação do Sistema Participativo de Garantia – SPG, além de reuniões plenárias com representantes de todos os Núcleos.

A participação nas reuniões mensais dos grupos exige grandes esforços e articulação, pois em sua área de abrangência existem 14 grupos de agricultores. A participação de representante do Núcleo nestas reuniões tem grande importância no processo organizativo das famílias. Os encontros são momentos de conversação e debates, onde além das

⁸ Projeto coordenado pelo CEPAGRO, que promove a gestão comunitária de resíduos orgânicos na comunidade Chico Mendes em Florianópolis(SC).

questões produtivas das propriedades são repassadas as premissas da Rede Ecovida.

Estes encontros são importantes também para o fortalecimento das relações dentro dos grupos, aprimorar conhecimentos através da troca de experiências e reforçar as identidades. “São momentos importantes para fortalecer a articulação do coletivo e estabelecer dinâmicas de controle social”. (CEPAGRO, 2013).

Outra atividade desempenhada pelo Cepagro é o trabalho de representação política da Rede Ecovida. Por ser o Núcleo que está mais próximo da sede do poder político do estado, a coordenação do Cepagro tem um importante papel na articulação e participação em conselhos e fóruns de debates políticos extremamente relevantes para a agroecologia. Atualmente tem participação efetiva nos seguintes fóruns: Conselho Estadual do Pronaf, Comissão Estadual de Produção Orgânica, Conselho Estadual do Desenvolvimento Rural, Membro do Centro Ecumênico de Apoio ao Desenvolvimento-CEADes, Fórum Estadual e Fórum Regional de Economia Solidária, Comitê Estadual de Alternativas para a Cultura do Tabaco/DFMDA e Rede Monte Cristo.

A representação política envolve também a articulação com movimentos e entidades nacionais e internacionais, que apoiam com recursos ou que desenvolvem trabalhos sociais voltados para os mesmos grupos de interesse do Cepagro. Um exemplo destas articulações é com a Igreja Católica que apoia projetos através de recursos provenientes da Alemanha e através das atividades da Pastoral da Terra e da Pastoral da Saúde, na promoção da agricultura familiar e na busca de alternativas para os produtores de fumo.

O Cepagro com seu projeto de criação de alternativas para produtores de fumo, organizou em Julho de 2011, um encontro com fumicultores do distrito de Rio Veado em Nova Trento (SC), resultando deste encontro à formação do grupo de Agroecologia de Nova Trento. A Associação dos Agricultores do Distrito de Aguti – Associada, já era uma associação local, mas estava desativada, sem diretoria e sem documentação atualizada.

Depois das primeiras reuniões, foi definido que para a continuidade dos projetos do Cepagro com o grupo, seria importante acertar a documentação da associação e depois transformá-la em uma cooperativa. Problemas burocráticos impediram a criação da cooperativa, levando o grupo a encontrar alternativas para a comercialização através da Coopertrento e das agroindústrias existentes na região.

Em outubro de 2011, foi realizada a primeira visita de comitê de verificação para concessão da certificação participativa para propriedades da região. Em fevereiro de 2012, o Grupo constituiu a sua primeira comissão de avaliação do Sistema Participativo de Garantia.

O Grupo Associada atualmente conta com 10 famílias de agricultores com suas propriedades certificadas. Destes, seis tem a propriedade em Rio Veado que é distrito de N. Trento (SC), três em Pinheiral que pertence a Major Gercino (SC) e um em Vargem dos Bugres, que pertence a Leoberto Leal (SC). Além destas famílias, a região conta com duas agroindústrias; Conservas Will em Rio Veado e A.Vill Sucos no distrito de Baixo Capivara, ambas pertencentes a N. Trento.

As propriedades ainda não estão com a certificação para produção de alimentos orgânicos em 100% da área. A maioria das famílias ainda está fazendo a transição entre as culturas, e destinam uma parte muito pequena da propriedade para os orgânicos. Além disso, existem as questões referentes ao mercado que ainda não consegue absorver uma quantidade muito grande de produtos orgânicos. Também enfrentam o problema de falta de mão de obra familiar, pois consideram que a produção orgânica exige mais mão de obra que a convencional.

Além destas, já integrantes do Grupo Associada, outras famílias estão participando das reuniões mensais preparando suas propriedades para receber a visita da comissão de avaliação e certificação de suas propriedades.

1.2 PROBLEMA DE PESQUISA

Com esta contextualização, com a visão da importância da Rede Ecológica de Agroecologia na busca de uma sociedade mais plural, e colocado os desafios do desenvolvimento sustentável encaminhamos a questão central de nossa pesquisa: **quais as representações sociais dos integrantes do Grupo da Rede Ecológica de Agroecologia no município de Nova Trento-SC sobre o desenvolvimento territorial sustentável?**

1.3 OBJETIVOS

1.3.1 Objetivo Geral

Compreender as representações sociais dos integrantes do Grupo da Rede Ecovida de Agroecologia no município de Nova Trento-SC sobre o desenvolvimento territorial sustentável.

1.3.2 Objetivos Específicos

Os objetivos específicos que darão suporte ao objetivo geral são:

- a) Descrever aspectos históricos, geográficos e institucionais da atuação da Rede Ecovida em seu Núcleo Litoral Catarinense, tendo como foco o grupo do município de Nova Trento – SC.
- b) Identificar as representações sociais de membros do referido Grupo da Rede Ecovida no que se refere aos termos decorrentes das cinco dimensões do desenvolvimento sustentável⁹: ecologia, trocas, sustentabilidade, desenvolvimento, território, agroecologia.
- c) Identificar possíveis diferenças, convergências ou tensões entre as representações dos membros do Grupo.

1.4 JUSTIFICATIVA

1.4.1 Escolha do Tema

O tema da sustentabilidade é tratado diariamente nos principais veículos de comunicação mundial e faz parte das agendas de governos e da sociedade civil, mas a imprecisão e ambivalência do conceito evocam “uma espécie de ética de perpetuação da humanidade e da vida” (VEIGA, 2008, p. 165) e pode ser considerado o carro-chefe do processo

⁹ Cinco dimensões do ecodesenvolvimento de Sachs, que como o próprio autor relata em seu livro *A Terceira Margem – Em busca do ecodesenvolvimento*; apesar de não apreciar o termo é constantemente substituído pela expressão em inglês *sustainable development*.

de institucionalização, que inseriu o meio ambiente na agenda política internacional.

Essa dificuldade de conceituação pode obedecer a diversos interesses, mas também pode causar a tomada de posicionamentos errôneos por grande parte da população que associa o conceito de acordo com sua representação e seus próprios interesses. Parece claro que, de uma forma geral governos, instituições e a população são favoráveis à construção de um mundo mais sustentável, mas constroem este mundo de acordo com suas próprias representações da sustentabilidade.

Com este entendimento, adotei como premissa que o desenvolvimento territorial sustentável é um tema de interesse público e faz parte da vida do nosso século. É neste espaço que procurei inserir a minha pesquisa, buscar o entendimento do conceito junto ao cidadão comum: como seus comportamentos, valores e crenças afetam o processo da sustentabilidade e como estas representações estão inseridas no discurso e na vida diária de uma pequena comunidade.

Considero que a população escolhida está diretamente ligada ao tema da sustentabilidade e da territorialidade através dos projetos agroecológicos da Rede Ecovida. Mesmo que os conceitos tratados possam ser ambíguos e abstratos, parti do pressuposto que o assunto é prática corrente em seus comportamentos cotidianos, o que deverá facilitar a identificação das representações sociais.

Assim, na busca de um campo de pesquisa que pudesse dar pistas nestas direções, elegemos a Rede Ecovida de Agroecologia e suas premissas de enfrentamento ao modelo hegemônico e transformação das realidades sociais. A atuação da Rede Ecovida tem ganhado notoriedade e espaço em mídias importantes pela relevância, originalidade e resultados de seu trabalho. O processo de certificação participativa tem contribuído com o aprimoramento da agricultura familiar orgânica e com a integração territorial e, pode ser considerado um exemplo das possibilidades de melhorias com controle social realizado pelos próprios atores.

As inclinações pessoais do pesquisador também foram consideradas na seleção do fenômeno da pesquisa. Durante minha vida profissional tive oportunidade de conhecer e morar em cidades que apresentaram as mais diversas características, valores e culturas. Em alguns momentos participei de decisões e projetos voltados para fomento do desenvolvimento sustentável, atividade que proporcionou alegrias e decepções, e me aproximar mais deste campo é uma proposta desafiadora.

Também foi considerado o interesse do núcleo Organizações, Racionalidade e Desenvolvimento (ORD), do Curso de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal de Santa Catarina, do qual sou integrante. O ORD trabalha com projetos de pesquisa direcionados para quatro linhas gerais: epistemologia e sociologia da ciência da administração, racionalidade, *desenvolvimento territorial sustentável e economia social*.

Por fim, primeiro, espero que essa pesquisa possa contribuir com a Rede Ecovida, oferecendo novos elementos sobre as representações do desenvolvimento territorial sustentável de um grupo de agricultores ligados a agroecologia.

E, dentro de uma perspectiva complexa, espero que os achados possam instigar o debate e reflexão sobre representações sociais e desenvolvimento territorial sustentável.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Desenvolvimento

O conceito de desenvolvimento predominante no último século tem por base a ideia de que o progresso levaria à evolução das sociedades de uma forma linear. Para Ribeiro (2000) no século XIX o ritmo crescente de integração mundial necessitava de uma ideologia/utopia que desse sentido às desigualdades existentes dentro do sistema, dando assim origem às metáforas que criam certa hierarquia entre as nações: primeiro mundo/terceiro mundo, avançado/atrasado, desenvolvido/subdesenvolvido. Para esta forma de pensamento desenvolvimentista todos os países poderiam trilhar o mesmo caminho de desenvolvimento e alcançariam o patamar já alcançado pelos países desenvolvidos. Satirizando este modelo Lipietz (1991, p. 29), comparou o desenvolvimento a “uma longa estrada pela qual avançariam os diversos povos da humanidade, a exemplo de uma corrida de bicicletas com alguns ciclistas na dianteira, o grupo maior concentrado no meio e uns retardatários na rabeira”.

Este modelo de desenvolvimento que se apoiava no compromisso “fordista” e seu regime de acumulação e modelo de regulação começaram a ruir ainda no final dos anos 60, com a queda da produtividade e com a elevação do nível de instrução geral dos trabalhadores que passaram a questionar o modelo existente e almejar

maior autonomia e dignidade na relação de trabalho, agravando-se com a internacionalização da crise de demanda e tendo a recessão de 1982 como ponto marcante de seu declínio. (LIPIETZ, 1991).

Com a crise gerada pelo declínio do modelo e com as transformações econômicas e políticas do capitalismo, passa a haver uma nova forma de organização tanto das empresas quanto da vida social por meio de um regime baseado na “acumulação flexível”. Este novo modelo foi chamado de “pós-fordismo”, e apresentava uma nova forma de organização, tanto nas empresas, quanto na vida social por meio de um regime baseado na “acumulação flexível”. O pós-fordismo serviu para a reorganização do capitalismo em novas bases, apoiava-se na flexibilidade, nas novas tecnologias, nas novas formas de trabalho e na produção de bens intangíveis como produtos culturais, conhecimento e comunicação. Com esta mudança a produção não dependia mais do território, os operários podiam fazer parte de uma mesma rede de comunicação e cooperação mesmo estando em pontos distantes, com isso o capital se libera, não se limita a um território e não se prende a suas coações, pois pode mudar de um lugar para o outro. Com este movimento de liberalização do capital, surgiu a nova corrente que levou ao modelo Neoliberalista, voltado para a liberdade total dos mercados dentro de uma visão mundial, proporcionando as condições para a intensificação dos processos de globalização. (HARDT ; NEGRI, 2006).

Ribeiro (2000) considera que a noção de desenvolvimento é uma das mais inclusivas existentes no senso comum e na literatura especializada, seu poder como ideologia/utopia organizativa é tamanho que as duas visões opostas de sociedade - capitalismo e socialismo - o colocam como tema central em seus discursos, e estas “*múltiplas faces*” permitem sua apropriação por correntes de todas as ideologias o que resulta em leituras e posicionamentos muitas vezes divergentes, “desenvolvimento, assim como a modernidade, são categorias filiadas a um tipo de universo ideacional de uma plasticidade tamanha que até faz crer que se está diante de uma caixa preta ou de uma noção vazia” (RIBEIRO, 2000, p.132).

De acordo com Escobar (1996), este modelo de desenvolvimento tem penetrado integrado, gerenciado e controlado os países e populações de forma cada vez mais detalhada, e não exerce seu poder através da repressão, mas pela normalização, pela moralização e regulação dos saberes. Para Ribeiro (2000) o conceito de desenvolvimento é utilizado como um rótulo neutro para se referir ao processo de acumulação, evitando assim uma conotação indesejada, e tem como matriz principal a

ideia de progresso, e que “os seres vivos experimentam o crescimento para amadurecer” (RIBEIRO, 2000, p. 132), trazendo para a humanidade o dilema entre crescer ou perecer.

Para Guerreiro Ramos (1989) a sociedade deveria libertar-se de sua obsessão pelo modelo de desenvolvimento expansionista que não considera as limitações que a ecologia impõe à produção e ao consumo e completa que “qualquer futuro que se visualize como um desenvolvimento linear da sociedade centrada no mercado será, necessariamente, pior do que o presente”(GUERREIRO RAMOS, 1989, p.196).

2.1.1 Desenvolvimento Territorial

A abordagem territorial do processo de desenvolvimento ganhou ímpeto a partir do início dos anos 1980, com base na literatura neo-marshalliana e os estudos dos economistas italianos, principalmente G. Becattini (1979), com suas análises sobre os processos de industrialização e desenvolvimento ocorridos na região da Terceira Itália através da implementação dos distritos industriais.

Para Pecqueur (2003, p. 85) “os distritos industriais consagraram o encontro das firmas e dos homens num espaço concreto”. Nestes estudos ficou evidenciado a importância do espaço-geográfico e da cooperação entre os atores sociais e as instituições em torno das quais se organizam suas interações sociais. De acordo com Abramovay (2010) a partir da experiência da Terceira Itália começa a se evidenciar a importância da análise territorial nas questões do desenvolvimento.

Em torno da proposta original dos distritos industriais, Pecqueur (2003) cita ainda outras variações que demonstram a importância da ancoragem territorial e dos sistemas localizados de produção. Aponta assim as experiências com os Sistemas Produtivos Localizados (SPL) e com os Sistemas Agroalimentares Localizados (SIAL). Estes últimos ganharam notoriedade com os estudos feitos pela equipe do Cirad (Systèmes Agroalimentaires Localisés: organisations, innovations et developpement local) em 1996. Este trabalho que deu ênfase para a importância do espaço e da concentração geográfica da produção demonstrou que um conjunto de determinadas atividades localizadas geograficamente podem proporcionar externalidades positivas aos territórios.

A esta associação de bens à produção de um determinado território, Pecqueur (2003) denominou de “Cesta de Bens”. Para o autor

este modelo é “co-construído” pela interação entre consumidores e fornecedores e se apoia em uma combinação complexa de elementos que incluem além da proximidade geográfica a proximidade organizacional. Esta interação requer a participação dos vários atores locais públicos e privados, integrando assim o mercado, a sociedade civil e o Estado.

Para o Pecqueur (2003) essas características demonstram que não somente os produtos e os serviços se vendem localmente, mas, por meio das contribuições de todos os atores e da integração das amenidades ambientais, o próprio território torna-se o produto a ser vendido. Com esta caracterização a produção de bens no território recebe um ganho de “qualidade territorial”, onde o território com suas características próprias passa a ser considerado único. Nesse contexto para o desenvolvimento de vantagens competitivas o conceito de território considera os aspectos econômicos, políticos, históricos, culturais e sócio-ambientais.

Para Abramovay (2010) a noção de território abre caminho para um avanço notável no estudo do próprio desenvolvimento, pois coloca ênfase na maneira como os diferentes atores (públicos, privados e associativos) interagem no plano local. O território é o resultado de um processo de construção e de delimitação efetivado por seus atores. De acordo com Pecqueur (2003, p. 95) “um território é criado por discriminação feita pelos atores. Estes reagrupam-se em função dos problemas produtivos a serem resolvidos numa escala meso-econômica distinta das escalas individual e global”.

Pecqueur (2003, p.99), entende que o desenvolvimento territorial se afirma na evolução do capitalismo contemporâneo. Para o autor “uma economia que não a geográfica tem todas as chances de parecer irreal da perspectiva atual gerada pelos processos de globalização”.

As noções de desenvolvimento territorial evocam mais do que a noção de uma região, mas o fato de ser uma construção social, que ocorre através de uma ação dinâmica de atores sociais ocupando um espaço determinado. Um território para existir deve ser nomeado. “Os territórios são, assim, entidades socioespaciais, ou relacionadas às atividades humanas conduzidas num dado espaço; eles refletem, portanto, um procedimento de construção política.” (JEAN, p. 51).

O desenvolvimento territorial faz referência a um espaço geográfico que não é dado, mas construído. Construído pela história, por uma cultura e por redes sociais que desenham suas fronteiras. O conteúdo define o recipiente: as fronteiras do território são os limites (móveis) de redes

socioeconômicas. Ali onde a rede se extingue, termina o território. A iniciativa surge menos de uma instância de planificação do que de uma mobilização das forças internas. (RALLET,2007 apud JEAN , 2010, p. 51)

As novas teorias de desenvolvimento territorial valorizam o papel ativo dos territórios, não como suportes do desenvolvimento, mas como formas de produção social que sustentam o desenvolvimento das regiões. Para Jean (2010) o desenvolvimento territorial pressupõe que cada território deve construir por meio de uma dinâmica interna o seu próprio modelo de desenvolvimento. A promoção do desenvolvimento territorial é também um processo de aprendizagem social do desenvolvimento.

Abramovay (2010) considera que os processos de desenvolvimento territorial nem sempre contém as características básicas associadas ao conceito de desenvolvimento sustentável, pois as práticas desenvolvidas nos territórios podem não manter coerência com as premissas da sustentabilidade.

2.1.2 Desenvolvimento Sustentável

Desde a reunião de Founex e da conferência de Estocolmo, ambas em 1972, a sociedade debate e procura um novo modelo de desenvolvimento, que contemple o crescimento econômico privilegiando a redução das desigualdades sociais existentes entre os países ricos e pobres e inclua as variáveis do uso mais racional e eficiente dos recursos naturais.

De acordo com Ribeiro (2000, p.133) “nas últimas duas décadas, ocorreram mudanças dramáticas na organização e nos fluxos de poder político e econômico no sistema mundial” resultando numa relativa decadência de algumas das mais fortes ideologias e utopias existentes no século XIX.

Para Sachs (2007), é preciso buscar um novo modelo de desenvolvimento que tenha por objetivo *o desenvolvimento dos homens e das mulheres em lugar da multiplicação das coisas*, e este deve ser visto como um processo de aprendizagem social, pois passa pela libertação humana em relação à opressão material.

Com o conceito de ecodesenvolvimento, com estratégias economicamente eficazes, ecologicamente prudentes e socialmente

equitativas, Sachs, (2007, p.11) propõe “uma nova forma de crescimento econômico e de repartição qualitativamente diferente de seus frutos”, considerando necessárias mudanças profundas no modelo econômico atual e em suas concepções dominantes acerca das finalidades básicas, mecanismos de planejamentos e dos critérios de avaliações de políticas, programas e projetos de modernização das nações.

Esta nova abordagem pressupõe a criação de espaços destinados à participação das comunidades no nível local e para isso reconhece a necessidade de um processo de redistribuição de poder, tanto econômico como político-administrativo, que possibilite o exercício efetivo da autonomia no nível local.

O conceito de ecodesenvolvimento de Sachs (2007) é considerado um dos mais elaborados entre os diversos existentes. Além de uma mudança no estilo de desenvolvimento, traz embutido um novo enfoque do planejamento e gestão participativa. Sachs (2007) ressalta a importância de se encontrar um novo tipo de parceria entre os diversos atores da sociedade, bem como uma nova distribuição de poder entre o Estado, as empresas (mercado) e o terceiro setor (sociedade civil), e defende que a sustentabilidade deve passar pelas cinco dimensões do ecodesenvolvimento, conforme minha síntese:

1. Sustentabilidade Social - Considera uma sociedade com maior equidade na distribuição de renda e de bens, buscando reduzir o abismo entre os padrões de vida dos ricos e dos pobres. Trabalha com uma nova lógica de crescimento e de uma sociedade voltada para outros valores.
2. Sustentabilidade Econômica - Deve ser viabilizada mediante a alocação e o gerenciamento mais eficiente dos recursos e de um fluxo constante de investimentos públicos e privados, buscando avaliar a eficiência econômica em termos macrossociais não apenas por meio dos atuais critérios macroeconômicos.
3. Sustentabilidade Ecológica - Utilização de soluções engenhosas para a redução de danos aos diversos ecossistemas, limitar o consumo de combustíveis fósseis e outros produtos que são facilmente esgotáveis ou danosos ao meio ambiente; redução do volume de resíduos e da poluição; definir normas para uma adequada proteção ambiental com destaque para a autolimitação no consumo material, principalmente dos países ricos e criação de meios

e instrumentos legais para a o cumprimento de uma adequada proteção ambiental.

4. Sustentabilidade Espacial – Busca uma melhor distribuição territorial urbana, visando reduzir a concentração excessiva nas regiões metropolitanas e frear a destruição de ecossistemas frágeis, promover práticas modernas e regenerativas da agricultura, explorar o potencial da industrialização descentralizada.
5. Sustentabilidade Cultural – incluindo a procura das raízes endógenas de modelos de modernização, processos de mudança que resguardem a continuidade cultural e que traduzam o conceito normativo do ecodesenvolvimento numa pluralidade de soluções, ajustadas à especificidade de cada contexto sócioecológico.

No nível macroeconômico, as políticas de ecodesenvolvimento foram caracterizadas como uma tentativa de restabelecer a harmonia perdida entre desenvolvimento e meio ambiente, onde o estado assume o papel de implantar um conjunto coerente de medidas capazes de articular e orientar as iniciativas que emergem no nível local e que sustentam um padrão aceitável de endogeneidade do processo modernizador (SACHS, 2007, p. 14).

Dentro da visão do ecodesenvolvimento, o tamanho dos cenários sociais tem grande importância, questão considerada relevante também por Guerreiro Ramos (1989) quando *trata da lei dos requisitos adequados e o desenho dos sistemas sociais* e contesta a premissa do *quanto maior melhor*, pois entende que cada cenário social tem um limite concreto de tamanho e exerce grande influência nas práticas de uma sociedade.

Sachs (2009) considera necessária uma inversão da atual política de ocupação dos espaços que privilegia a concentração das populações no entorno das grandes metrópoles e chama a atenção para o tamanho da população rural, cerca da metade da população mundial, e para os problemas que podem ser gerados se não ocorrerem mudanças políticas e estruturais que evitem o deslocamento dessas populações para as cidades. É necessário “desacelerar o êxodo rural e, ao mesmo tempo, humanizar os campos, procurar novos equilíbrios demográficos, sociais, ecológicos

e culturais entre os diferentes pontos do *continuum* cidade-campo” (SACHS, 2009, p.341).

2.1.3 Desenvolvimento Territorial Sustentável

A necessidade de trazer para os processos de desenvolvimento locais as premissas do desenvolvimento sustentável tem levado a comunidade científica e estudiosos do desenvolvimento a um grande esforço na tentativa de buscar convergências entre as abordagens de desenvolvimento territorial e do desenvolvimento sustentável, que possam fundi-los num novo conceito desenvolvimento territorial sustentável.

Este esforço no Brasil se evidenciou no ano de 2007 na cidade de Florianópolis, durante os debates do I Colóquio Internacional sobre desenvolvimento territorial sustentável, onde pesquisadores renomados no âmbito nacional e internacional discutiram o tema. Para os organizadores do evento, o colóquio foi realizado com o objetivo de criar um amplo foro para estimular o debate e a integração progressiva destes conceitos. Além da programação de debates teórico-epistemológicos também fez parte da agenda do colóquio a estruturação de um programa de longo prazo que tenha como objetivo, a realização de trabalhos e pesquisas sobre a problemática do desenvolvimento territorial sustentável no Brasil (CIDTS, 2007).

No âmbito acadêmico este trabalho já está sendo realizado, com estudos de uma equipe multidisciplinar vinculada a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), à Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) e a Universidade Rural do Rio de Janeiro (CPDA). Desde 2003, os grupos atuando na UFSC e na UFCG vêm empreendendo estudos sobre as potencialidades e obstáculos associados à promoção de estratégias de desenvolvimento territorial sustentável em diferentes regiões dos estados de Santa Catarina e da Paraíba (CIDTS, 2007).

Para Menezes; Serva (2012) o desenvolvimento territorial sustentável ainda é um conceito em construção, pautado nos postulados do Ecodesenvolvimento, da gestão racional do ambiente e do Desenvolvimento Territorial. Este conceito é baseado em dinâmicas produtivas enraizadas na cultura, na paisagem e nas relações entre atores de um mesmo território. Essa concepção de desenvolvimento privilegia a formação de redes locais, a valorização dos recursos regionais e a gestão dos recursos naturais de forma a privilegiar o desenvolvimento no âmbito local.

A construção do desenvolvimento sustentável implica que os atores territoriais aprendam a lidar com a pluralidade de espaços de desenvolvimento. Assim, de acordo com Jean (2010) o elo entre o desenvolvimento territorial e o desenvolvimento sustentável, passa pela ideia de articular adequadamente uma pluralidade de espaços de desenvolvimento que permitam a um dado território alcançar um estado de resiliência.

Com esta abordagem os grandes princípios do desenvolvimento sustentável e os das teorias de desenvolvimento territorial não estão distantes no nível da reflexão epistemológica. “Eles convergem num ponto fundamental, a saber, no reconhecimento das capacidades dos atores sociais que constroem cotidianamente territórios onde se articula uma pluralidade de lógicas de desenvolvimento” (JEAN, 2010, p. 59).

Para autores como Sachs (2007), a perspectiva do desenvolvimento territorial sustentável passa pela construção de novos ambientes institucionais, e entende que avanços nesta direção só ocorrerão com a intervenção do setor público, com o comprometimento real das comunidades locais e com a formação de redes cooperativas com a participação do “tripé do ideal democrático-participativo: A Sociedade Civil, o Estado e o Mercado” (SACHS, 2007, p.22).

Este imenso desafio também tem tido a participação dos formuladores de políticas públicas e agentes de desenvolvimento. Assim a elaboração de propostas e políticas de desenvolvimento territorial tem passado a fazer parte também da agenda do governo brasileiro. Com nosso interesse nas questões rurais do desenvolvimento territorial sustentável, incluímos a seguir um breve relato das propostas governamentais para o DTS.

2.1.3.1 Políticas de Desenvolvimento Territorial Rural no Brasil

Nos últimos anos o governo brasileiro buscou a revisão e aprimoramento das políticas públicas voltadas para a promoção do desenvolvimento territorial rural no Brasil. Destacamos algumas destas que consideramos relevantes para o contexto da pesquisa.

Em 2003, foi reestruturado o Conselho Nacional de Desenvolvimento Rural Sustentável (CONDRAF), órgão integrante da estrutura do Ministério de Desenvolvimento Agrário (MDA) e encarregado da articulação entre governo e sociedade nas questões ligadas ao desenvolvimento rural, reforma agrária e agricultura familiar. Entre suas atividades o conselho criou a *Agenda do Desenvolvimento*

Rural Sustentável, um programa que preconiza uma ampla unidade social em busca de um novo padrão de desenvolvimento econômico que possa contribuir para a redução das desigualdades econômicas, sociais e regionais.

Nas avaliações governamentais, com a implementação das ações previstas na Agenda estariam postas as condições para impulsionar um novo padrão de desenvolvimento sustentável para o Brasil, em particular no meio rural, integrando as dimensões da inclusão social, econômica, ambiental, da segurança alimentar, nutricional e da promoção da igualdade.

Entre as preocupações dos atores públicos estava a necessidade de debater com a população rural sobre estas diretrizes, conforme posição do ministro encarregado pelo Conselho, expressada em ata de outubro de 2007, no qual diz:¹⁰ “que não bastava anunciar o que queriam, mas que era preciso, acima de tudo, criar um amplo convencimento na sociedade brasileira de que um outro rural era possível e criar condições políticas e programáticas para seguir construindo este novo rural”. Com este propósito foi criada a primeira Conferência Nacional de Desenvolvimento Rural Sustentável e Solidário, com objetivo de construir de forma participativa, através da realização de conferências territoriais (intermunicipais, municipais, estaduais) e setoriais, um Plano Nacional de Desenvolvimento Rural Sustentável e Solidário para o Brasil.

Em fevereiro de 2010 foi aprovada a proposta da Política de Desenvolvimento do Brasil Rural. Este projeto, além da participação de representantes de diversas entidades da sociedade civil, contou com a colaboração de especialistas no tema como Ignacy Sachs, Lauro Mattei e outros. Para o governo a nova proposta configura-se em um instrumento político orientador das ações nas áreas rurais do país, valorizando o desenvolvimento a partir das inúmeras experiências vivenciadas na sociedade brasileira.

Este projeto emergente de desenvolvimento rural tem como protagonistas centrais uma ampla diversidade de sujeitos sociais, sendo a organização e participação política das mulheres e da juventude de fundamental importância para a ampliação desse novo Brasil rural. Agricultores familiares,

¹⁰ Pronunciamento do Ministro Interino do MDA, presidindo a reunião do CONDRAF em 30.10.2007 – Brasília-DF.

assentados da Reforma Agrária, povos e comunidades tradicionais e povos indígenas são sujeitos protagonistas do Brasil rural com gente. As experiências acumuladas por esses segmentos, ao longo das últimas décadas, permitem enfrentar os problemas nacionais a partir de um novo enfoque, proporcionando as condições para se dar um salto de qualidade em direção à construção de uma Nação autônoma e soberana, capaz de ocupar um novo lugar no contexto global. Nessa perspectiva, os espaços rurais e as atividades nele desenvolvidas apresentam um forte potencial para cumprir um papel diferenciado e inovador (MDA, 2010 p. 13).

Com esta proposta e um novo *slogan* -“Brasil rural com a gente” os espaços rurais passam a ser considerados como” um patrimônio que interessa ao conjunto da sociedade brasileira e não apenas às populações que nele vivem e trabalham” (MDA, 2010, p.18). A consolidação deste conceito exige um novo enfoque de desenvolvimento que considera a abordagem territorial “como um referencial para a renovação dos marcos conceituais sobre desenvolvimento” (MDA, 2010, p.18).

Nesta abordagem, o território é visto como um espaço socialmente construído, dinâmico e mutável, que compreende, de forma interligada, as áreas rurais e urbanas e caracteriza-se por um sentimento de pertencimento e identidade sociocultural. Esse sentimento é compartilhado por uma diversidade de sujeitos sociais, que se mobilizam num campo de interesses distintos pela construção de um projeto territorial de desenvolvimento sustentável. Conformam-se, assim, em territórios de identidades não só por seu passado comum, mas principalmente por projetarem uma visão estratégica de futuro, construída com base no diálogo, na negociação e na confrontação de interesses entre as forças sociais participantes desse processo político. Como fruto dessa vontade coletiva, os territórios de identidade organizam-se em colegiados territoriais, que são verdadeiras arenas políticas que articulam os atores sociais, constroem interesses comuns e integram as ações de desenvolvimento (MDA, 2010, p.19).

Nos princípios desta proposta, a sustentabilidade é compreendida a partir de suas múltiplas dimensões (política, econômica, ambiental e social) sendo considerada um instrumento fundamental para auxiliar na superação das históricas desigualdades sociais e regionais. Dentro destas premissas o desenvolvimento rural está associado à criação de capacidades (humanas, políticas, culturais, técnicas etc.) que permitam às populações rurais agirem para transformar e melhorar suas condições de vida, através de mudanças em suas relações com as esferas do Estado, do mercado e da sociedade civil.

2.1.3.2 Desenvolvimento Sustentável – posicionamentos críticos

De uma forma geral o termo desenvolvimento sustentável está fortemente vinculado ao projeto dominante do crescimento econômico, que pode ser associado à economia neoclássica em sua versão ambiental, e esta posição hegemônica se reforça estrategicamente junto aos principais órgãos de regulação e fomento de caráter mundial.

Nesse mister a divulgação do Relatório Brundtland, além de não contestar o crescimento econômico, o coloca como uma solução para o “nosso futuro comum” e a própria ambivalência do discurso da sustentabilidade não produziu os efeitos esperados principalmente pela comunidade ambientalista. A economia política que busca embasar a discussão sobre a sustentabilidade de um novo modelo de desenvolvimento é tão abrangente e vaga que Ribeiro (2000, p.154) questiona: “propositalmente ou não, estrategicamente ou não, muito pouco elaborada, para não dizer ingênua ou omissa”. Na avaliação de Veiga (2008, p.191) esta ambiguidade “pode ser entendida como opção deliberada de uma estratégia de institucionalização da problemática ambiental no âmbito das organizações internacionais e dos governos nacionais”. Para Leff (2009, p. 21) “a noção de sustentabilidade foi sendo divulgada e vulgarizada até fazer parte do discurso oficial e da linguagem comum”.

De acordo com Escobar (1996) o surgimento do conceito de desenvolvimento sustentável é parte de um amplo processo de problematização da sobrevivência global, um processo que induz a uma reavaliação na relação entre a natureza e a sociedade e aparece como uma resposta ao caráter destrutivo do desenvolvimento de um lado, e de outro, pela ascensão dos movimentos ambientalistas tanto no norte como no sul,

resultando num processo complexo de internacionalização do ambiente. Para ele a visão ecodesenvolvimentista expressada pela corrente hegemônica do desenvolvimento sustentável reproduz algumas questões centrais do economicismo e do desenvolvimentismo.

Para se apropriar do novo conceito, as correntes dominantes conduziram o debate e suas principais premissas para uma arena de seu domínio. De acordo com Escobar (1996) reinventando o conceito da natureza, o ambiente torna-se um constructo indispensável para que o capital possa ser sustentado e não a natureza ou a cultura. O termo “meio ambiente” inclui uma visão da natureza a partir da perspectiva do sistema urbano-industrial e tudo que é relevante para o funcionamento deste sistema se torna parte deste meio ambiente. Racionalizando a defesa da natureza para termos econômicos, os defensores do desenvolvimento sustentável contribuem para prolongar a economização da vida e da história.

A retórica do desenvolvimento sustentável converteu o sentido crítico do conceito de ambiente numa proclamação de políticas neoliberais que nos levariam aos objetivos do equilíbrio ecológico e da justiça social por uma via mais eficaz: o crescimento econômico orientado pelo livre mercado. Este discurso promete alcançar seu propósito sem uma fundamentação sobre a capacidade do mercado de dar o justo valor à natureza e à cultura; de internalizar as externalidades ambientais e dissolver as desigualdades sociais; de reverter às leis da entropia e atualizar as preferências das futuras gerações. (LEFF, 2009, p.24).

Assim, a busca de um modelo alternativo de desenvolvimento pode ter dado lugar a um discurso do neoliberalismo ambiental, que além de simplificar a complexidade dos processos naturais não considera as identidades culturais, assimilando-as “a uma lógica, a uma razão, a uma estratégia de poder para a apropriação da natureza como meio de produção e fonte de riqueza” (LEFF, 2009, p.25), criando as condições para uma estratégia econômica que, sem violência,

legitima a apropriação econômica dos recursos naturais através dos direitos privados de propriedade intelectual. Esta estratégia econômica é complementada com uma operação simbólica que

define a biodiversidade como patrimônio comum da humanidade e recodifica as comunidades do Terceiro Mundo como parte do capital humano do planeta (LEFF, 2009, p.26).

Desta forma, buscando reconciliar o meio ambiente e o crescimento econômico a racionalidade econômica, alicerçada nos velhos mecanismos do livre mercado, tenta proclamar o crescimento econômico como sustentável e capaz de assegurar o equilíbrio ecológico e a igualdade social, “só a aceleração do desenvolvimento poderá engendrar soluções para os problemas ambientais. Enfim, crescer no presente garantindo o futuro” (FORTES, 1991:p.5-6, apud RIBEIRO, 2000). Esta visão é fortemente compartilhada pelo mundo empresarial, que busca fazer uma leitura positiva do desenvolvimento sustentável, que evite as legislações apenas restritivas e considere o crescimento, o livre mercado, custos e benefícios que possam ser traduzidos em uma espécie de contabilidade, e resultem em benefícios financeiros para as atividades industriais sustentáveis.

2.2 A ciência normal - O paradigma dominante

Como “ciência normal” são caracterizadas as pesquisas que se baseiam em uma ou mais realizações científicas passadas. Essas realizações devem ser reconhecidas durante algum tempo por uma comunidade científica específica e proporcionar condições para a sua prática posterior. Normalmente são relatadas pelos manuais científicos que expõem a estrutura da teoria aceita, ilustram as suas aplicações bem sucedidas e comparam essas aplicações com observações e experiências exemplares. Algumas destas teorias tornaram-se clássicas e serviram por algum tempo para definir os problemas e métodos legítimos de um determinado campo de pesquisa para as gerações seguintes. Tinham em comum duas características essenciais: “suas realizações foram suficientemente sem precedentes para atrair um grupo duradouro de partidários [...] e eram suficientemente abertas para deixar toda a espécie de problemas para serem resolvidos pelo grupo redefinido de praticantes da ciência”. (KUHN, 1987, p. 30).

Para essas experiências que partilham dessas duas características, Kuhn (1987), denominou de “paradigmas” um termo que ficou estreitamente ligado à chamada “ciência normal”. Assim, cientistas que trabalham sob a influência do mesmo paradigma, estão comprometidos

com as mesmas regras e padrões para a prática científica. “Esse comprometimento e o consenso aparente que produz são pré-requisitos para a ciência normal, isto é, para a gênese e a continuação de uma tradição de pesquisa determinada” (KUHN, 1987, pag. 31).

Para o autor, um paradigma, proporciona ao pesquisador a pista do conhecimento científico dos fenômenos a serem estudados, por outro lado, a ausência de um paradigma dificulta o trabalho de pesquisa, pois todos os fatos podem se apresentar com a mesma relevância e assim as primeiras coletas de fatos se aproximam mais de uma atividade casual do que as que são realizadas em cima de uma determinada base de conhecimento. Assim e considerando que quando vistos por homens diferentes os mesmos fenômenos podem ser descritos e interpretados de maneira diferente, entende que “nenhuma história natural pode ser interpretada na ausência de pelo menos algum corpo implícito de crenças metodológicas e teóricas interligadas, que permita a seleção, avaliação e a crítica” (KUHN, p.37).

O atual paradigma dominante está baseado em grandes cientistas que viveram e realizaram seus trabalhos entre os séculos XVIII e início do século XX. São mais de duzentos anos de consolidação de uma mesma base científica, baseados na teoria heliocêntrica do movimento dos planetas de Copérnico, nas leis de Kepler sobre as órbitas dos planetas, nas leis de Galileu sobre a queda dos corpos, na grande síntese da ordem cósmica de Newton e na consciência filosófica de Bacon e Descartes. (SANTOS, 1999).

De acordo com Santos (1999), de um modo geral, o paradigma dominante defende a total separação entre a natureza e o ser humano, desconfia das evidências da experiência humana imediata, trabalha com a ideia de que conhecer significa quantificar. O método científico dominante assenta-se na redução da complexidade, acredita na ideia de estabilidade e previsibilidade, afirma que o conhecimento deve ser fragmentado, parcelado e disciplinado, e se assenta na teoria “positivista”, que só reconhece duas formas de conhecimento científico: as disciplinas formais da lógica e da matemática e as ciências empíricas (ciências sociais).

A ciência está em constante estado de evolução, assim o progresso da ciência ocorre de forma descontínua quando um paradigma é substituído por outro. “É o que Kuhn denomina “revolução”. Ela e se inicia quando um paradigma instaurado já não consegue dar explicações acerca dos fenômenos estudados”. (SERVA, 2010, p. 277).

2.2.1 A emergência de novos paradigmas

Apesar de o paradigma dominante estar instaurado há mais de duzentos anos, se encontra em um momento de questionamentos e crises, levando a um grande número de pensadores a contestar suas premissas e caminhar na busca de outros modelos, provocando a emergência de novos paradigmas.

As ciências biológicas e sociais há muito se defrontavam com a dificuldade de adotar o paradigma convencional da ciência clássica, mas as ciências humanas que eram definidas como um ramo da ciência estavam aprisionadas num paradoxo: seu objeto de estudo, o homem, é o sujeito do conhecimento. Com estas e outras diferenças, as ciências humanas foram se afastando da ciência e se aproximando da filosofia, que podia tratar de teorias filosóficas sobre o conhecimento humano e resgatam a convicção de que os fenômenos humanos são de natureza subjetiva e não podem ser avaliados somente pela lente da objetividade e que o cientista social não pode despir-se de seus valores na sua prática científica. Acontece assim a ruptura definitiva entre as ciências objetivas e humanas, entre as ciências da natureza e ciências do homem. (VASCONCELLOS, 2002).

Para Capra (1996) uma mudança de paradigmas estava ocorrendo na ciência através da abordagem do pensamento sistêmico. “O novo paradigma pode ser chamado de uma visão de mundo holística, que concebe o mundo como um todo integrado, e não como uma coleção de partes dissociadas.” (CAPRA, 1996, pag. 25). Associa o novo paradigma a uma visão ecológica, dentro de uma ecologia profunda, que não separa seres humanos ou qualquer outra coisa, do meio ambiente natural. Este visão ecológica reconhece a interdependência fundamental de todos os fenômenos, considerando que enquanto indivíduos e sociedades estamos todos encaixados nos processos cíclicos da natureza.

Para a teoria sistêmica, os fenômenos dependem de nossos métodos de observação e medição, ou seja, de nosso método de questionamento. “O pensamento Sistêmico envolve uma mudança da ciência objetiva para a ciência “epistêmica”, para um arcabouço no qual a epistemologia –” o método do questionamento” torna-se parte integral das teorias científicas.” (CAPRA, 1996, pag. 49). Nesta concepção a natureza é vista como uma teia interconexa de relações, descrita por intermédio de uma rede de conceitos e modelos. Considerando esta interconexão dos fenômenos naturais, para explicar algum deles, precisamos entender todos os outros, o que é obviamente impossível.

O que torna possível converter a abordagem sistêmica numa ciência é a descoberta de que há conhecimento aproximado. Esta intuição é de importância decisiva para toda a ciência moderna. O velho paradigma baseia-se na crença cartesiana da certeza do conhecimento científico. No novo paradigma, é reconhecido que todas as concepções e todas as teorias científicas são limitadas e aproximadas. A ciência nunca pode fornecer uma compreensão completa e definitiva. (CAPRA, 1996, pag. 49).

Um dos teóricos que mais se destaca na busca de um novo caminho paradigmático é Morin (1990), que considera o paradigma dominante como paradigma da simplificação tendo como princípios a disjunção, a redução e a abstração. Para Morin (1990) a visão unidimensional dos paradigmas mutila o conhecimento e desfigura o real, o pensamento mutilador conduz a ações mutiladoras. Entende que apenas o pensamento complexo nos permitirá civilizar o nosso conhecimento e propõe um novo paradigma “um paradigma de distinção/conjunção que permita distinguir sem separar, associar sem identificar ou reduzir”. (MORIN, 1990, p. 22). O paradigma complexo busca entender a relação complexa entre a parte biológica e a parte mental-biológica dos seres humanos. Para o autor, “sujeito e objeto são indissociáveis” e o grande desafio da complexidade é relacionar objeto e observador e defende a necessidade de uma teoria científica do observador, que reconheça o sujeito com suas características físicas, biológicas e antropológicas. Nesse contexto, coloca a questão da transdisciplinaridade, pois considera que para entender a complexidade dos fenômenos é necessário romper com as fronteiras disciplinares. A departamentalização do conhecimento em especialistas dificulta os diálogos dentro e fora das disciplinas.

2.3 Teoria das Representações Sociais

O conceito de representação social tem origem na França, em 1961, pelas mãos de Serge Moscovici em sua pesquisa *La psychanalyse – Son image et son public* (A representação social da psicanálise) realizada com a sociedade francesa. Neste primeiro delineamento formal do conceito, Moscovici trabalhou com o fenômeno da socialização da psicanálise, de sua apropriação pela população parisiense para servir a

outros usos e funções sociais. “Partindo da tradição da sociologia do conhecimento, o autor começava então a desenvolver uma psicossociologia do conhecimento”. (SÁ, 2004, p.19).

A referência básica de Moscovici foi o sociólogo Durkheim, que apresentou inicialmente o conceito das representações coletivas onde procurava analisar fenômenos como a religião, os mitos, a ciência e as categorias de espaço e tempo, assim o conceito de representação social ou coletiva nasceu na sociologia e na antropologia. Para Guareschi (1998) ao mesmo tempo que se apoiou em Durkheim, Moscovici entendia que a proposta das representações coletivas esquecia que a força do que é coletivo encontra a sua mobilidade na dinâmica social e seus atores que frequentemente estão a desafiá-las e a transformá-las.

As representações coletivas de Durkheim abrangiam uma cadeia muito ampla e heterogênea de formas de conhecimentos, incluindo nela qualquer tipo de ideia, emoção ou crença que ocorressem dentro de uma comunidade. Moscovici discordava deste posicionamento, pois “considerava impossível para uma teoria cobrir um raio de conhecimento e crenças tão amplo”. Entendia que as representações sociais deveriam ser reduzidas a uma modalidade específica de conhecimento que tem por função a elaboração de comportamentos e a comunicação entre indivíduos no cotidiano. (MOSCOVICI, 2003).

Moscovici considerava também que os interesses de Durkheim com o estudo das representações coletivas estavam mais voltados para sociedades menos complexas e que sua proposta com a teoria das representações sociais era mais adequada ao contexto moderno, “por entender que as sociedades modernas são caracterizadas pelo seu pluralismo e pela rapidez que as mudanças econômicas, políticas e culturais ocorrem. Há nos dias de hoje, poucas representações que são verdadeiramente coletivas” (FARR, 1998, p.45).

Para Moscovici (2003) o nosso pensamento pode ser considerado como um ambiente, assim cada um de nós está sempre cercado por palavras, ideias e imagens que penetram nossos olhos, nossos ouvidos e nossa mente. Jovchelovitch (1998, p.71) entende que a Teoria das representações sociais- TRS - “se constrói sobre uma teoria dos símbolos e são consideradas como formas de conhecimento social que implicam duas faces, tão interligadas como os dois lados de uma folha de papel: o figurativo, ou o lado imageante, e o lado simbólico.” Para a autora os símbolos são a substância ou o conteúdo para a construção das representações sociais.

O sujeito constrói na sua relação com o mundo, um novo mundo de significados. De um lado, é através de sua atividade e relação com outros que as representações têm origem, permitindo uma mediação entre o sujeito e o mundo que ele mesmo descobre e constrói. De outro lado, as representações permitem a existência de símbolos – pedaços da realidade social imobilizados pela atividade criadora de sujeitos sociais para dar sentido e forma às circunstâncias nas quais eles se encontram. É desnecessário dizer que, tanto de uma perspectiva conceitual como de uma perspectiva genética, não há possibilidade para a construção simbólica fora de uma rede de significados já constituídos. É sobre e dentro dessa rede que se dão os trabalhos do sujeito de recriar o que já está lá. O sujeito psíquico, portanto não está nem abstraído da realidade social, nem meramente condenado a reproduzi-la. Sua tarefa é elaborar a permanente tensão entre um mundo que já se encontra constituído e seus próprios esforços para ser um sujeito. (JOVCHELOVITCH 1998, p.78).

As representações sociais podem intervir em nossa atividade cognitiva, através de duas funções:

As representações convencionalizam os objetos, pessoas ou acontecimentos que encontram. Elas lhes dão uma forma definitiva, as localizam em uma determinada categoria e gradualmente as colocam como um modelo de determinado tipo, distinto e partilhado por um grupo de pessoas.

As representações são prescritivas, isto é elas se impõe sobre nós com uma força irresistível. Essa força é uma combinação de uma estrutura que está presente antes mesmo que nós comecemos a pensar e de uma tradição que decreta o que deve ser pensado. (MOSCOVICI, 2003, p. 34,36).

A finalidade de todas as representações é tornar familiar algo não familiar e, quando o indivíduo tem que enfrentar uma situação desconhecida, inicia uma operação complexa de redefinição do objeto, para torná-lo mais compreensível e compatível com seu sistema

simbólico. A tentativa de tornar familiar o que é desconhecido é uma necessidade humana, favorecendo dessa forma a criação de universos consensuais que estabelecem uma noção de segurança e referência às concepções individuais.

[...] a dinâmica das relações é uma dinâmica de familiarização, onde os objetos, pessoas e acontecimentos são percebidos e compreendidos em relação a prévios encontros e paradigmas. Como resultado disso, a memória prevalece sobre a dedução, o passado sobre o presente, a resposta sobre o estímulo e as imagens sobre a realidade. (MOSCOVICI, 2003, pag.55)

As representações sociais são uma estratégia desenvolvida por atores sociais para enfrentar a diversidade e a mobilidade de um mundo que, embora pertença a todos, transcende a cada um individualmente. Nesse sentido elas são um espaço potencial de fabricação comum, onde cada sujeito vai além de sua própria individualidade para entrar em domínio diferente, ainda que fundamentalmente relacionado: o domínio da vida em comum, o espaço público. Dessa forma, elas não apenas surgem através das mediações sociais, mas tornam-se elas próprias, mediações sociais. E enquanto mediação social, elas expressam por excelência o espaço do sujeito na sua relação com a alteridade, lutando para interpretar, entender e construir o mundo. (JOVCHELOVITCH 1998, p.81).

Para Moscovici(2003) existem dois mecanismos formadores das representações sociais, baseados na memória e em conclusões passadas: *A ancoragem e a objetivação*. Jovchelovitch (1995, p. 82) entende que a ancoragem e a objetivação são as formas específicas em que são estabelecidas as mediações, “trazendo para o nível quase material a produção simbólica de uma comunidade e dando conta da concreticidade das representações sociais na vida social”.

Ancorar é classificar e denominar. As coisas que não são classificadas e que não possuem nomes são estranhas, inexistentes e ameaçadoras. A ancoragem permite reduzir estes objetos a imagens comuns colocando-as em um contexto familiar e particular de categorias, comparando com um paradigma de uma categoria que pensamos ser apropriada. A objetivação permite tornar concreto o abstrato, reproduzindo o conceito em uma imagem, transferindo o que está na

mente em algo que exista no mundo físico, objetivar também é condensar significados diferentes “ ancorando o desconhecido para uma realidade conhecida e institucionalizada, e, paradoxalmente, deslocam aquela geografia de significados já estabelecida, que as sociedades, na maior parte das vezes, lutam para manter” (Jovchelovitch, 1998, p. 82) . A objetivação constitui um processo de concretização para a realidade, objetivar é descobrir a qualidade icônica de uma ideia ou ser imprecisos, transferir o que está na mente em algo que exista no mundo físico e que possamos ver, tocar e controlar. (MOSCOVICI, 2003).

As representações sociais são entidades quase tangíveis. Elas circulam, se entrecruzam e se cristalizam continuamente, através duma palavra, dum gesto, ou duma reunião, em nosso mundo cotidiano. Elas impregnam a maioria de nossas relações estabelecidas, os objetos que nós produzimos ou consumimos e as comunicações que estabelecemos. Nós sabemos que elas correspondem, dum lado, à substância simbólica que entra na sua elaboração e, por outro lado, à prática específica que produz essa substância, do mesmo modo como uma ciência ou o mito correspondem a uma prática científica ou mítica (MOSCOVICI, 2003, p. 10).

As representações sociais podem ser vistas como produto e como processo. Como produto trabalha os elementos constitutivos das representações: as informações, as imagens, opiniões e crenças e como processo “volta-se à compreensão da elaboração e transformação das representações sob a força das determinações sociais, ou à compreensão do funcionamento e eficácia das representações na interação social” (SPINK, 2004, p.91), mas ambos (produto e processo) estão imbricados, o olhar para o fenômeno deve sempre considerar a interdependência entre ambos, quando se investigar a constituição do fenômeno é necessário colocar o olhar nas condições e nas determinações sociais de sua produção.

Com este enfoque Spink (2004) entende que o processo de pesquisa das representações sociais implica na compreensão de pelo menos três questões principais:

1. Compreender o impacto que as correntes de pensamento veiculadas em determinadas sociedades têm na elaboração das

Representações sociais de diferentes grupos sociais ou de indivíduos definidos em função de sua pertença a grupos;

2. Entender os processos constitutivos das Representações sociais e a eficácia destas para o funcionamento social. Entender, portanto: a) o papel das representações na orientação dos comportamentos e na comunicação; b) sua força enquanto sistema cognitivo de acolhimento de novas informações;

3. Entender o papel das Representações sociais nas mudanças e transformações sociais, no que diz respeito à constituição de um pensamento social compartilhado ou à transformação das representações sob o impacto das forças sociais. (SPINK, 2004, p.89).

Os estudos empíricos que buscam verificar o contexto produção e/ou circulação das Representações Sociais se aproximam das etnografias ou da pesquisa participante em antropologia e, segundo Spink (2004, p.93), devem ser conduzidos de duas formas: “mediante o estudo de situações sociais complexas (instituições, comunidades, eventos) ou focalizando sujeitos, agentes, atores socialmente definidos: médicos, psicólogos, operários, deficientes físicos etc.”.

3 METODOLOGIA

A teoria das representações sociais toma como ponto de partida, a diversidade dos indivíduos, atitudes e fenômenos, em toda a sua estranheza e imprevisibilidade. Seu objetivo é descobrir como os indivíduos e grupos podem construir um mundo estável, previsível a partir de tal diversidade. (MOSCOVICI, 2003, pag. 79).

Retornando à pergunta central da pesquisa - **Quais as representações sociais dos integrantes do Grupo da Rede Ecovida de Agroecologia no município de Nova Trento-SC sobre o desenvolvimento territorial sustentável?** - entendi que a utilização da Teoria das representações Sociais combinada com a Metodologia Reflexiva ofereceu um suporte metodológico consistente para a coleta e interpretação dos dados.

3.1 Delineamento da Pesquisa

Para a organização dos trabalhos, e considerando que a investigação está voltada para as ciências sociais com interesse no fenômeno das representações sociais, adotei uma abordagem qualitativa. Como concepção epistemológica utilizei as premissas do construcionismo social, (SCHWANDT, 2006) com sua visão interacionista que busca no cotidiano a sua fonte de representações.

3.2 Procedimentos Metodológicos

A seleção do instrumental metodológico está, portanto, diretamente relacionada com o problema a ser estudado; a escolha dependerá dos vários fatores relacionados com a pesquisa, ou seja, a natureza dos fenômenos, o objeto da pesquisa, os recursos financeiros, e equipe humana e outros elementos que possam surgir no campo da investigação (LAKATOS; MARCONI, 1991, p. 163).

A proposta de utilização de uma teoria que dá ênfase para avaliações que consideram a subjetividade como um dos aspectos principais gerou críticas que, segundo Spink (2004, p. 87), “estavam centradas na precariedade da formulação conceitual e na falta de rigor das abordagens metodológicas adotadas pelos pesquisadores da área”, e refletiam o paradigma dominante de ciência, mas a opção moscoviciana defendia claramente a utilização de um método que privilegiava a criatividade:

Nossa reserva sobre métodos rigorosos é motivada pela necessidade de levar em consideração o potencial de crescimento do enquadre conceitual. Sendo comparativamente recente, nossa teoria certamente tem um longo caminho pela frente antes de poder ser verificável ou falsificável – com a condição de (nesse ínterim) manter-se frutífera. (...) Nossa ideia ainda precisa ser estimulada e cultivada, não há nada de ilógico em admitir isto. Estando convencidos sobre suas implicações, nossa preocupação primeira é de enriquecer seus conteúdos e refinar o enquadre teórico. Ou seja, de

lhe dar corpo, de lhe dar forma, uma vez que o objetivo é de desenvolver um domínio de saber original que nos ajude a compreender o que as pessoas fazem na vida real e em situações significantes. Não há dúvida que para atingir esses objetivos temos que confiar mais na criatividade dos pesquisadores do que em procedimentos conhecidos e testados. (MOSCOVICI, 1988, p. 239 apud SPINK, 2004, p.88).

Considerando que as Representações Sociais são resultado das interações sociais no cotidiano através de um diálogo constante entre os indivíduos, o seu estudo empírico deve privilegiar a conversação, a interação, a busca de material espontâneo que privilegie a interação e um diálogo incessante. Dentro destas premissas, buscando manter os diálogos próximos da linguagem do cotidiano, na produção do texto final desta pesquisa, está sendo utilizada uma linha narrativa para descrever o material produzido durante o trabalho de campo.

De acordo com Arruda (2005, p.241) “a conversação é um dos espaços privilegiados do surgimento da representação social”.

Para Spink (2004) a formas de obtenção de dados mais utilizadas são as técnicas verbais, técnicas não verbais e observação, mas considera que as técnicas verbais facilitam o processo da pesquisa e sua utilização através de entrevistas abertas conduzidas para “dar voz” aos entrevistados são um importante canal para o acesso às representações.

Outra técnica que tem sido comumente empregada é o uso da associação livre a partir de algumas palavras como estímulo, ferramenta que favorece o trabalho de interpretação do pesquisador, “por se prestar à análise multivariável que permite superar um dos problemas mais sérios das análises de conteúdo, ou seja, o caráter hermenêutico das interpretações” (SPINK, 2004, p.101).

Atento a estas considerações e de acordo com os pressupostos metodológicos elencados, para o trabalho de coleta de dados utilizamos as seguintes técnicas:

1. Observação não-participante;
2. Entrevistas em profundidade;
3. Entrevistas com associação livre a partir de palavras - estímulo;
4. Análise documental.

3.2.1 Técnicas de Observação

Para o estudo das representações sociais a observação é técnica de coleta de dados que desempenha o papel mais proeminente. De uma forma geral o método de observação sistemático tem sido mais utilizado para entender os fenômenos através da Teoria das Representações Sociais do que os métodos experimentais.

Moscovici (2003) já apontava para a necessidade da utilização dos métodos de observação, chamando a atenção para o fato de que se representações sociais são representações de alguma coisa ou de alguém, têm um conteúdo específico e podem diferir de uma sociedade para outra. As representações sociais são criadas em um ambiente humano complexo, assim, o uso de métodos experimentais deveria ser para casos de estudos de fenômenos simples.

Para Marelím (2003, p. 9) “as técnicas de observação em pesquisa são, praticamente, as únicas abordagens disponíveis para o estudo de comportamentos complexos”, pois elas nos proporcionam as condições de vivenciar comportamentos no ambiente natural e de conhecer as pessoas e o seu cotidiano de uma forma casual.

A observação de campo é considerada fundamental para as pesquisas qualitativas. É utilizada com o objetivo de buscar descrições detalhadas dos acontecimentos, das interações entre pessoas, ações e objetos em um determinado contexto. O método de observação dá ao pesquisador a oportunidade de se inserir no ambiente da pesquisa e realizar estudos com maior profundidade. Para Marelím (2003, p.12) “[...] ao observador não basta simplesmente olhar. Deve, certamente, saber ver, identificar e descrever diversos tipos de interações e processos humanos”.

Para um bom trabalho de observação, o pesquisador deve estar atento para observar e anotar estas observações, desde as primeiras visitas realizadas para reconhecimento do local, passando por vivências com os sujeitos pesquisados, participação em reuniões, observando atitudes e comportamentos durante as entrevistas e outras ocasiões em que estiver junto do público de sua pesquisa. (GODOI, 2006).

Para Godoi (2006, p. 134) “o conteúdo das observações geralmente envolve uma parte descritiva do que ocorre no campo, e uma parte reflexiva, que inclui comentários pessoais do pesquisador”.

Estas anotações reflexivas do diário de campo, realizadas durante o processo de pesquisa foram transformadas em um relato narrativo e estão descritas no capítulo 4.2.

3.2.2 Entrevistas

As entrevistas do tipo qualitativo são conceituadas por Godoi (2006, p.302), “como evento de intercâmbio dialógico que pode promover a reformulação metodológica capaz de enriquecer a prática de pesquisa e construir novas situações de conhecimento”. A autora, baseada em Silveira (2002), propõe-se a levar o leitor

[...] a olhar as entrevistas *como eventos discursivos complexos*, regidos pelo *intercâmbio dialógico*, seus participantes, sua vizinhança com a conversa cotidiana, o uso da linguagem e suas infrações. Trata-se de ir além da escuta do arrolamento das mazelas cotidianas e ouvir o que de previsível e de imprevisível tem esse jogo intersubjetivo da verdade – do coloquial ao formal, do chiste, do mal-entendido, da ironia ou da agressão (GODOI, 2006, p.318).

Para pesquisadores qualitativos, as entrevistas devem ser entendidas como um instrumento negociado com interações ativas entre duas ou mais pessoas, deixando de serem assim simples instrumentos neutros de obtenção de dados. “O foco da entrevista é direcionado a conhecer como as pessoas vivem” (GODOI, 2006, p.319).

As entrevistas estão cercadas por um sentimento ambíguo. De um lado constituem uma via de acesso às realidades sociais, de outro não é simples e nem fácil captar o que é transmitido através delas, pois são “transmitidas através do jogo e das questões das interações sociais que a relação de entrevista necessariamente implica, assim como do jogo complexo das múltiplas interpretações produzidas pelos discursos” (POUPART, 2008, p. 215).

As entrevistas de uma forma geral devem partir “de perguntas que suscitem aspectos do objeto de representação de níveis mais concretos, familiares e definidos até os aspectos mais abstratos, estranhos e ambíguos” SOUZA FILHO (2004, p.119).

Quadro 1 – Objetivo e Procedimentos

Objetivo Geral	
Compreender as representações sociais dos integrantes do Grupo da Rede Ecovida de Agroecologia no município de Nova Trento-SC sobre o desenvolvimento territorial sustentável.	
Objetivos Específicos	Procedimentos de Pesquisa
Descrever aspectos históricos, geográficos e institucionais da atuação da Rede Ecovida em seu Núcleo Litoral Catarinense, tendo como foco o grupo do município de Nova Trento-SC	Análise documental e Entrevistas
Identificar as representações sociais dos membros do referido Grupo da Rede Ecovida no que se refere aos termos decorrentes das cinco dimensões do desenvolvimento sustentável: ecologia, natureza, sustentabilidade, desenvolvimento, território, agroecologia.	Observação não participante, entrevistas em profundidade.
Identificar possíveis diferenças, convergências ou tensões entre as representações dos membros do grupo.	Observação não participante, entrevistas em profundidade.

Quadro elaborado pelo autor.

3.3 O Fenômeno de Interesse

O fenômeno que moveu este estudo foi a busca de pistas do desenvolvimento territorial sustentável no cotidiano de um grupo de agricultores familiares ligados à agroecologia.

3.4 Coleta de Dados

A coleta de dados foi realizada a partir de dados primários e secundários. Para acessar os dados primários, utilizei as técnicas de observação e de entrevistas. Para a estruturação do processo de entrevistas, a partir dos termos vinculados ao conceito de desenvolvimento territorial sustentável, formulei categorias de análises que resultaram em um roteiro para as entrevistas. Para recolher os dados secundários foram consultados documentos, recortes, livros de atas, memórias de reuniões e publicações em geral.

Iniciei a coleta de dados aplicando a técnica da observação, buscando preparar o ambiente para a aplicação das entrevistas formais. De maio de 2013 a junho 2014, participei de nove encontros realizados

em propriedades de agricultores que faziam parte do público da pesquisa. Estes encontros duravam aproximadamente 5 horas, tempo distribuído entre a chegada dos membros, reunião formal e refeições coletivas. A participação nestes encontros contribuiu para a aproximação com os futuros entrevistados e a criação de um clima mais amistoso para a realização das entrevistas.

Além desses, participei em diversos encontros e reuniões realizadas na ONG que coordena o processo da agroecologia na região do estudo e que também fazia parte da pesquisa. Estas reuniões no Cepagro foram de fundamental importância para o conhecimento da dinâmica de funcionamento da entidade e do estágio da agroecologia na região.

Para viabilizar a realização das entrevistas realizei dois períodos de imersão no campo, convivendo em famílias de diferentes localidades. No primeiro período permaneci numa propriedade durante os dias úteis da semana, durante 4 dias. No segundo período, em outra comunidade, optei por passar o final de semana junto com a família, onde permaneci também por 4 dias.

Nos períodos de imersão, além das entrevistas formais participei do dia-a-dia familiar, onde além de poder confirmar as respostas obtidas nas entrevistas, consegui realizar observações muito importantes para os objetivos da pesquisa.

3.5 Local da Pesquisa

O “lócus” da pesquisa foi a Rede Ecovida de Agroecologia, especificamente o grupo de Nova Trento (SC), denominado Grupo Associada. O Grupo Associada atualmente conta com 10 famílias de agricultores e duas agroindústrias com certificação para produzir e/ou manusear produtos orgânicos. O Grupo Associada abrange propriedades que estão nos Municípios de Nova Trento, Major Gercino e Leoberto Leal.

No mapa da distribuição geográfica do estado de Santa Catarina, os três municípios estão localizados na Microrregião de Tijucas, a uma distância média de 100 km de Florianópolis, capital do Estado.

A maioria das propriedades certificadas está no município de Nova Trento (SC). O município foi fundado em 1892 e tem uma população estimada em 13.379 habitantes (IBGE, 2014). Nova Trento é um dos três polos da imigração italiana no estado e suas principais atividades econômicas são o turismo religioso e ecológico, seguido pela agricultura, com destaque para a fumicultura, o reflorestamento – a base de eucaliptos

e pinos, mandioca, milho, feijão e a fruticultura de clima temperado, com destaque para a viticultura (PMNT, 2014). Nova Trento é considerada a capital do turismo religioso em Santa Catarina, com grande acesso de turistas aos Santuários de Santa Paulina e de Nossa Senhora do Bom Socorro. Neste município mais especificamente no distrito de Aguti ficam as localidades de Rio Veado e do Baixo Capivara, onde estão localizadas seis famílias e duas agroindústrias integrantes do Grupo Associada.

O município de Major Gercino (SC) foi fundado em 1961, com população estimada em 3.379 habitantes (IBGE, 2014). O município teve a colonização de quatro etnias: Alemã, portuguesa, italiana e polonesa e sua principal atividade econômica é a fruticultura (PMMJ, 2014). Em Major Gercino, no distrito de Pinheiral ocorre a segunda concentração de famílias pertencentes ao grupo Associada: são três unidades.

Leoberto Leal (SC) se desmembrou de Nova Trento em 1932 e tem população estimada em 3.258 habitantes (IBGE, 2014). Sua economia é baseada na agricultura, com destaque para os cultivos de cebola, fumo, milho e feijão. Na localidade de Vargem dos Bugres está localizada a propriedade de mais uma família integrante do Grupo Associada.

A região onde estão localizados os três municípios foi submetida a um intenso processo de desmatamento, pela atuação das madeireiras na região, principalmente nas décadas de 1970 e 1980. Atualmente a floresta original está reduzida às áreas de preservação e em locais de difícil acesso (PMNT, 2014).

3.6 Sujeitos da Pesquisa

Os sujeitos da pesquisa são agricultores familiares pertencentes ao Grupo Associada e estão vivendo um processo de transição da cultura do fumo para a produção de alimentos orgânicos. Com o recorte previsto para a pesquisa – famílias com a propriedade certificada - o público alvo para as entrevistas era de 10 famílias. Com as informações obtidas no processo de observação, resolvi incluir uma família que durante os encontros estava se mostrando bastante integrada ao processo e excluir duas famílias que estavam participando pouco das atividades do Grupo Associada. Um agricultor tem a certificação na propriedade e na agroindústria. Realizamos 11 entrevistas, 9 com agricultores e 2 com técnicos do Cepagro.

Em algumas entrevistas realizadas nas propriedades rurais houve a participação do casal. Nestes casos no quadro da caracterização dos entrevistados estou descrevendo as duas pessoas. Buscando preservar a identidade dos entrevistados, estamos utilizando de nomes fictícios para a caracterização e citação dos entrevistados.

Quadro 2 – Características dos entrevistados e duração das entrevistas

1	Alfredo	Agricultor 40 anos - casado	Ensino Médio Completo	3 filhos	1,00 hs minutos
2	Alberto Cora	casado Agricultora – 45 anos - casada	Ensino Básico Incompleto Ensino Básico Incompleto	6 filhos e 3 netos	1,30 minutos
3	Karina	Agricultora – 26 anos - casada	Ensino Básico Completo	2 filhos	35 minutos
4	Vilmar Clarice	Agricultor – 28 anos - Casado Agricultora – 24 anos - casada	Ensino Médio Completo Ensino Médio Completo	1 filho	1,15 minutos
5	Gustavo	Agricultor – 33 anos - Casado	Ensino Superior Incompleto	2 filhos	1,40 minutos
6	Guilherme	Agricultor – 31 anos - casado	Ensino Básico Incompleto	-	1,10 minutos
7	Miguel Marta	Agricultor – 50 anos - casado Agricultora - 46 anos casada	Ensino Básico Incompleto Ensino Básico Completo	2 filhos	1,00 hora
8	Arthur Sueli	Agricultor – 57 anos - casado	Ensino básico incompleto	4 filhos e 3 netos	1,50 minutos
9	Joao	Agricultor – 59 anos - casado	Ensino Básico Completo	3 filhos	1,10 minutos
10	Claudio	Técnico Cepagro – 38 anos - casado	Ensino médio completo	1 filho	1,10 minutos
11	Nelson	Técnico Cepagro – 47 anos	Superior Completo	0	1,10 minutos

Fonte: Elaborado pelo autor.

3.7 Interpretação dos dados

Moscovici (2003) considera que toda representação social se origina de um sujeito e se refere a um objeto. Propõe que na construção das representações sejam considerados: a cultura tanto em seu sentido

mais amplo e mais restrito, a comunicação e linguagem e a inserção socioeconômica, institucional, educacional e ideológica dos sujeitos pesquisados.

A linguagem é a base das representações sociais, não há representações sociais sem linguagem, do mesmo modo que sem elas não há sociedade. O papel do linguístico na análise das representações sociais não pode ser evitado: as palavras não são a tradução direta das ideias, do mesmo modo que os discursos não são nunca as reflexões imediatas das posições sociais. (MOSCOVICI, 2003, pag. 219).

3.7.1 Contextualização em espiral

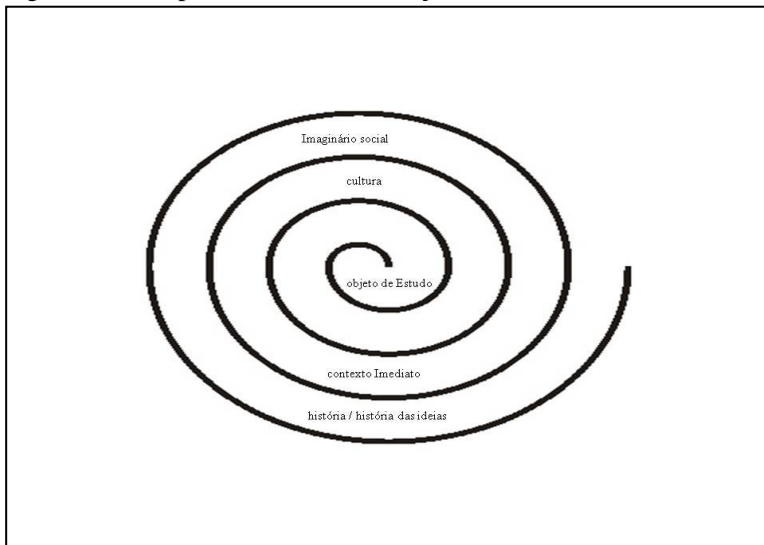
Para dar forma a proposta interpretativa, Arruda (2005) trabalha com o processo de contextualização e defende que esta não deve ser situacional descrevendo somente o cenário de pesquisa, mas deve ser mais ampla, incluindo os contextos estruturais. De acordo com Arruda (2005, p.234) “eles nos abrirão as portas à teia de significados que é aquela cultura, e nos tornarão mais íntimos daquele saber local”. A autora defende o processo de contextualização em espiral, através de diferentes camadas contextuais cujo centro é o universo em estudo,

A contextualização concêntrica, partindo do mais próximo – o contexto espaço-temporal imediato, para o mais distante, que pode ser o percurso das ideias a respeito daquele objeto, ou daquele grupo, e pode mesmo ir além, mas sem omitir a cultura que lhe é própria, com seus modelos, valores, o saber local, e o imaginário social circulante (ARRUDA, 2005, p.236).

No processo de contextualização em espiral, o procedimento em busca da produção das representações sociais é fluído, pode transitar de dentro para fora, do centro para as pontas, pode trabalhar com a aproximação de ideias e caminhar para o objeto e seu cenário e também pode seguir o caminho inverso. De acordo com Arruda (2005, p. 236) “o que importa é que a espiral tem uma direção que se irradia em torno da díade objeto-universo estudados, [...] e que a fronteira entre sujeito e objeto é fluída: é portanto indispensável não perder de vista a íntima relação entre eles”.

A espiral também pode inclinar-se para ambos os lados dependendo do peso dado a um ou outro de seus componentes e o movimento pode ocorrer também dentro de uma linha horizontal avançando ao longo de suas paredes, para frente e para trás ou numa posição vertical onde “os elementos dos diversos contextos se sobrepõem e se atravessam, estabelecendo a convivência de lógicas diferentes” (ARRUDA, 2005, p.236).

Figura 1 - A espiral de contextualização



Fonte: Arruda (2005, p. 236).

Para clarificar como podemos buscar as informações para a contextualização em espiral relacionamos no quadro abaixo alguns procedimentos que iremos utilizar.

Quadro 3 - Procedimentos para auxílio da contextualização em espiral.

Linha da Espiral	Técnica de Coleta	Objeto do olhar
Objeto de Estudo		Representações Sociais do Des. Sustentável.
Contexto imediato	Observação e entrevistas	Rotinas do agricultor na agroecologia, tarefas cotidianas.
História /história das ideias	Análise documental e Entrevistas.	Atas de Reuniões, Processos de certificação participativa, busca de informações nas entrevistas sobre papel dos primeiros colonizadores, avós.etc....
Cultura	Análise documental, Entrevistas e observação	Questões sobre como são mantidos os costumes, origem do saber local, participação em eventos comunitários, vida social, reuniões familiares , tipo de artesanato praticado .
Imaginário Social	Entrevistas/observação	Histórias e simbolismos existentes que permeiam os sentimentos da comunidade.

Quadro elaborado pelo autor.

3.7.2 Percurso do processo interpretativo

Ao compreendermos a representação como uma tradução da realidade, devemos mostrar de que tradução se trata e porque ela se desenvolve de certa maneira e não de outra. Sob a perspectiva estrutural, procurar compreender a lógica da estrutura encontrada e sua razão de ser, ou seja, as justificativas que resultam em determinado núcleo central naquele determinado grupo. Sob a perspectiva processual, compreender como se forma e organiza internamente a representação, demonstrando assim o desenho, a lógica interna e o princípio organizador da representação, e sua relação com o mundo (ARRUDA, 2005).

De acordo com Arruda (2005), para que se alcance o nível de representação social, a interpretação tem que ser bem fundamentada, informada, admissível e fecunda, não menosprezando e nem se deixando ofuscar pelos cuidados metodológicos. A análise de dados deve ser desenvolvida a partir da interpretação sucessiva dos resultados, formulando assim categorias pré-estabelecidas, ou construindo categorias a partir dos relatos dos sujeitos.

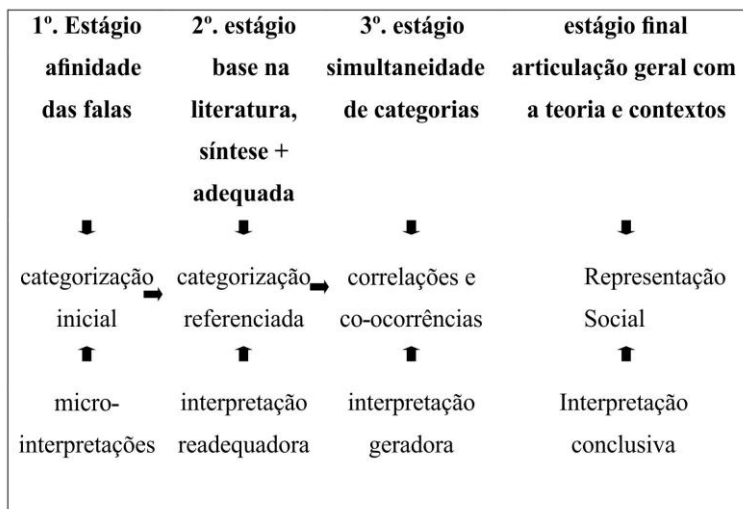
A interpretação é o cerne da pesquisa em representações sociais, pois apesar de pouco trabalhada didaticamente tem o poder de conectar o conjunto de bases teóricas com os dados e o problema de pesquisa

(ARRUDA 2005). Para a autora (p. 230) “a interpretação, além da visão da empiria, retorna à teoria”. O processo de interpretação deve ocorrer ao longo da pesquisa, na leitura e de cada etapa e na avaliação dos resultados obtidos, auxiliando no entendimento dos dados e o que estes representam dentro do contexto em que foram produzidos.

A interpretação além de reunir os achados procura a sua explicação, “como os sintomas que precisam ser examinados para se identificar a doença e seu remédio, a interpretação se aproxima do diagnóstico, e também recorre a mais do que meramente os dados explícitos” (ARRUDA, 2005, p.230). A simples descrição dos achados pode não ser suficiente para explicar o fenômeno, assim preparar durante todas as etapas o processo de interpretação final é tarefa que apesar de não ser automática nem fácil deve fazer parte da organização da pesquisa, para Arruda (2005, p. 234) existe um “percurso interpretativo”, cuja partida ocorre no início do trabalho investigativo.

A autora trabalha com a perspectiva da realização de interpretações sucessivas de cada resultado, não existindo nesta perspectiva uma fase isolada para a interpretação dos dados coletados. A interpretação deve acontecer durante e em todos os estágios do processo de pesquisa . Na análise conclusiva, com o suporte da base teórica devemos voltar e repensar os momentos interpretativos ocorridos. Considera assim, “que a análise de dados enseja vários estágios da interpretação” (Arruda, 2005, p. 254). Para dar suporte a este posicionamento e principalmente visando facilitar os processos de análise de conteúdo nas pesquisas voltadas para representações sociais, propõe que o processo interpretativo passe por quatro estágios conforme descreve no quadro:

Quadro 4 – Estágios do processo interpretativo



Fonte: Arruda (2005, p. 252)

Para Arruda (2005, p. 252) “a interpretação microscópica e sucessiva não basta”, pois a representação social não é uma “justaposição de listas de categorias” e para não cair na armadilha de somente ficar repetindo os fatos isoladamente é preciso trabalhar com uma visão holística e integradora, trazendo para o processo interpretativo final a verdadeira lógica informal do cotidiano. De acordo com a autora (p.253) “uma interpretação é tanto mais válida quanto mais plausível” e considera este processo como fundamental para assegurar esta plausibilidade.

3.7.3 Níveis de interpretação de acordo com a metodologia reflexiva

Alvesson e Skoldberg (2000) consideram que uma postura reflexiva transcende a aplicação de uma determinada teoria. Enfatizam a necessidade de cruzar as fronteiras das teorias tradicionais, evitando o risco do pesquisador ficar atrelado a uma linha filosófica específica, limitando a sua compreensão e reflexão. Para os autores a reflexividade somente ocorrerá quando o pesquisador conseguir transitar entre as diferentes teorias e realizar movimentos interpretativos em diferentes níveis. Esta postura metateórica é o diferencial que permite ao pesquisador estruturar a sua reflexão.

Segundo Vergara (2010, p.172) “a metodologia reflexiva é aquela que defende a tese segundo a qual a pesquisa empírica é de natureza interpretativa, política e retórica”. O processo de reflexibilidade na pesquisa considera que o pesquisador através de suas interpretações constrói informações e fatos, e que este deve ter a “capacidade de olhar suas próprias perspectivas da perspectiva de outros, bem como a capacidade de autocrítica acerca da sua autoridade como intérprete como autor” (VERGARA, 2010, p.172), ou seja, ele deve ter a capacidade de interpretar as suas próprias interpretações. Os adeptos da metodologia reflexiva acreditam que a realidade social não está separada da consciência e da linguagem dos membros da comunidade, o que inclui os pesquisadores.

De acordo com Villardi (2004. p.186.) o objetivo da pesquisa empírica deixa de ser manuseio de dados empíricos “para considerar as circunstâncias perceptuais, cognitivas, teóricas, linguísticas, (inter) textuais políticas e culturais que impregnam toda interpretação”. Neste processo o pesquisador reconhece a impossibilidade de ter acesso diretamente à realidade dos fatos, por isso se limita a interpretar, reduzindo a importância da coleta e processamento dos dados e ampliando os procedimentos de interpretação e reflexão. Para Vergara (2010, p.175) “A metodologia reflexiva pressupõe um entendimento metateórico, ou seja, o envolvimento do pesquisador com potenciais linhas de pensamento, ao invés de uma formulação teórica definitiva”.

Buscando a linguagem da pesquisa mais próximo da realidade do cotidiano, optei por utilizar o texto no estilo narrativo, trazendo a retórica da reflexão para buscando utilíe e e minConsiderando estaque a

Alvesson e Skoldberg (2000) criaram o quadro de níveis de interpretação que orienta o processo da interpretação reflexiva:

Quadro 5 – Níveis de Interpretação de acordo com a metodologia reflexiva

Aspecto/nível	Foco
Interação com material empírico	Entrevistas, observação de situações e outros
Interpretação	Significados subjacentes
Interpretação crítica	Ideologia, poder, reprodução social
Reflexão sobre produção textual e uso da linguagem	Próprio texto, argumento da autoridade, seleção de vozes representadas no texto.

Fonte: Alvesson e Sköldberg (2000).

3.7.4 O quadro interpretativo da pesquisa

A partir dos quadros de análise criados por Arruda (2005) e Alvesson & Sköldberg (2000), e por entender que existe uma aproximação entre as propostas interpretativas de ambos, elaborei um quadro próprio para o trabalho.

Quadro 6 – Quadro interpretativo da pesquisa.

1 estágio	2 estágio	3 estágio	4 estágio	Representações Sociais
Interação com mat. empírico ↕	Base na literatura, síntese + adequada ↕	Articulação geral com a teoria e os contextos ↕	Reflexão crítica e pessoal sobre a produção textual e o uso da linguagem ↕	
Afinidade das falas ↕	Análise Categorical ↕	Análise Integradora ↕	Análise reflexiva metateórica de todos os níveis. ↕	
Categorização inicial ↕	Categorização Referenciada ↕	Correlações e Co-ocorrências ↕	↕	
Micro interpretações ou interpretações do material empírico. ↕	Interpretação teórica do material empírico ou readequadora do 1 estágio ↕	Interpretação geradora e crítica. ↕	Interpretação Reflexiva e Conclusiva ↕	

Quadro elaborado pelo autor, a partir de Alvesson & Skoldberg (2000) e Arruda (2005).

1 Estágio - Tomar conhecimento do material empírico, fazer uma leitura flutuante buscando uma categorização inicial e através dele a primeira interpretação do material.

2 Estágio - Busca-se fazer uma síntese mais adequada através da interpretação teórica do material empírico e proceder a uma categorização referenciada. É o momento de interpretar seres interpretativos.

3 Estágio - É o momento de buscar uma análise integradora incluindo a articulação geral da teoria com o contexto. Neste nível devemos dar atenção para a dimensão política e ideológica da pesquisa, questionando pontos que podem ter sido considerados “naturais”, “verdadeiros” “mainstream” nos estágios anteriores. É hora da interpretação crítica dos pressupostos das teorias utilizadas. A partir deste estágio, apoiados na base teórica devemos buscar a identificação do esquema figurativo, do princípio organizador e a dinâmica da representação.

4 estágio - O estágio final é o momento de proceder a interpretação da interpretação e da auto-exploração crítica das próprias interpretações, revendo como a produção do texto, os diferentes tipos linguísticos, sociais, políticos e teóricos estão representados na construção e interpretação do material empírico. Para Alvesson & Skoldberg é a hora da reflexão metateórica evitando que o pesquisador fique “travado” em uma determinada posição filosófica na busca da interpretação conclusiva sobre as representações sociais. A interpretação deve ser fluída com o trânsito entre os estágios e também entre as diversas etapas.

4 O PERCURSO DO PROCESSO INTERPRETATIVO

4.1 A coleta de dados dentro do percurso interpretativo.

Dentro da proposta metodológica da pesquisa, a coleta de dados já é parte integrante do percurso do processo interpretativo, assim a estratégia do trabalho de campo foi desenhada com este viés, a partir do qual buscou-se aplicar os procedimentos da contextualização em espiral conforme proposto por Arruda (2005) e da metodologia reflexiva de Alvesson e Skoldberg (2000) nos momentos em que estivemos no campo. Estas propostas metodológicas que, em meu entendimento se complementam colocam a interpretação e a reflexão como mais importantes que a coleta de dados em si, e principalmente durante os dias de imersão nas comunidades experimentei o sentimento do quanto

estão entrelaçados os momentos da percepção, da descrição e da interpretação.

O processo de contextualização em espiral foi se reforçando à medida que a minha interação e imersão na comunidade se ampliava, em muitos momentos nos víamos ouvindo histórias do passado que tinham um fundo de relação com as práticas atuais, processos culturais arraigados na comunidade que direcionavam as ações do campo e transitavam entre o nosso objeto de estudo e as práticas do cotidiano.

Assim o próprio processo de coleta de dados foi trabalhado com o pesquisador buscando manter um olhar interpretativo/reflexivo nas suas observações, o que transformou a coleta de dados em parte real do processo interpretativo. A intenção dos relatos na primeira pessoa, de forma narrativa, é proporcionar ao leitor um acompanhamento *pari passu* do processo da pesquisa, em que as propostas, as ideias e os procedimentos metodológicos do pesquisador vão sendo acompanhados de micro-interpretações, refletindo sobre questões pessoais, tensões e conflitos que acontecem nesta etapa.

Minha intenção era iniciar o processo com a pesquisa documental que poderia nos ajudar a entender a história da Rede Ecovida, do Cepagro e do Grupo Associada, as três entidades que encadeadas faziam parte do foco do nosso estudo. Além do conhecimento da história, das premissas e dos objetivos destes grupos estava interessado em conhecer a sua forma de funcionamento, os desafios e seus principais trabalhos e a aproximação com o campo demonstrou que o trabalho de observação podia ser mais apropriado para o atendimento destes objetivos.

Busquei esta aproximação através do Centro de Estudos e Promoção da Agricultura de Grupo (CEPAGRO), em sua sede junto ao Centro de Ciências Agrárias da UFSC. Nossos primeiros encontros ocorreram em abril de 2013, as primeiras reuniões de que participei ocorreram em conjunto com outros estudantes interessados em realizar suas pesquisas com apoio do centro. Nestas reuniões todos falavam dos seus projetos, o que achei bastante interessante e foi um ponto fundamental para a decisão de encaminhar minha pesquisa dentro de uma das áreas que estavam sendo acompanhadas pelo Núcleo, pois a troca de experiências e a diversidade de temas que estavam sendo tratados fortaleceram minhas ideias iniciais e tornaram mais claras as possibilidades de atendimento das expectativas quanto ao trabalho de campo junto de uma comunidade.

Estes primeiros encontros trouxeram a tona certo desgaste do Cepagro com a grande procura de pesquisadores em realizar estudos com

sua parceria. Considerando estas alegações legítimas, entendi que minha participação no processo deveria minimizar as externalidades negativas e criar uma relação proveitosa com os técnicos e funcionários da ONG, sendo colaborativo e colocando em meu estudo um olhar que pudesse trazer soluções para algumas questões importantes para os projetos do CEPAGRO.

Com esta interação inicial entendi que a participação em reuniões semanais, encontros e eventos organizados pelo Cepagro poderiam trazer mais rapidamente as informações que estava interessado do que a imersão em arquivos em busca de atas, e documentos com as histórias das entidades. A minha estratégia então foi a de primeiro ser “aceito” pelo corpo técnico/administrativo do Centro e para isso comecei a participar da rotina de reuniões que aconteciam todas as segundas-feiras na parte da manhã na sede da entidade. Nestas reuniões fui conhecendo as pessoas e suas funções, em quais projetos atuavam, sua visão do processo, sua influência no encaminhamento dos assuntos, na tomada das decisões e principalmente entendendo o funcionamento da entidade.

Em pouco tempo pude verificar em quantos caminhos diferentes o CEPAGRO estava envolvido e que o meu objeto de estudo tinha relação somente com um destes, o que já me fez entender que minha expectativa era grande, mas que para os projetos da entidade os meus achados não teriam uma grande relevância, o que inicialmente me deixou um pouco frustrado, pois verifiquei que nos projetos em andamento a “agricultura de grupos rurais” demandava no máximo uns 20% dos esforços do Cepagro. Os projetos mais valorizados e rentáveis estavam ligados à agricultura urbana, hortas escolares, tratamento de resíduos, revolução dos baldinhos e outros, não que estes sejam menos importantes para a sociedade, mas não estavam dentro do meu foco de estudo.

Logo vislumbrei a oportunidade de poder ser útil, quem sabe meu trabalho no campo poderia reforçar a importância da atuação dos técnicos junto às pequenas comunidades de agricultores familiares e os créditos que este trabalho estava trazendo para o CEPAGRO. Praticamente assumi um lado, me senti fazendo parte da turma do “rural” e seus projetos ligados à agroecologia, isso me fez mais “participante” do que proposto em meu projeto inicial, que implicaria ter um olhar mais distanciado, mas a realidade vista e vivida me puxaram para dentro do processo.

Com a aproximação com os técnicos da área rural, minha ida a campo começou a ocorrer naturalmente, recebia avisos e convites destes para participar dos eventos e reuniões onde o assunto poderia me

interessar, assim comecei a fazer as primeiras “viagens” para o interior dos municípios de Nova Trento, Major Gercino e Leoberto Leal, onde se localizam as comunidades escolhidas para minhas entrevistas. Minha inserção na comunidade foi sendo trabalhada primeiramente em eventos que acontecem mensalmente e são realizados em propriedades alternadas com o objetivo de ampliar os laços sociais entre os membros do grupo. Estas reuniões são coordenadas por técnicos do Cepagro e minha intenção foi de “pegar carona” com estes técnicos que são conhecidos do grupo e já estão legitimados na comunidade, o que certamente auxiliou na familiarização com estes grupos e na quebra dos obstáculos naturais à presença de um pesquisador.

De maio/2013 a fevereiro de 2014 participei de nove reuniões do Grupo Associada que foram realizadas em residências de agricultores nos distritos de Pinheiral, Bananal e Rio Veado, estes encontros duravam aproximadamente 5 horas, tempo distribuído entre a chegada dos membros, reunião formal e refeições coletivas. Além de render muitas horas e laudas de observações interessantes serviram para reforçar a importância do meu objeto de pesquisa, dos movimentos sociais e do conhecimento produzido no cotidiano.

Esta aproximação com o campo foi uma estratégia desenhada no planejamento da pesquisa e tinha como objetivo final a melhoria do ambiente para a realização das entrevistas em profundidade, que em minha expectativa deveria ser a técnica mais forte entre as que eu tinha planejado aplicar e que deveria me conduzir às principais pistas para o meu processo de interpretação dos dados.

A cada encontro mensal de que participava, sentia que minha presença já era considerada normal e esperada, assim conseguia fazer observações interessantes e também pude ir selecionando as pessoas mais relevantes para as entrevistas. Com este objetivo comecei a demonstrar meu interesse em separarmos um momento para conversarmos sobre alguns temas, e fui criando vínculos, quase compromissos, que teria que agendar um encontro mais formal para realizar as entrevistas. Nas reuniões mensais não havia espaço para essas conversas, pois a prioridade era outra, e na maioria das vezes após a reunião os agricultores retornavam às suas propriedades para dar conta das atividades diárias.

Assim já conhecia as pessoas, tinha uma boa “entrada” no campo, mas não conseguia achar um momento ou ambiente para nossas entrevistas, até que numa conversa com uma agricultora bem influente no grupo comentei que tinha que conseguir um tempo para nossa entrevista. Ela foi categórica: “pra isso o senhor tem que vir morar uns dias por aqui

[...] pode ficar aqui em casa, já hospedei outros estudantes”, a ideia que já existia em meus pensamentos virou uma proposta de trabalho. Na mesma semana comecei a organizar uma agenda de tentativas de “vida na colônia” por alguns dias, conversei com outras duas famílias sobre esta possibilidade e fui também logo convidado a “ser hóspede” em suas residências.

Para marcação das datas tivemos que acertar com as famílias de agricultores e também com outra estudante que estava iniciando um trabalho na região e estava marcando algumas visitas também, além disso, tínhamos o problema do acesso. Para chegar à residência de algumas famílias, é necessário vencer uma estrada de 46 km de estrada de barro, trecho que de acordo com o volume de chuvas, fica quase intransitável para carros pequenos. Em duas oportunidades tivemos que cancelar as visitas programadas por conta das condições da estrada.

Consegui realizar dois períodos de vivência no campo, entre os dias 19 e 22/11 e 14 e 17/12 que foram muito ricos para os meus objetivos da pesquisa e também para o meu crescimento pessoal. A vivência com as famílias de agricultores tinha como objetivo viabilizar o meu processo de entrevistas em profundidade, o que realmente aconteceu, pois conseguíamos acertar um espaço dentro do dia-a-dia de trabalho das famílias e realizar o procedimento mais formal utilizando o gravador.

Para ser coerente com a proposta metodológica, o objetivo era de realizar as entrevistas em profundidade no ambiente natural da práxis dos entrevistados, o que foi realmente feito, oito das entrevistas foram realizadas na residência dos agricultores. Com o presidente da cooperativa, foi conduzida no galpão que é utilizado para a recepção e armazenamento dos produtos dos agricultores, e as duas entrevistas com representantes do Cepagro na própria sede do Centro.

Algumas das entrevistas realizadas nas propriedades foram feitas com o casal, pois aconteciam em momentos em que a família estava reunida. Entendi que, mesmo com as dificuldades adicionais para a organização, transcrição e interpretação das entrevistas, a participação de marido e mulher traria mais consistência às falas e informações para o nosso trabalho. A entrevista com o presidente da cooperativa que, por questões de agenda foi realizada na sede da Cooperativa em Nova Trento (SC), foi interessante, pois produziu uma fala diferente das falas ocorridas nos ambientes familiares.

A proposta era entrevistar agricultores familiares pertencentes ao Grupo Associada e que já estivessem com suas propriedades certificadas

para a produção de alimentos orgânicos, pelos critérios da Certificação Participativa. Este seria um recorte que garantiria que as famílias já estivessem envolvidas com o movimento de produção orgânica há pelo menos um ano. Com este recorte esperava ter um público que já estava participando de debates em que os temas de preservação, sustentabilidade e envolvimento social estivessem mais presentes.

Com este olhar o público alvo ficou restrito a 11 famílias. As observações que realizei durante os sete meses em que acompanhei as reuniões do grupo, serviram para confirmar a perspectiva inicial de que a grande maioria destas famílias já tinha um bom envolvimento com o grupo, e com as premissas da Rede Ecovida para a produção de orgânicos. Serviram também para apontar que algumas famílias, mesmo tendo a certificação, não tinham uma participação relevante junto ao grupo, o que nos levou a excluí-las do público e incluir uma família que ainda não estava certificada, mas já estava acompanhando o grupo durante todo o período das minhas observações. Esta família além de influente na comunidade exercia uma liderança mais forte e pelo seu perfil poderia trazer outra visão para as nossas questões.

Na seleção dos entrevistados participantes do corpo técnico do Cepagro, optei por integrantes que detivessem um maior conhecimento da história da entidade, pois a inserção no dia-a-dia do Centro e a participação em eventos e reuniões foram trazendo-me as informações do funcionamento diário da entidade. Entrevistei então duas pessoas que além de ter amplo conhecimento da história do Cepagro, exercem ainda hoje funções relevantes para o funcionamento da entidade.

Para a condução das entrevistas com os agricultores optei pela conversação, buscando intercalar perguntas abertas conforme roteiro previamente elaborado, com momentos mais livres em que buscava incentivar a narrativa das histórias familiares e as questões cotidianas que pudessem deixar a conversa mais fluída, com maior interação entre a família entrevistada e o pesquisador. O perfil dos representantes do Cepagro entrevistados facilitou o meu trabalho, pois são pessoas que, além de deter grande conhecimento do Centro, têm boa formação acadêmica e um histórico de participação e representação política da entidade.

Nos procedimentos metodológicos existia a previsão de utilizar a técnica de associação de palavras na fase inicial das entrevistas, como uma etapa exploratória. Seguimos esta proposta nas duas primeiras entrevistas com os agricultores, mas o resultado obtido não foi o esperado, as palavras utilizadas estavam relacionadas diretamente aos

nossos objetivos, mas a sua associação livre não foi tranquila para os agricultores. As entrevistas tiveram momentos mais tensos e truncados, exigindo a minha intervenção para dar sequência às falas, o que me levou a alterar o momento de sua utilização, assim a partir da terceira entrevista esperava uma deixa, um comentário que facilitasse a introdução das palavras e o resultado obtido foi melhor, pois, se nem sempre o agricultor conseguiu fazer a associação entre as palavras, não aconteceram mais os problemas das primeiras entrevistas.

As entrevistas em profundidade produziram um volume de material bastante denso e com muitas informações importantes para a pesquisa, mas o resultado obtido pelas observações e pela própria vivência no cotidiano familiar foi mais que acessório ao processo de entrevistas, pois foi com a imersão no campo que pude complementar observações realizadas nos diversos encontros e nas próprias entrevistas formais.

Nestes períodos pude conviver com as famílias de agricultores e sentir a sua realidade vivida, os sentimentos, as grandes preocupações, as vantagens e as dificuldades da vida no campo. Acompanhando o cotidiano das famílias, as observações foram se tornando mais ricas, complementavam e em muitos momentos traziam mais informações que as obtidas nas entrevistas. Esta “imersão” em alguns momentos fez sentir-me como um observador participante, quase um etnógrafo que estava vestindo as roupas, sentindo as dores e os prazeres da vida isolada numa pequena propriedade rural. Meu sentimento é de que a vivência no campo foi o ápice do processo de coleta de dados, sem essa oportunidade teria perdido muitas oportunidades de entender o cotidiano daqueles agricultores.

Para o atendimento do meu objetivo de conhecer mais profundamente a Rede Ecovida e o Cepagro, além da participação em reuniões semanais na sede, participei de alguns eventos importantes para o Núcleo Litoral Catarinense. Um destes eventos que considerei essencial para o meu trabalho foi o encontro anual do Núcleo Litoral Catarinense. Realizado em Rancho Queimado com a duração de dois dias e a participação de todos os grupos integrantes do Núcleo, reuniu mais de 300 pessoas em uma grande festa.

Neste encontro mantive a postura de observador na maior parte do tempo, mas também fui chamado a ser participante em uma das atividades conduzidas pela coordenação geral do evento. Participei na oficina que tratava da comercialização, falando para um grupo de aproximadamente 100 agricultores sobre o tema das cadeias produtivas

locais, demonstrando a importância de cada família e de cada agricultor na construção de um modelo mais justo de produção e comercialização dos alimentos orgânicos. Mais uma vez tive que transitar entre os interesses do pesquisador, preocupado em recheiar seu caderno de campo com novas observações, e a participação mais efetiva na construção de um projeto maior que seus objetivos de pesquisa. Isto reflete as ambivalências ou conflito de papéis que a pesquisa qualitativa muitas vezes impõe ao pesquisador. Este momento também contribuiu para melhorar minha imagem junto ao grupo, as pessoas já se aproximavam para conversar sobre comércio justo, gargalos da comercialização e outras questões importantes para a sobrevivência dos grupos e do próprio projeto de produção de alimentos orgânicos.

Outro evento importante para o atendimento de um dos meus objetivos específicos foi participação na reunião plenária da Rede Ecovida com representantes de todos os núcleos de Santa Catarina, onde são debatidas e encaminhadas as decisões sobre questões importantes para o futuro da Rede no estado. Neste encontro, por conhecer poucas pessoas, busquei manter a postura de observador atento e fui surpreendido pelas lideranças que emergiam dos debates. Os apertes demonstraram que, as pessoas que ali estavam, tinham muito conhecimento dos princípios da Rede Ecovida, atentas para questões sociais, de gênero, problemas que inviabilizam a permanência dos jovens no campo e outras questões relevantes para toda a sociedade.

As questões econômicas permearam a grande maioria das questões colocadas, nada muito distante dos problemas vivenciados pela população em geral: como melhorar a rentabilidade e o resultado de cada propriedade para trazer mais integrantes para o movimento? Também não faltaram questões sobre a organização burocrática principalmente ligada à certificação participativa e sobre a quantidade de documentos que cada grupo precisa manter em dia. O debate sobre a representação política do grupo também foi bastante intenso, trazendo à tona o posicionamento de um grupo bastante representativo que não enxerga a Rede Ecovida somente como um conjunto de agricultores familiares preocupados com as questões da produção e comercialização de seus produtos. Para estes membros, a representação política é considerada imprescindível para a continuidade dos projetos da Rede.

A participação na Reunião da Comissão de Ética do Núcleo Litoral Catarinense, ocorrida em fevereiro de 2014 na residência de um associado no distrito de Pinheiral com a participação de mais de 60 pessoas - representantes de todos os grupos ligados ao Núcleo Litoral

Catarinense - foi também um evento muito importante para conhecer o funcionamento do Núcleo, e dos princípios da Rede Ecovida que permeiam as relações dentro do Núcleo. Esta reunião é um dos mais importantes fóruns dos Núcleos, pois reúne um grande conselho de membros representantes influentes e legitimados dentro dos grupos. O encontro tem poder deliberativo, encaminhando temas e direcionando as ações que os grupos devem seguir nos meses seguintes. Neste encontro, apareceram questões que não são tratadas nas reuniões de grupos, ficando também mais aparente as influências de lideranças, e o exercício do poder por alguns membros mais antigos. Afloram também, em diversos momentos algumas tensões, demonstrando que existem questões não equacionadas entre grupos, entre grupos e os técnicos do Cepagro e entre os próprios agricultores.

Uma das questões que inquieta principalmente os membros mais tradicionais do conselho, é o grande interesse de pessoas que não tem os mesmos princípios da formação da Rede Ecovida, e que querem participar dos grupos. O debate é intenso, pois agregar novos integrantes é essencial para o crescimento dos grupos, mas os interesses de pequenos empresários, comerciantes, profissionais liberais, técnicos ligados a governos municipais, entidades de classe e dos pequenos agricultores nem sempre são os mesmos. Em alguns grupos a participação de determinadas pessoas está causando certo desconforto às lideranças do Núcleo Litoral Catarinense.

Outra tensão ocorre entre os agricultores familiares, os comerciantes que fazem a ponte da comercialização e os técnicos do Cepagro. Os técnicos estão ligados ao Cepagro, conhecem os princípios da Rede Ecovida e trabalham com uma visão macro da agroecologia, e de alguma forma influenciaram os agricultores a seguir esta bandeira e são vistos na comunidade como essenciais para a continuidade do projeto. Os comerciantes encarregados de fazer a ponte entre a produção e os pontos de venda, tiveram que realizar investimentos em transporte, locais para armazenamento dos produtos, contratar pessoas para coletar os produtos nas lavouras, fazer feiras e entregar no Box de responsabilidade do grupo, no Ceasa em Florianópolis, e sofrem pressões tanto dos consumidores quanto dos produtores. Os agricultores familiares muitas vezes a iniciantes na produção de orgânicos ainda não estão seguros que estão no caminho certo, muitas vezes são questionados dentro da própria família e também por vizinhos que continuam cultivando suas áreas nos métodos tradicionais. Os agricultores ainda sofrem fortes influências dos

interesses da indústria tabagista que está sempre trabalhando para não reduzir sua área de produção.

Os conflitos em sua grande maioria são gerados pelas questões econômicas, pois todos os envolvidos dependem da geração de renda para a sobrevivência de suas famílias e projetos. Estas questões, em muitos momentos se sobrepõem as questões da própria produção agroecológica e às diretrizes da Rede Ecovida. A forma democrática da tomada de decisões colabora para a existência de opiniões diversas e debates acalorados durante a reunião, e se não tem poder de solucionar as divergências e tensões consegue encaminhar decisões que se não de consenso, são razoavelmente aceitas pela grande maioria dos presentes.

Fui convidado a participar de diversos eventos da coordenação do Cepagro, o que foi bastante rico e esclarecedor para o atendimento do objetivo de conhecimento do funcionamento da ONG. Participei inclusive dos três encontros que serviram de base para a definição das diretrizes do planejamento estratégico de 2014. Nestes encontros mais uma vez tive que manter uma postura mista entre observador e o participante que poderia auxiliar (agora já com conhecimento de diversas questões de campo) na produção de um planejamento mais qualificado. Em diversos momentos tive que fazer um policiamento pessoal para não deixar minhas questões pessoais e até ideológicas influenciar na questão do observador/pesquisador. A forma da condução e debate dos temas realça as diversas facetas da instituição, a diversidade de opiniões e pensamentos existentes produz um debate cheio de vieses: questões sociais, culturais, políticas e econômicas permeiam os debates que se mantêm em um nível elevado apesar das visões diferenciadas, e da falta de encaminhamento para algumas questões importantes.

O trabalho de análise documental que estava previsto para a primeira fase da minha coleta de dados foi realizado durante a imersão em Rio Veado, onde tive acesso aos livros de atas, planos de manejo das propriedades e outros documentos do grupo Associada, e ao final do processo junto ao Cepagro. A análise que estava prevista para ser realizada na primeira etapa do processo acabou sendo um instrumento de revisão e confirmação dos achados no campo.

Os pequenos períodos de imersão tiveram também o poder de me tirar da minha realidade, isolar-me do meu mundo por alguns dias, e isso foi fundamental para minhas observações. A vida no campo proporcionou-me momentos de reflexão sobre meus achados que não seriam iguais se ao final do dia estivesse retornando para a “minha vida”. Minha cabeça e meus pensamentos passaram a entender mais o

significado das palavras, das respostas, das não respostas, das negativas; minhas reflexões foram mais limpas, mais claras, as entrevistas podiam ser confirmadas pela vivência, e, muito mais do que isso, a vivência respondeu a muitas questões não feitas.

Estas minhas reflexões e microinterpretações ocorridas durante o campo foram sendo repassadas para meu caderno de campo e no capítulo posterior compõem um quadro narrativo, onde procurei trazer para a pesquisa o sentimento e as reflexões do pesquisador no momento e no ambiente dos fatos e das falas.

4.2 Contextualização das representações sociais - Narrativas do Campo

Estou iniciando uma nova etapa no meu processo de pesquisa. A distância entre Florianópolis e Nova Trento é percorrida em aproximadamente 1:30 hs, o dia está bonito e o trânsito na BR 101 sentido norte, por enquanto está tranquilo. Enquanto viajo vou organizando meus pensamentos, após seis meses de aproximação estou indo ao encontro do que considero realmente o forte de meu trabalho de campo, vou iniciar a etapa das entrevistas com os agricultores familiares e estou um pouco ansioso pois sei que este momento é o mais relevante do processo de pesquisa.

Cheguei em Nova Trento em torno das 10:00 hs, a cidade ainda está muito tranquila. Sua concepção, com pequenas lojas e as agropecuárias trazem recordações do passado quando trabalhei em pequenas cidades no interior do Rio Grande do Sul que pulsavam e viviam em torno da agricultura. Parei na agropecuária para buscar informações da loja da Coopertrento, local onde encontraria o Sr. Alfredo Weiss para a minha primeira entrevista. Após algumas informações cheguei ao local mas o Sr. Alfredo não estava, tinha se deslocado para um galpão novo que estava arrumando para ser a sede da cooperativa. Mais alguns minutos e encontrei o local, o Sr. Alfredo estava sentado em uma mesa de madeira recém construída, com um dos técnicos do Cepagro e mais uma pessoa que não conhecia. Falavam sobre a comercialização, detalhes de pagamentos das mercadorias, prazos, controles e acertos necessários para melhorar o fluxo de produtos para o Box que centraliza a comercialização dos produtos orgânicos no Ceasa em Florianópolis.

Fui logo convidado a sentar e fiquei aguardando sem nenhuma manifestação até o final da conversa. Assim que os interlocutores saíram o Alfredo de uma forma muito tranquila me contou detalhes da conversa, o que considerei importante pois ele estava contando coisas do funcionamento da cooperativa como se eu fosse um velho conhecido, o que para mim foi a demonstração de que o longo tempo utilizado na aproximação e conquista da confiança dos agricultores poderia estar surtindo os efeitos desejados.

Depois de uma breve conversa informal, aproximadamente às 11:15 hs iniciei a entrevista, que fluiu num ritmo adequado pois de todos os integrantes do grupo Associada o Sr. Alfredo deve ser o interlocutor mais procurado e mais habituado a falar. O galpão que estava sendo preparado para ser um ponto de recebimento de produtos agrícolas da Coopertrento estava ainda bastante vazio, e em alguns momentos os ruídos no ambiente eram muito fortes; havia um pássaro do tipo ferreiro que cantava estridentemente, e um irmão do Sr. Alfredo estava trabalhando com madeira na área externa, mas bem próximo a nossa mesa e de pouco em pouco usava uma serra elétrica que também atrapalhava bastante, mas estes pequenos problemas não tiveram influência no ritmo da entrevista. O Sr. Alfredo me pareceu muito consciente do seu papel no grupo e do potencial da agricultura orgânica, associei o seu trabalho à figura do empresário-coletivo¹¹ muito frequente nas análises dos distritos industriais. As ideias do Sr. Alfredo me transportaram a este tema, pois me pareceu que ele está fazendo este “empresariamento coletivo” e levando com seu dinamismo toda uma comunidade a buscar novos caminhos.

Um ponto que me chamou a atenção na entrevista foi a questão dos jovens na colônia e o processo de educação. O Sr. Alfredo entende que os jovens devem estudar e seus filhos estão estudando, mas salientou que o estudo não é direcionado para os jovens do campo, “pois a escola que temos hoje ensina aos jovens práticas contrárias do que ele vive, prepara as pessoas para trabalhar em um escritório e não na roça, assim quem estuda quase sempre abandona o campo e vai para a cidade”.

Terminamos a conversa formal às 12:30 hs e fomos almoçar (eu, Sr. Alfredo e seu irmão) num restaurante de Buffet a kilo bem em frente ao novo galpão da cooperativa. No almoço a conversa continuou sobre a história da família, pois seu irmão saiu da colônia ainda jovem e foi

¹¹ COCCO, G.et al.(orgs) **Empresários e empregos nos novos territórios produtivos – o caso da terceira Itália**. Rio de Janeiro: DP&A ,1999.

trabalhar na empresa Tigre em Joinville, onde mora até hoje, e como está aposentado e tem habilidades para trabalhar com madeira, móveis, mesas, bancos, está ajudando o Sr. Alfredo a preparar a nova sede da cooperativa. Durante o almoço contaram histórias sobre a região onde viviam, como trabalhavam no fumo, desmatamento, dificuldades da vida na colônia há 40 anos, sobre a vida na cidade e as relações entre quem vive no campo e na cidade. Ainda não tínhamos terminado de almoçar quando o Sr. Alfredo foi chamado para receber um caminhão de produtos e nos deixou no restaurante, ficando eu e o Sr. Carlos conversando mais um pouco. Paguei o almoço e retornamos para a sede da cooperativa, onde fiquei mais alguns minutos e decidi continuar o meu roteiro.

Deixei Nova Trento em direção ao distrito de Rio Veado aproximadamente às 13:30 hs. O trecho agora é de estrada de terra, 46 km margeando o rio e tenho que ficar muito atento, pois é a primeira vez que percorro este trajeto dirigindo sozinho. A estrada estava em bom estado, estava sem chover há uns três dias, assim havia poucos lugares com barro, mas a chuva da última semana deixou a estrada um pouco mais macia. Durante o percurso, ainda ficava pensando em alguns trechos da entrevista com o Sr. Alfredo “o estudo não é feito para os jovens permanecerem no campo”, quando terminam os estudos vão procurar trabalho num escritório, pois foi isso o que eles aprenderam na escola”, e as palavras martelando meus pensamentos, pois sempre tive como premissa que o jovem do campo precisa estudar para abrir horizontes, mas de acordo com a opinião de uma pessoa com bastante conhecimento isso lhes tira do seu ambiente. Precisamos de jovens no campo, precisamos da população rural, mas nosso sistema de ensino não está alinhado com as reais necessidades do ensino nos ambientes rurais. Isso me transportou para as aulas no curso de antropologia com indigenistas¹² que defendiam a teoria de que o convívio das tribos com os homens brancos trazia mais problemas que soluções. A busca de soluções em “receitas” tradicionais que servem para as cidades e para os grandes conglomerados pode estar gerando distorções nas comunidades que não se enquadram nestes modelos.

A paisagem durante a viagem é muito bonita, muito verde, água em abundância correndo o tempo todo ao lado da estrada, morros totalmente cobertos de mata, alguns parreirais e muito sobe-e-desce na estrada, as pequenas propriedades às vezes parecem “penduradas” nos

¹² Curso de Antropologia da UFSC. Disciplina: Identidades, territorialidades e conflitos sociambientais: conservação e modo de uso comum dos recursos.

morros. Grandes áreas de reflorestamentos de eucaliptos e algumas agroflorestas com espécimes exóticas podem ser pistas de um passado de desmatamentos.

Vencida a estrada, cheguei à residência do Sr. Alberto às 14:45 hs. Estacionei e fui chegando discretamente, Sr. Alberto e Dona Cora estavam na varanda, sentados num toco de árvore com as costas apoiadas na parede, descascando feijão de vagem. A recepção foi como sempre muito educada, mas um pouco distante. Os filhos homens já estavam na roça, e a filha adolescente tinha acabado de voltar da escola.

Apesar de ter ligado pedindo estadia, deixei minha mochila com as minhas roupas no carro, fui chegando discretamente para sentir o ambiente durante o resto do dia, não queria causar maiores constrangimentos. Sentei (a convite) numa cadeira de palha em frente ao casal que continuava trabalhando e fui puxando assunto, falando do trabalho do Alfredo, da última reunião do grupo Associada, e a conversa foi fluindo. Observei que o trabalho que estavam fazendo ia longe, pois estavam descascando um saco de feijão de vagem e tinha uma fila com mais seis sacos cheios (aproximadamente 130 kg), perguntei se o trabalho era para a indústria de conserva e eles confirmaram e emendaram dizendo que o Joao (da indústria) viria buscar tudo na manhã seguinte. Então como não queria atrapalhar muito, propus que fizéssemos a entrevista assim como estávamos... “bom, pelo que tô vendo, vocês não podem parar de descascar o feijão, pois senão não vai estar pronto até a noite, então como vocês trabalham com as mãos e as minhas perguntas vocês podem responder com a boca podemos fazer tudo ao mesmo tempo”. O Sr Alberto ainda retrucou que “se precisar parar a gente para, não queremos deixar de lhe atender”, mas concordou com a minha proposta.

Expliquei as questões processuais, uma leve passada pelo meu trabalho na UFSC, levando o meu objetivo mais para a análise do desenvolvimento territorial e tentei deixá-los à vontade para as questões que poderiam ser respondidas pelo casal ou por um dos dois quando se sentisse mais a vontade. Sr. Alberto fala mais, toma a frente em quase todas as respostas e D. Cora responde poucas questões, mas acompanha com sinais de cabeça positivamente e muitas vezes demonstrando não concordar ou não entender as respostas do Sr. Alberto. Quando os temas ficam mais abstratos (sustentabilidade), o Sr. Alberto pede para D. Cora responder “esta é contigo”, que se esquivava dizendo não entender e chama em voz alta sua filha que está dentro de casa... “Carla, venha cá, tu que estuda tem que saber isso”, mas a Carla fica onde estava, quando o

assunto volta a ficar estranho o pedido se repete, mas a menina aparece e muito envergonhada não responde.

O Sr. Alberto, quando não entende as questões, procura desconstrair, dizendo “agora tu me pegou”!, “tu faz pergunta difícil e eu vou responder coisa difícil”, mas procura ser colaborativo. Em determinado momento me convoca a fazer um chimarrão, com a erva que havia lhe dado de presente. “Carla, esquentar uma água que o Sr. Jorge vai nos fazer um chimarrão de gaúcho”, convite aceito, interrompo um pouco a entrevista e vou a cozinha preparar o mate e passo a fazer perguntas e encher o chimarrão. O chimarrão ficou bom, sem tranqueira na bomba, mas senti que eles gostam mais da erva mate que há na região (mais grossa), mas o ambiente ficou ainda mais amigável e a própria cultura da roda de chimarrão facilitou minha função, pois normalmente quem está servindo o chimarrão está no comando da conversa, com um pouco de poder....e pude apertar um pouco mais na busca das respostas, tipo “vamos lá D. Cora, me pareceu que a Sra. tem uma opinião sobre esse assunto”, e a entrevista foi fluindo. Aos poucos os filhos voltaram da roça para um pequeno descanso e ficavam na varanda, não muito perto que pudessem se comprometer e ser chamados a responder, mas entraram na roda de chimarrão. Voltamos para as questões da entrevista e quando verifiquei que estávamos com quase 1:30 hs de gravação fui encaminhando o final pois achei que outros pontos poderiam ser explorados durante minha convivência com a família.

Desligado o gravador continuamos conversando e o trabalho da família evoluindo, já ao escurecer (os mosquitos estavam me pegando, mas não queria dar sinais de fraqueza e ir ao carro pegar o repelente, até que não deu mais e falei que os bichinhos estavam gostando do sangue doce do povo da cidade e busquei meu repelente). Os filhos foram chegando para ajudar no trabalho, primeiro a filha mais nova que estava em casa, depois os três meninos que tinham acabado de tratar a criação e buscar salada na roça para enviar para comercialização na manhã seguinte. Conforme se aproximavam logo iam pegando uma faca e se juntando ao trabalho dos pais (cheguei a pensar em me oferecer para ajudar, seria mais observação participante, mas pensei no meu objetivo e fiquei mais atento ao que poderia observar).

Durante a entrevista o Sr. Alberto não criticou a indústria do fumo, falou que se criou trabalhando com o fumo e nunca ninguém de sua família teve problemas, que era uma renda certa, que o fumo sustenta várias famílias e ajudou a criar a sua, mas durante momentos informais após a entrevista, num segundo chimarrão, contou a história de como

deixou de plantar fumo, neste momento demonstrando muita insatisfação pela forma que os colonos são tratados pelas fumageiras, pois são praticamente empregados, fazendo tudo que as indústrias pedem e dependem totalmente da classificação do fumo feita pelos técnicos das empresas para saber o resultado de sua produção. Contou que na última lavoura feita se considerou logrado, pois trabalhou com a família durante todo o ano e no final recebeu R\$ 300,00, dinheiro que tinha que sustentar a família durante todo o próximo ano. Nas primeiras amostras tinha recebido muitos elogios pela qualidade do seu produto, mas quando chegou a hora de pegar o dinheiro recebeu aquele valor e ainda ouviu do funcionário da fumageira que estava pagando aquele valor como forma de ajudar, pois o fumo não valia o que estava sendo pago. Este episódio lhe deixou muito chateado “vou parar de ser empregado e não receber nada” e decidiu não plantar mais fumo. Pensou “morrer de fome nós não vamos e vou parar de mexer nestes venenos”, assim na conversa informal vieram à tona as tensões existentes entre os agricultores e as indústrias fumageiras, que apesar de não ser tema deste estudo continuam presentes na comunidade.

O trabalho continuou até às 21:00 hs ainda na varanda quando D. Cora disse que devíamos entrar pois iria preparar a janta (mas ainda tinham quase dois sacos para descascar que foram levados para dentro de casa). Enquanto a mãe trabalhava na cozinha o Sr. Alberto e os filhos continuavam descascando o feijão até as 22:00 hs quando fomos para a mesa e o trabalho foi interrompido. O jantar foi primeiro um café preto com açúcar direto no bule, pão com geleias da agroindústria e cuca feita em casa (uma maravilha) e depois foram servidos dois tipos de sopas, muito boas também. Uma das filhas do casal que trabalha na agroindústria e mora na propriedade ao lado veio para buscar seus filhos e fazer a entrevista conforme havíamos combinado.

Após o jantar D. Cora e sua filha mais nova foram arrumar a cozinha, Sr. Alberto terminou o trabalho e arrumou o feijão descascado em caixas de papelão e os filhos foram olhar TV, a novela da Globo estava num capítulo agitado, monopolizando atenção total. A família grande e reunida em torno da TV não difere nada do que vivenciamos na cidade, mas o ambiente é muito bom, muitas brincadeiras entre os irmãos e os pais, Sr. Alberto é bastante brincalhão com a família. Fiquei com a impressão que a grande diferença na convivência familiar é a proximidade das pessoas, que trabalham juntas, precisam combinar o que fazer diariamente, são responsáveis pela produção e cuidado da propriedade e mantêm os hábitos de tomar café, almoçar, jantar e depois

olhar TV juntas, diferente da maioria das casas na cidade nas quais as famílias tem mais dificuldade para manter esta proximidade.

Enquanto a família se divertia em frente à TV na pequena sala contígua à cozinha, iniciei a entrevista com a Karina, que trabalha na agroindústria a mais ou menos 100 metros da propriedade de seus pais e desempenha um papel muito importante na organização do grupo Associada. Ela e sua irmã Clarice cuidam das atas das reuniões, auxiliam na elaboração dos planos de manejo das propriedades, mantêm os contatos via internet com outros associados, com o Cepagro e com outros grupos, o que lhes dá uma visão abrangente do processo da produção orgânica.

A Karina é uma jovem de 26 anos, que estudou até a 8ª série mas é usuária da internet demonstrando um bom conhecimento do mundo, e com o que aprendeu na escola formal consegue se destacar nas atividades da comunidade. É também responsável pela documentação, contatos e vendas da agroindústria, o que faz com tranquilidade. Trazendo a questão do estudo dos jovens no campo o seu pensamento é de que o que estudou é suficiente para as atividades que pratica, teria que voltar a estudar se fosse morar na cidade e procurar outro tipo de emprego, mas não tem isso como horizonte, pois considera a vida no campo melhor e na comunidade em que vive os jovens estão conseguindo se manter no campo, principalmente pelas atividades da agroindústria. Tem muita esperança que o crescimento da agricultura orgânica possa representar mais um incentivo para os jovens se manterem em suas comunidades.

Como estávamos praticamente no mesmo ambiente em que a família estava reunida olhando a novela, em alguns momentos as emoções, os comentários e os ruídos estavam fluindo no ambiente assim como nossa conversa também poderia estar atrapalhando a família, sugeri interromper nosso processo e deixar a entrevista para o outro dia após o expediente na agroindústria. Logo após (já passavam das 11:00 hs) pegou seus filhos que já estavam dormindo e seguiu para sua residência, pois começaria nova jornada às 7:00 horas da manhã.

Após o encerramento da entrevista, D. Cora me mostrou o quarto onde iria dormir, era de um dos meninos que foi dormir no chão do quarto dos outros irmãos, fiquei um pouco constrangido, mas não tinha muito a fazer, não iriam me deixar dormir na sala ou no chão. Só neste momento, mais ou menos 11:30 hs, fui pegar minha bolsa no carro e tomar banho. Era noite de futebol na TV (Brasil x Chile) e todos os homens ficaram na sala para assistir o jogo, tomei banho e juntei-me a eles, apesar de cansado (tinha acordado às 4 horas da manhã) mas resolvi

ficar junto. Todos gostam de futebol e era mais uma oportunidade que tinha de conviver com a família. Não aguentei o sono e no início do segundo tempo fui dormir e soube do resultado do jogo no café da manhã pelo Sr. Alberto que foi o único que ficou até o final.

O dia inicia cedo na propriedade, pois a filha mais nova acorda às 5:00 horas para esperar a condução que a leva para a escola e todos já têm suas tarefas. Acho que era próximo as 6:00 horas, ainda escuro, quando escutei barulho de água enchendo o tanque (acho que é para lavar a salada que vai para Florianópolis); levantei em torno de 7:00 horas e o café estava sendo posto à mesa. Um dos filhos (16 anos) que trabalha na agroindústria já havia saído pois começava às 7:00 horas, os outros conversavam com o pai sobre quais atividades a fazer durante o dia, olham para o céu para saber se podem pulverizar uma lavoura ou se vão trabalhar mais próximo da casa, é uma reunião de trabalho comandada pelo pai que com a participação de todos encaminha as questões mais importantes para o dia.

Sr. Alberto ficou trabalhando em volta da casa para me dar mais atenção, D. Cora cuida da casa que é grande e dos dois netos pequenos, filhos da Karina que trabalha na agroindústria. Eles acordam sozinhos e vêm para a casa dos avós para tomar café e ficar em torno deles até depois do almoço quando o mais velho vai para a escola.

Durante o dia, além de acompanhar o Sr. Alberto em suas atividades, ver o estado das plantas, tivemos bastante tempo para conversar sobre a vida no campo, sobre os jovens e uma das grandes preocupações da família com as dificuldades para manter os filhos na escola. O casal ficou um bom tempo falando da luta para tentar acertar para que os filhos pudessem fazer o segundo grau na escola de Pinheiral que fica somente a 8 km de sua propriedade. Ocorre que Pinheiral é um distrito de Major Gercino e sua propriedade está no município de Nova Trento que fica a 50 km de distância. Estão tentando que as duas prefeituras acertem o transporte escolar para que mesmo estando em outro município a condução venha pegar os estudantes da comunidade, mas até agora não conseguiram nada, assim os filhos mais velhos já pararam de estudar, e sua filha mais nova deve estar no último ano de estudo pois no distrito de Aguti (15 km) só há o primeiro grau.

Para seus filhos estudarem em Nova Trento, gastariam aproximadamente 4:00 horas de deslocamento, com mais quatro horas na escola passariam o dia todo envolvido com deslocamento e escola e não teriam tempo para ajudar na propriedade. Se pudessem estudar no município vizinho onde há escola de segundo grau o deslocamento cairia

para 30 minutos, o que possibilitaria que além de estudar os filhos pudessem auxiliar nos trabalhos da propriedade, o que consideram imprescindível pois não têm condições de manter a propriedade sem a mão de obra dos filhos . Cabe observar que a comunidade fica em Rio Veado que pertence a N. Trento mas fica na divisa com Pinheiral, que pertence a Major Gercino, e a burocracia pública não consegue acertar para fazer o transporte escolar fora do município alegando que o carro de um município não pode buscar alunos em outro município. É a divisão territorial imposta, causando problemas e não observando o território construído.

A filha de 13 anos está na 7 série e vai à escola em Aguti pela manhã e retorna no início da tarde auxiliando a mãe na casa, tirando leite e tratando os animais. Perguntei a ela, na frente do pai e da mãe, se ela gostaria de continuar estudando no próximo ano e a resposta foi um sim somente com a cabeça, mas com um olhar que me pareceu de tristeza/resignação e de pouca esperança. Assim como a grande maioria dos jovens rurais, ela tem um destino mais ou menos traçado, seus irmãos de 16, 20 e 26 anos estudaram somente até o primeiro grau e trabalham pesado na roça, não têm horário e nenhum tipo de salário. Perguntei ao pai se ele dá algum dinheiro para os filhos como recompensa pelo trabalho na propriedade e me respondeu que não, isso não existe, “sempre ofereço um dinheirinho quando eles pegam a moto e vão lá na cidade, mas eles ficam mais em casa mesmo”, em outro momento perguntei (bem informalmente) ao filho mais velho porque os jovens vão para a cidade e ele demorou para responder, primeiro não sabia, depois foi falando aos poucos “ lá no final do mês tem salário, tem horário para trabalhar e tem mais diversão”.

Voltando a conversar com D. Cora sobre os filhos e os estudos, ela falou que os filhos precisam começar a trabalhar e ajudar bem cedo. Sua família é uma exceção pois todos os filhos ainda estão no campo e vivem próximos, mas diz que o normal é que os jovens que estudam não voltem para o campo “se eles estudam eles não voltam a trabalhar na roça, nenhum dos que foram estudar na cidade voltou para a roça, todos ficaram por lá, né?” .

Aos poucos foi contando a história da sua vida nos primeiros anos de casada, o quanto tinham que trabalhar. Para poder ir junto com o marido na roça deixavam as crianças com mais ou menos 40 dias sozinhas na casa, trancando-as no quarto, davam comida e iam para a roça. Voltavam só no horário do almoço e a tarde repetiam a mesma rotina. Ficava preocupada mas era o único jeito de sobreviverem,

precisavam trabalhar de sol a sol, depois as filhas um pouco maiores ficavam cuidando dos pequenos.

O dia passa entre muito trabalho na casa, na roça e pequenas pausas para o café, os meninos que estão trabalhando em locais mais distantes da casa no meio da manhã e da tarde voltam para tomar um café e descansar um pouco. A dona da casa inicia cedo com os preparos para as refeições, o fogão a lenha está continuamente com fogo, sempre tem um café pronto e água quente para o chimarrão. Pergunto de onde vem a tradição do chimarrão e D. Cora conta que tinham uns vizinhos que prestavam serviços nas lavouras e gostavam do chimarrão e isso foi passando e hoje toda a comunidade tem o costume. O almoço é todo feito com produtos caseiros, carne de gado, porco e frango que são criados na propriedade, verduras, legumes e tubérculos produzidos ali mesmo, as comidas misturam costumes alemães e poloneses.

O horário do almoço principalmente nos dias quentes é mais longo, para se livrar do sol abrasador ainda fazem uma pequena sesta após as refeições e depois conversam um pouco na varanda. Depois trabalham até o sol cair, pois quando voltam da roça, precisam cuidar dos animais, preparar possíveis pedidos de produtos para enviar para feira ou para o Box do Ceasa em Florianópolis. Quando terminam todas as atividades o jantar já está sendo colocado, normalmente são sobras do almoço, sopas, e finalizam com um café acompanhado de queijos, pão e bolos caseiros. Após o jantar o divertimento é a televisão, as novelas, e depois o futebol, até que o cansaço vai levando a pequenas cochiladas ainda na sala e aos poucos todos buscam suas camas.

Na segunda manhã, depois de conversar e acompanhar as primeiras atividades diárias, e para não atrapalhar demais o dia de trabalho do Sr. Alberto, combinei que enquanto ele encaminhava algumas tarefas eu precisava de um tempo para escrever, estudar um pouco e fiquei bastante tempo escrevendo na varanda, os netos da D. Cora queriam ficar por perto pois gostavam de ver meu computador, meus livros e meu tablet. Este tempo foi muito importante para minhas reflexões; estar no ambiente do campo, poder se desligar das outras preocupações e observar, simplesmente observar as famílias trabalhando, conduzindo suas tarefas, viver o seu dia-a-dia- isso tudo proporcionou-me dar formas ao que antes apenas imaginava, o que era um projeto começava a se materializar. Meu caderno de campo vira um confessional, preciso contar o que estou sentindo, volto à bibliografia que carrego e vejo questões que são debatidas e que posso transportar

para o ambiente que estou conhecendo, algumas representações sociais ainda que discretamente começam a aparecer.

Meus momentos de observador não passam despercebidos pela família, “o que o Senhor tanto escreve neste seu caderno?”, “é preciso estudar muito para estar na Universidade, não é?”, “nós vamos poder ler estes escritos?” questiona a D. Cora enquanto vai e vem em suas tarefas. Este interesse também passa a ser parte do nosso relacionamento, em muitos momentos as funções se invertem e passo a ser o entrevistado. O que estou estudando? Por quê o interesse na vida da comunidade; o que é um mestrado; como vive um pesquisador; como trabalha; como ganha para sustentar sua família; este seu estudo pode vir a ajudar na venda da produção. São muitas questões que demonstram o interesse e também uma certa perplexidade, pois estão sendo procurados por estudantes para falar de coisas que fazem a vida toda.

Assim passamos o dia, acompanho as atividades e gosto de ver as lavouras de alfaces, pimentões, alhos poró, repolhos, cenouras, beterrabas e entender como combatem as pragas, as dificuldades com as formigas, o que fazem quando não recebem pedidos e as hortaliças estão prontas na horta? . Fico tão envolvido que penso que gostaria de ter sido um agricultor, pois admiro muito as alfaces enormes com seus tons de verdes, a grande lavoura de repolho roxo; poder colher, lavar e já comer produtos saudáveis e frescos está tão distante do meu atual estilo de vida que acho maravilhoso, em muitos momentos peço autorização para tirar fotografias e a família fica muito feliz com o resultado de seus esforços. Depois, me recolho a um cantinho na varanda, reflito sobre minhas observações, transcrevo para meu caderno tudo o que considero diferente ou relevante para meu trabalho, minhas anotações vão para o computador, fico relembando dos principais autores e agradecendo por ter sido tão bem recebido pela família.

Ao final da tarde, durante o chimarrão, a conversa é bem informal, falo de minha família, do trabalho, de minhas filhas e continuo escutando e observando. D. Cora fala de como a vida melhorou nos últimos anos, hoje com a produção de orgânicos sempre há um dinheirinho, diferente da época que plantavam fumo e só tinham dinheiro uma vez por ano, se a safra fosse boa podiam guardar e pagar as contas, mas quando era um ano ruim ficavam sem poder comprar nada e lutavam para não passar necessidades. Hoje se sente muito feliz, pois está na casa nova que era o seu sonho, tem uma casa boa, com quatro quartos, uma cozinha grande e uma enorme varanda que acomoda bem toda a família, “alguns anos atrás eu não teria coragem de receber um estudante da

cidade na minha casa”, e apontou para uma construção antiga que hoje é utilizada como depósito. O Sr. Alberto contou como construiu a casa com o financiamento em Banco para pagar em cinco anos, já pagou dois e vai guardando todo mês um pouquinho para pagar a prestação anual, a casa ainda não está bem terminada, falta pintar e arrumar algumas coisas mas é realmente muito boa e já é um motivo de orgulho de toda a família.

Sr Alberto falou sobre as leis que dificultaram muito a vida do colono, pois não permitem que ele venda um queijo na cidade, não pode vender ovos e outros produtos que são de ótima qualidade mas porque são manuseados nas propriedades não podem ser vendidos. Isso reduziu as possibilidades de renda para os colonos, “todo leite que não era utilizado pela família era destinado para a produção de queijos, que juntos com ovos e outros produtos eram vendidos nos mercadinhos da cidade”. Demonstrou bastante irritação com estas leis: “isso é só para fazer que o colono pague mais imposto”; “se pagar imposto pode vender até produto estragado”; “quando eles pegam um produto do colono eles queimam tudo, é um pecado ver produtos de primeira sendo queimados”: “vê se tem cabimento, o leite que o Senhor me viu tirar da vaca não pode ser vendido pois pode matar alguém, nunca soube disso, mas o leite que fica nas caixinhas lá no mercado é considerado bom, mas de que jeito pode alguma coisa dessas?”. A indignação é corroborada pela sua esposa que se mostra também bastante irritada com o que considera “coisas de quem quer prejudicar os colonos”. A conversa continua e o casal traz novamente a questão do fumo,

[...] será que se não existisse o fumo ninguém morreria de câncer? Morria menos, mas eu acho que eles (a imprensa) nunca vão dizer. Todo conservante é droga toda água tratada que toma lá na cidade tem algum produto que pode estar fazendo mal a saúde, pode tá estragando a saúde do ser humano. E o leite que é dá caixinha? Nós aqui tira ali da vaca, bota aqui dois dias, três dias e já faz o queijinho, já tá quase coalhado, tá azedo já, né? E na caixinha que fica lá na prateleira do mercado o mesmo leite lá e não se estraga por quê? Porque tá cheio de conservante que faz mal à saúde, então não é só o fumo que causa câncer, tem gente que nunca esteve perto do fumo e está doente. (Alberto, 49 anos).

Voltamos à questão da agricultura orgânica x agricultura convencional, na propriedade da família a produção convencional ainda ocupa 99% da área cultivada, “temos um pouquinho de orgânico que foi a forma de iniciar, mas ainda é muito difícil plantar pois a comercialização ainda é muito fraca”. Falou muitas vezes sobre a falta de pedidos do pessoal de Florianópolis, sobre verduras orgânicas se perdendo na lavoura “veja o repolho roxo que o Senhor foi lá na roça colher um, primeiro me disseram que a cidade comprava tudo que eu produzisse, agora tá aí na roça toda semana pedem umas cabecinhas e isso não aumenta”, no seu entendimento é preciso trabalhar mais forte na comercialização para que os colonos “sintam firmeza” no processo da produção de orgânicos. Apesar dos questionamentos, demonstra satisfação e orgulho de já estar produzindo alimentos orgânicos, de ter acreditado na proposta feita pelo Cepagro e considera que esse movimento poderá representar um novo caminho principalmente para a manutenção dos jovens no campo, mas se preocupa com a capacidade da produção de alimentos orgânicos “se todos forem produzir alimentos orgânicos, será que teremos condições de produzir alimentos para todos, é muita gente precisando comer?”.

O dia vai se encaminhando para o final, os animais já estão sendo alimentados quando recebem um recado da filha Karina, tem um pedido grande de alfaces, alhos poro e temperinho verde para o dia seguinte. Tudo o que foi solicitado tem que ser colhido e preparado para estar disponível muito cedo para ser recolhido. Já está escuro, os mosquitos estão ferozes, mas os filhos voltam para a lavoura fazer a colheita; trazem para a varanda onde separam e preparam os maços de temperinhos, de alhos e as alfaces vão para o tanque pois serão lavadas antes das 5 horas da manhã.

O fogão a lenha continua como estava pela manhã, com muito fogo e cheio de panelas, café quente, sopa, pois o pessoal volta com muita fome. A refeição é um momento de recapitular as tarefas do dia... como foi a limpeza da roça tal...como está a plantação de pepinos... como foi a pulverização da lavoura de batatas..., após jantar a noite continua com um pouco de televisão e cama, o dia vai começar cedo.

Após o café da manhã sabendo que seria meu último dia com a família, aprofundo alguns temas com o Sr. Alberto. Quando falamos sobre ecologia e preservação da natureza, acha que hoje existe uma consciência maior sobre a necessidade de preservar, de cuidar para não poluir os rios e considera que a televisão tem ajudado muito, mas que também existe outro processo que reduziu o desmatamento e a poluição

nas zonas rurais. No seu entendimento o campo hoje é mais preservado que na sua juventude porque as técnicas agrícolas melhoraram, mas também porque reduziu o número de pessoas que vivem no campo e precisam tirar dali o seu sustento. Quando era criança todo ano a comunidade crescia e era necessário abrir mais roçados para que as novas famílias pudessem plantar e sobreviver. Derrubavam o mato, buscavam novas formas de adubação, o que não tem mais acontecido nos dias de hoje, pois o número de famílias vivendo nas mesmas áreas é menor e a melhoria do conhecimento e do acompanhamento por técnicos agrícolas está fazendo com que se produza mais nas mesmas áreas.

Neste primeiro período de imersão foram 04 dias convivendo com as famílias da comunidade. Além das observações e conversas informais pude realizar entrevistas com três famílias. Para termos um espaço e tempo mais dedicado a conversa um pouco mais formal, as entrevistas eram marcadas para o final do dia, depois de encerradas as atividades na propriedade. Após estes dias já estava um pouco mais aliviado, no retorno para Florianópolis já me sentia dentro dos estágios interpretativos do processo de pesquisa, já enxergava algumas representações sociais e conseguia construir elos entre as conversas e a minha metodologia, enfim o processo estava se desenhando.

Agendei a minha nova ida a campo para coincidir com a reunião de encerramento das atividades do grupo Associada, marcada para um sábado, dia 14 de dezembro e depois ficaria mais alguns dias na comunidade. Meu objetivo era de passar o final de semana com as famílias, podendo quem sabe observar uma realidade diferente da vivida na primeira etapa de imersão; como passam os dias reservados ao descanso?; como convivem com a comunidade, com os filhos, como se divertem?.

O encontro foi realizado na casa do Sr. Alberto, onde tinha ficado hospedado na segunda quinzena de novembro, assim fiz questão de chegar mais cedo para poder conversar com a família antes da reunião formal. Fui o primeiro a chegar e a recepção foi muito boa, não me deixaram ficar esperando os demais participantes na área preparada na varanda, fui chamado para a mesa de café que, como sempre estava muito farta, a conversa fluiu naturalmente sobre os mais variados temas, me senti como um participante do grupo.

A reunião, por ser num clima mais festivo, já transcorreu de forma mais leve, o número de participantes foi bem expressivo e os murmurinhos e conversas paralelas foram maiores que o normal. Cumpridos os trâmites normais, são passados diversos informes, assuntos

gerais, destinação das mensalidades, questões da comercialização, datas das visitas do comitê de certificação, sobre a necessidade de cada grupo assumir as responsabilidades pelas próprias famílias e a importância da participação de todos para o fortalecimento dos elos da rede.

Próximo ao meio dia o anfitrião liberou algumas caipirinhas e cervejas e a reunião passou a ser realmente festiva, o volume das vozes foi se ampliando e as conversas passaram a ser em pequenos grupos que debatiam agora com mais veemência os assuntos iniciados na parte formal. Comecei a percorrer cada um dos grupos, e na maioria deles a conversa não se alterava mesmo com a minha presença e pude observar algumas opiniões que não são normalmente colocadas na mesa de reuniões.

Um grupo de cinco homens estava falando sobre as lavouras de fumo e aproveitei para questionar a rentabilidade da lavoura de fumo. Foram fortes na defesa do fumo, um deles disse que nenhuma outra lavoura produz o mesmo resultado do fumo e que ainda não conseguiu deixar de plantar fumo pois a cultura tem sido muito rentável para os produtores. Começaram a citar casos de produtores da região que iriam ter ótimos resultados este ano, uma família de 3 a 4 pessoas plantando fumo vai ter nesta safra uma sobra de R\$ 160 mil, o que consideram muito bom. Hoje a tecnologia reduziu o trabalho e também a quantidade de adubos colocados na lavoura, agora só colocam o adubo no pezinho e não mais nas folhas, o trabalho pesado é uns três ou quatro meses no resto do ano é mais tranquilo. O processo de secagem também está melhor pois não precisa mais amarrar as folhas (o que era considerado o pior trabalho, que mais causava mal-estar) que são colocadas soltas na estufa, na avaliação deste grupo está mais fácil, e rentável plantar fumo.

Além da rentabilidade existe a garantia e o acompanhamento dado pelas indústrias que dá uma certa tranquilidade para o colono trabalhar. Por outro lado a produção de orgânicos ou mesmo nas lavouras convencionais ninguém tem garantia nenhuma de produção e nem de preço; para reduzir mais as lavouras de fumo os agricultores teriam que ter algum tipo de garantia, citam o caso da produção orgânica na qual as vezes perdem muita produção na lavoura e ninguém assume a responsabilidade por isso. Concordam que menos famílias estão plantando fumo, mas consideram que isso acontece principalmente porque as famílias estão bem menores (a grande maioria dos jovens querem ir para a cidade) e não existe mais mão de obra suficiente na roça, o que afeta também as outras lavouras.

Voltando ao grupo com quem estava sentado durante o almoço, e que além do representante do Cepagro contava com produtores de orgânicos mais convictos, comentei o que ouvi em outro grupo, principalmente sobre a alta rentabilidade obtida pelos produtores de fumo. O tema é realmente espinhoso, e ainda não existe uma opinião de consenso sobre como competir com a indústria fumageira. Sobre a rentabilidade existem divergências, é consenso que este ano a qualidade do produto está acima da média e deve deixar um bom resultado aos produtores, mas o “lucro” não é tudo isso que foi comentado, pois o colono tem que passar o ano comprando lenha, pagando a luz das estufas, utilizando a mão de obra da família e isso não é deduzido do valor que recebem no final e consideram como “sobra” da produção.

Na opinião de outro integrante da mesa, não podemos comparar nenhuma cultura com o fumo se considerarmos rentabilidade, garantias de produção e compra, mas esta não é a abordagem que devemos fazer. É preciso trazer as questões da saúde do agricultor e sua família e a satisfação pessoal por abandonar uma cultura nociva e produzir alimentos saudáveis. Estes são aspectos que devem ser valorizados acima de uma suposta rentabilidade momentânea.

As conversas informais trazem uma questão importante para a maioria dos pequenos produtores rurais que tem muitas dúvidas no momento de decidir se continuam ou abandonam a lavoura de fumo. Mesmo considerando a cultura prejudicial à saúde, é a que tem resultados aparentemente mais garantidos para as propriedades (segundo opinião de alguns agricultores presentes), então o conflito entre tomar o caminho certo, mas menos garantido da produção agroecológica ou continuar fazendo parte de um grupo que produz e convive com o “veneno”, mas em troca recebe uma certa tranquilidade financeira para sua família, é uma questão que ainda não está bem resolvida para muitos agricultores.

No meio da tarde o grupo começou a se dispersar e aproveitei para fazer uma entrevista com a Clarice, outra filha do Sr. Alberto, que trabalha muito durante a semana. Depois de muitas tentativas, às 16:30 consegui juntar o casal de jovens agricultores na sala e fizemos a entrevista muitas vezes entrecortada pelas risadas festivas e ruídos vindos da varanda, crianças correndo na sala etc., mas a entrevista foi bem proveitosa, o casal é importante para o grupo e é um exemplo de casal jovem que ficou na colônia e me parece muito feliz com suas escolhas.

Deixei a propriedade um pouco depois das 18:00 hs, os visitantes já haviam se retirado mas a família do Sr. Alberto continuava a festa, o galetto voltou para a mesa, tinha bolo de Natal, cuca e outros e a cerveja

continuava à vontade (me ofereciam cerveja a cada minuto, mas me desviava com a desculpa que tinha que dirigir e não era bom na estrada de chão, senão chegaria à residência da D. Sueli cheio de cerveja). A família é muito animada e unida, uma típica família grande, seis filhos, com netos e genros brincando e falando muito. Na entrevista com a Clarice ficou claro que é assim todo o final de semana e esse é o divertimento de todos, e esta proximidade com a família é a melhor coisa de morar na mesma comunidade.

Estava começando a chover e o barro vermelho deixou a estrada bem escorregadia. Percorri a distância de 8 km entre as duas propriedades em aproximadamente 35 minutos, chegando à propriedade do Sr. Arthur e D. Sueli na localidade de Pinheiral já no município de Major Gercino, às 18:40 hs. Estavam me esperando junto com o seu filho Gustavo, que é um dos líderes do grupo Associada e estava presente na reunião anterior. Ficamos conversando na varanda por um tempo, até que o Gustavo me avisou que eu iria dormir na sua casa (vizinha dentro da mesma propriedade) pois a D. Sueli estava recebendo as filhas que vieram passar o final de semana. Eu primeiro iria jantar com a família e ele voltaria um pouco mais tarde para me buscar, pois ainda tinha um compromisso na comunidade. Houve um clima de constrangimento de minha parte, pois me senti atrapalhando a família; e também D. Sueli ficou sem jeito pois tinha me oferecido a hospedagem e agora estava com a casa cheia. Quando achei que a opção de passar o final de semana com as famílias seria boa não havia pensado nisso.

Enquanto D. Sueli foi para dentro de casa continuei na varanda com o Sr. Arthur, que contou diversas passagens de sua vida. Trabalhou durante 10 anos num supermercado de um cunhado em Brusque e D. Sueli ficava em casa com os filhos tocando a propriedade. Saía de casa na terça às 5 hs da manhã e retornava no sábado à noite e no domingo tinha que fazer todo o serviço pesado da propriedade, pois a esposa e as crianças não conseguiam fazer. Perguntei se isso lhe rendeu um bom pé de meia e ele não concordou: “não sobrou quase nada, só estava ficando longe de casa, a minha filha menor não vi crescer, ela nasceu e quando voltei pra casa já tinha mais de 10 anos, não vi crescer, não participei de nada”. Contou que um dia foi pedir aumento e o seu cunhado lhe respondeu “com o que eu pago pra você, se abrir a boca amanhã tem uma fila aqui para ocupar esta vaga, aí eu pensei o que estava fazendo lá e depois de uns dias resolvi voltar para a roça e cuidar da vida”. Conversando com D. Sueli na segunda-feira fiquei sabendo que esse momento ocorreu junto com o início da produção do parreiral, o que deu

condições de sair do emprego, pois já tinha possibilidade de renda na propriedade.

Falou da propriedade, pois nasceu no mesmo lugar, a terra era de seus avós, foi de seu pai e está com sua família e que acrescentou uma área de 27 ha, mas é quase toda de mato ainda virgem. Olhando para o morro que se enxerga ao fundo perguntei sobre a mata e se ainda existe alguma derrubada de árvores. Ele falou “aqui não, isso recebi de meu pai e vou deixar assim para os meus filhos, não precisa derrubar nada é só cuidar do que já tem para plantar que já tá bom”. Continuou contando histórias, como era no mercado, as lembranças da chegada dos nordestinos na cidade, vinham com toda a mudança numa trouxa de lençol, com a mulher e os filhos pendurados e iam se ajeitando nos terrenos e barracos onde já estavam outros “cearenses” e iam sobrevivendo. Tudo que lhes davam – uma telha, uma taboa velha – eles carregavam e de repente tinham um barraquinho também. Sobreviviam do jeito que dava, às vezes compravam só farinha no mercado e mesmo assim sempre estavam muito alegres, se divertiam com pouca coisa, costumavam dizer que para fazer uma festa não precisava muito dinheiro, com um kilo de farinha e uma garrafa de pinga já faziam uma festa.

Com a história dos nordestinos falou que cada povo é de um jeito e tem seus costumes. Falou que isso é assim também na sua família, a sua tem um jeito mais fechado, a de sua mulher é muito mais alegre, mais carinhosa, estão sempre se abraçando e isso é assim agora na sua família, os filhos são muito chegados por isso a casa estava cheia. Contou que hoje existem menos famílias na colônia, os jovens querem ir para a cidade, não querem se incomodar muito e vendem o que tem e vão para a cidade para pegar qualquer emprego. Tocar o serviço do campo está mais difícil pois tem pouca gente para ajudar com o trabalho.

Enquanto continuávamos a nossa conversa na varanda (os mosquitos estavam picando-me com uma ferocidade...) a casa foi enchendo, chegavam filhas com esposo e filhos e iam se juntando com D. Sueli na cozinha no preparo do jantar, a meninada fazia bagunça na pequena sala. Notei que principalmente os genros estranhavam minha presença, e a cada um que chegava o Sr. Arthur me apresentava (bem animado) que eu era mais um estudante da Universidade que estava ali para entrevistá-los, mas isso continuava estranho para eles, as filhas me tratavam bem, com simpatia... acho que para agradar o pai.

Ficamos conversando na varanda até 9:30 hs (mais de três horas de conversa), em muitos momentos tive que alongar os assuntos, pois não queria entrar na entrevista mais formal e nem fazer perguntas mais

estranhas pois tinha muita gente próxima e o clima não estava muito adequado para isso. Ficamos nesta prosa até que chegou o Guilherme, outro genro que já é do grupo Associada e está construindo sua casa na mesma propriedade, e como já me conhece das reuniões do grupo, o assunto passou a ser mais a produção de orgânicos e a comercialização.

Sr. Arthur falou que hoje está até menos animado com os orgânicos que já esteve e acha que não vai dedicar toda a sua propriedade para produção orgânica como quer a Rede Ecovida (prazo de cinco anos para ir aumentando a área até sair do convencional), quer manter a roça de milho e algumas culturas que estão no outro lado (longe da uva), na produção convencional.

Fomos avisados que o jantar estava pronto, os genros mais fechados já estavam na mesa, as mulheres iam servindo as crianças que sentavam na sala para comer com o prato no colo. O Sr. Arthur arrumou primeiro um lugar pra mim e depois se sentou, ficamos à mesa somente os homens, o jantar era um banquete com variedade de saladas, arroz, carne, um tipo de inhame convencional na região, já estava com fome e a comida muito bem feita caiu como um manjar.

Neste período o Gustavo voltou e ficou me aguardando para irmos para a sua casa, logo após o jantar pedi desculpas e me retirei para a casa do Gustavo, onde iria passar a noite. Chegando à casa, mostrou o quarto onde eu dormiria ao lado de seu filho e também as outras instalações, o banheiro e o computador se eu precisasse (a Internet é nova chegando por rádio). A casa é bem construída, em madeira de pinus ainda sem mata-juntas nas paredes internas mas bem cuidada e organizada, num rápido olhar vi todos os equipamentos que se usa na cidade. O Gustavo contou que ele mesmo construiu pois ficou barato fazer de madeira e na época ele não tinha recursos para fazer toda de material, hoje teria que fazer umas melhorias pois há muita broca.

Combinamos em fazer a entrevista na primeira hora do domingo, logo depois do café da manhã. Estava muito cansado, o dia tinha sido cheio e como iria repartir o quarto com um adolescente não escrevi nada em meu caderno de campo, deitei e dormi muito rápido. Acordei antes das 7:00 hs, mas como a casa estava toda em silêncio permaneci um pouco mais na cama, levantei, sentei num banquinho na varanda e fui fazer minhas anotações, em pouco tempo o meu anfitrião apareceu e disse que o café seria na casa da mãe que já estava nos esperando.

Depois voltamos para a varanda e ficamos conversando mais de 2 horas sobre sua vida, sua trajetória na faculdade onde cursou até o

Sétimo período de contabilidade. Iniciou em Brusque e depois transferiu para Univali em Biguaçu, pois foi trabalhar em uma loja de um tio no Rio Tavares em Florianópolis, mas desistiu pois no final não estava mais gostando do curso. Hoje tem feito diversos cursos mas todos ligados a sua atividade atual, está fazendo um curso sobre agricultura biodinâmica, já fez um curso sobre gestão de cooperativas em Florianópolis com professores da UDESC e organizado pelo MAPA e foi um curso “muito bom” (hoje é vice-presidente da Coopertrento e em março assume a presidência).

Falamos nas possibilidades de estudo dos jovens da comunidade, e disse que hoje está melhor pois em Pinheiral agora tem até o segundo grau, no seu tempo de escola só tinha até o primeiro grau, depois tinha que ir até o centro de Major Gercino que dá mais de 20 km para estudar. Conversamos sobre os filhos do Sr. Alberto (Rio Veado) que não estão estudando pois não conseguem ir para Nova Trento, que é muito longe (46 km), e para o Pinheiral que é somente 8 km de distância não tem transporte escolar pois fica em outro município e as prefeituras não se acertam. Falou que está “pegando no pé” dos meninos para voltar a estudar, acha que no próximo ano além deles terão outros jovens do Rio Veado que estarão entrando para o segundo grau, o que poderá facilitar o esquema de um carro para trazê-los para a escola de Pinheiral.

Por ser um jovem com um nível de conhecimentos acima da média e estar muito envolvido com a comunidade – Cooperativa, Prefeitura, Grupo dos orgânicos – o Gustavo é um dos líderes mais respeitados pelo grupo. Exerce uma liderança baseada no seu conhecimento e capacidade de articulação, está presente em praticamente todos os eventos do Grupo Associada, da Rede Ecovida, e pela sua juventude está puxando outros jovens para as principais funções do grupo - penso que pode ser a liderança necessária para construir o processo de fortalecimento da agroecologia na região.

Terminamos a entrevista próximo das 10:00 hs e fui andar pela propriedade com o Sr. Arthur que estava me esperando para mostrar seu trabalho. Troquei de sapato, botei um borrachudo (mesmo assim mexeram comigo que iria sujar o sapato) e saímos olhando todo o parreiral. Vi com surpresa uma placa do projeto de Desenvolvimento Regional Sustentável do Banco do Brasil que, em parceria com a Epagri, está fazendo uma experiência com novas variedades de uva na propriedade do Sr. Arthur que recebeu as parreiras prontas e precisa cuidar e mostrar os resultados. Iniciativa muito importante para melhorar a qualidade da produção de uvas na região.

Caminhamos até um dos cantos da propriedade, pois queria que eu examinasse uma área que cedeu para o genro plantar produtos orgânicos, depois andamos por todo o parreiral (queria minha opinião em tudo). Foi um passeio muito agradável pois além de gostar de ver as parreiras a propriedade é muito bonita. Voltamos para a casa, ficamos novamente na varanda conversando agora com a companhia do Guilherme e dos dois genros do Sr. Arthur até sermos chamados para o almoço. O Almoço tinha alguns pratos da noite anterior e outros novos – carne de porco, massa – suco de uva, uva com morango (muito bom) e laranja. Desta vez as mulheres também estavam à mesa, após o almoço os homens foram assistir TV e as mulheres limpar a cozinha, depois da cozinha limpa todas foram descansar. O Sr. Arthur deitado no sofá parecia meio incomodado, meio amuado, bem diferente do homem animado que caminhava comigo pela parte da manhã, e falou mais de uma vez que o domingo é o seu pior dia pois o serviço da roça lhe faz falta, a D. Sueli diz que ele está meio doente, meio estressado, precisando de umas vitaminas.

Combinei com o Guilherme para fazermos a entrevista às 14:00 hs e caminhamos uns 300 metros até o local onde está construindo sua casa. É uma casa não muito grande, mas bonita e localizada no alto, com uma vista deslumbrante para qualquer lado que se olhar, a mata é abundante. Mostrou a casa, pediu opiniões, mostrou a mudança que teve que trazer mesmo sem a casa estar pronta pois precisou entregar a casa que morava de aluguel em Nova Trento, mas estava feliz pelo que estavam construindo. Sentamos na varanda ainda em construção, no meio de sobras da obra, arrumei meu gravador em cima de uma lata de tinta e mesmo assim acho que foi o melhor ambiente e visual para uma entrevista que tive até agora, sem barulho, ouvindo a natureza e eu em busca de entender o desenvolvimento dos territórios. O Guilherme tem ideias diferentes sobre o homem e a natureza, no final da entrevista comecei a entender pois é testemunha de Jeová praticante e faz pregações, assim tem ideias que traz da Bíblia que parece terem influenciado em suas respostas

Terminamos a entrevista perto das 16:00 hs e voltamos para encontrar o Sr. Arthur que se dispôs a ir comigo para mostrar o caminho até a residência do Sr. Miguel, local de minha próxima entrevista. O Sr. Miguel ainda não tem a propriedade certificada, mas decidi incluí-lo no grupo dos entrevistados pela sua representatividade, pois é vereador no município de Major Gercino no terceiro mandato e já está acompanhando

o grupo há um ano. Receberá a visita do comitê de avaliação da certificação participativa nos próximos dias.

A residência fica à uns 15 km de distância e marcamos para 17:30 hs, mas em poucos minutos o Sr. Miguel retornou dizendo que teria um compromisso, que era dia de novena na comunidade e remarcamos para 19:30 hs, após a novena. O Sr. Arthur já estava impaciente (queria ir passear) e sugeriu de irmos na direção da propriedade e no caminho iria mostrar outras propriedades inclusive a do filho de um grande amigo meu que descobrimos por acaso que tem uma casa na região. Fomos até lá e não achamos o filho de meu amigo, então chegamos mais cedo (18:15 hs) na propriedade do Miguel e ficamos esperando dentro do carro até 19:45 hs quando ele retornou com a família. Neste tempo pude ouvir mais histórias contadas pelo Sr. Arthur, que falava sobre o desmatamento no passado, sobre quanto ele trabalhou para terceiros fazendo novas roças, sobre como sofria com os venenos que tinha o costume de utilizar na roça, sobre muitas propriedades abandonadas que só tem plantação de eucalipto e os donos foram para a cidade, etc.

Eu já tinha estado na propriedade em uma reunião da Rede Ecovida e conhecia toda a família, é uma propriedade muito boa, uma casa bem construída. Fomos convidados a sentar na cozinha, onde fizemos a entrevista, sentamos à mesa eu, Sr. Miguel e sua esposa e o Sr. Arthur ficou numa poltrona ao lado como ouvinte, mas em alguns momentos não se conteve e ajudou nas respostas.

Além de ter um bananal orgânico bem grande, o Sr. Miguel é vereador e tem em casa uma pequena indústria de doces caseiros que sua esposa administra e contribui fortemente para a renda familiar. A Família está vivendo um momento difícil que é a saída da filha que terminou o terceiro ano e quer fazer faculdade, assim irá morar provavelmente em Brusque. Sua esposa está muito preocupada, “isso vai me quebrar, ela é que me ajuda na indústria dos doces e nem sei como vai ser viver aqui sem ela”, o Sr. Miguel falou da dificuldade em manter os jovens na colônia, pois a faculdade está longe e depois que eles saem para estudar não voltam mais.

A entrevista foi muito boa, depois tomamos café com bolachas e torresmo (muito bom). A família foi muito simpática e tive que forçar um pouco nossa saída, pois queriam continuar a conversa. Retornamos para a residência do Sr. Arthur, aonde chegamos já depois das 22 hs e a D. Sueli estava nos esperando com o jantar. Minha bolsa já estava em sua casa, pois como suas filhas tinham ido embora durante a tarde queria que eu

dormisse ali e já tinha arrumado a minha cama (voltei a achar que foi muito bom passar o final de semana junto com a família). Logo após o jantar fomos deitar pois no outro dia levantaríamos as 5 hs para iniciar os trabalhos na propriedade .

Apesar de estar com uma cama boa e bem cansado, demorei bastante para dormir. Estava agitado com a série de entrevistas do dia e com a preocupação com meus objetivos, já falei com tanta gente, fiz muitas observações importantes, mas estou cheio de dúvidas quanto à verdade das minhas reflexões sobre as representações sociais. Fico pensando no que vi durante o dia, foi ótimo estar com a família durante todo o final de semana, tenho muito material para falar da agroecologia e do cotidiano das famílias mas ainda estou com dificuldade para juntar o desenvolvimento sustentável e as representações sociais. Será que na análise das entrevistas elas surgirão?

Acordei em torno das 5:30 hs, fiquei na cama até as 6 hs já escutando o barulho do trator da marca Tobata do Sr. Arthur fazendo barulho pela propriedade. Sabia que ele iria fazer a pulverização do parreiral com o chá preparado no dia anterior pela D. Sueli e queria acompanhar. Levantei e já encontrei a D. Sueli mexendo um líquido num tonel de 200 litros que tinha chá de cavalinha e pó de rocha. Segundo sua explicação técnica precisava misturar bem até dar redemoinho, e depois quebrar para o outro lado, este movimento faz com que as partículas se rompam conforme ensinamentos que os técnicos da biodinâmica lhe passaram. Quando vi o movimento do redemoinho no tonel, lembrei-me de Prigogine e dos princípios da termodinâmica e da lei da entropia, princípios que D. Sueli está aplicando muito bem. Ela explica que é só quando ocorre esse movimento do redemoinho muito forte no tonel que o composto fica fortalecido para fazer efeitos nas plantas. É a ciência do cotidiano aparecendo.

Botei novamente o meu calçado borrachudo já bem sujinho e fui parreiral adentro para acompanhar o trabalho do Sr. Arthur. Além das uvas tem uma parreira de Kiwi, muito bem feita, que ainda não está produzindo, mas está com muitas frutinhas pequenas. Comecei a andar dentro das fileiras das parreiras acompanhando o trator e examinando cada pedaço, as parreiras estão bem carregadas com poucos pés com problemas, tirei muitas fotos para enviar depois para a família. Gostei do que vi e o cuidado que o Sr. Arthur e D. Sueli têm com o parreiral dá ânimo para quem quer estudar a propriedade.

Andei uns 40 minutos, e no retorno a Da. Sueli continuava mexendo outro tonel de composto. O tonel tem uma vara de bambu presa

no telhado que facilita o trabalho, mas é preciso muito preparo, pois ela já está fazendo isso há mais de hora e não demonstra cansaço. Mostrou como fazer e me entregou a vara para eu experimentar, “já que está estudando tem que ver como se faz”, fui fazer um pouco e acelerei e o líquido transbordou, me dando um banho de barro, sujando bem minha calça e sapato, que já estava feio mesmo (pelo menos ficaram pulverizados), mas deu para sentir que preparar o composto, não é tarefa fácil não. A D. Sueli falou que desde que está fazendo os compostos seus braços melhoraram, quase não tem mais dor. Em quase todas as suas conversas inclui a questão dos orgânicos e de como o veneno que usavam antigamente fazia mal. Depois de pulverizar o parreiral o Sr. Arthur tinha vômitos pelo resto do dia e passava todo tempo com dores de cabeça. Hoje não tem mais nada disso e demonstrou que eu estava andando junto no parreiral sem nenhum problema e numa pulverização com produtos convencionais isso não poderia acontecer.

As 9:00 hs fomos para a cozinha tomar um café, o Sr. Arthur depois foi pulverizar um parreiral no outro lado da rua. Enquanto D. Sueli organizava a casa fiquei na varanda escrevendo um pouco. Logo chegou uma moradora vizinha pedindo chás que D. Sueli prepara e que é bom pra tosse, é um chá de calêndula que diz que é bom pra tosse, alergia, picada de insetos (nisso sou testemunha, pois sempre que os mosquitos me pegavam eu já passava o líquido). A vizinha pede o remédio para o filho que não está bem, mas D. Sueli já aproveita e traz o assunto dos agrotóxicos que podem estar causando as doenças da família (da moradora vizinha), pois ainda usam produtos que ela chama de venenos “ficam passando veneno perto das casas, e depois ficam mal”, e já emenda o discurso da necessidade de produzir alimento orgânico, a favor do controle natural das pragas e de uma vida com mais saúde.

Está numa briga com outros moradores e com a prefeitura local em defesa de algumas árvores, que estão na frente do cemitério e alguns moradores pediram a sua derrubada, pois consideram que elas sujam muito o cemitério. Mostrou a carta que entregou na prefeitura contra a derrubada, e outra carta que vai entregar a cada morador da comunidade, onde mistura dados técnicos que pegou com uma bióloga e muita emoção na defesa, trazendo simbolismos como a fala da pessoa que plantou as árvores há muitos anos e hoje já é falecido. Penso que vai salvar as árvores, seus argumentos incorporam muita força e verdade.

Pelo que vi até agora, D. Sueli é a voz mais forte na defesa da produção orgânica. Mistura vontade, com argumentos e conhecimento técnico que tem buscado em cursos sobre agricultura biodinâmica,

orgânica e agroecologia. Acho que o Cepagro poderia usar mais a sua capacidade para fortalecer também outros grupos. Pensando nos discursos da D. Sueli, agora pensei que nas representações sociais o agrotóxico representa o veneno, as doenças (objetivação) e a produção orgânica representa a vida saudável, a natureza preservada, água limpa, um futuro melhor para os filhos e netos (ancoragem). Preciso tentar aprofundar mais esse pensamento.

Perto do meio dia fomos para o almoço, a família do Gustavo almoçou junto. Após a refeição fiquei conversando com o Sr. Arthur sobre a uva, sobre a melhoria na qualidade de vida da família com a utilização da pulverização natural e sobre o que fazer para trazer o turismo rural para a propriedade. Ficamos esperando D. Sueli descansar uns 15 minutos para começar nossa entrevista formal. Na verdade eu pensava que já tinha visto o que precisava, a vivência de três dias integrais com a família tinha enchido meu caderno de anotações, me ensinado muitas coisas importantes sobre como uma vida simples pode ser saudável, e quantos exemplos de sustentabilidade podemos ter numa pequena propriedade.

Para começar a entrevista formal, fiz os informes corriqueiros e salientei que muitas das questões que iria fazer já tinha vivenciado as respostas na prática, mas esse era o procedimento formal, teria tudo gravado para poder escutar depois. Mesmo assim a entrevista durou 2 hs e D. Sueli não deixou em nenhum momento de reforçar suas convicções sobre a agricultura biodinâmica, falar mal dos vizinhos e do poder público que ainda usam os “venenos” para combater as pragas e prejudicam toda a comunidade.

Algumas questões da entrevista puxaram reflexões novas, e uma delas foi sobre os estágios de desenvolvimento da comunidade. Consideram que vivem em uma comunidade com um bom nível de desenvolvimento, com grandes melhorias nos últimos anos: instalação de posto de gasolina, mercado melhor, ampliação do estudo até segundo grau na escola. Questionados sobre o que ainda precisa mudar para ser uma comunidade mais desenvolvida, entendem que o a questão mais importante seria a melhoria no acesso ao distrito, pois as estradas estão do mesmo jeito há muito tempo, se existisse um acesso asfaltado acham que tudo iria melhorar muito.

Acham também que seria preciso alternativas para o estudo dos jovens, quem sabe uma extensão de uma universidade poderia trazer mais conhecimento e ajudar a manter a juventude na colônia. Poderia ser até pela Internet se todos pudessem ter acesso, o que hoje ainda é bem difícil

na região (dificuldades de sinal por conta da topografia irregular). Entendem que também precisam de melhorias na área da saúde, pois ainda precisam se deslocar muito para a cidade para fazer consultas e exames. Já se falou na possibilidade de passar um ônibus nas comunidades, onde poderiam ser realizados diversos exames.

Fiquei na propriedade até as 18:00 hs e resolvi antecipar meu retorno, queriam que ficasse até o outro dia pois poderia ir ainda num outro associado e meu lugar estava garantido ali, mas resolvi voltar, já tinha visto o necessário, em três dias havia recebido mais conhecimento do que esperava.

4.3 Análise flutuante das Representações Sociais

4.3.1 Interpretação inicial do material empírico

O objetivo dos itens 4.1 e 4.2 é de informar ao leitor, primeiro, sobre as situações vividas no decorrer do processo de coleta de dados e depois através de uma linguagem narrativa fazer uma contextualização dos momentos ocorridos durante o período de imersão nas residências dos agricultores. Estes relatos foram realizados também com o objetivo de demonstrar que o processo de interpretação reflexiva já estava em curso naqueles momentos. Tanto na coleta de dados quanto na revisão das anotações do caderno de campo o pesquisador já estava refletindo, interpretando e muitas vezes buscando olhar as situações relatadas com o olhar dos agricultores.

Assim, estes dois itens já fazem parte do primeiro estágio do quadro interpretativo da pesquisa, que darei continuidade com as reflexões que fazem parte dos demais estágios do processo de interpretação.

Durante as entrevistas e a vivência no campo, algumas questões foram se destacando, transformando-se em temas que considerei relevantes para os objetivos da pesquisa e também para o entendimento da realidade vivida naquelas famílias. À medida que estas inquietações foram aparecendo, direcionei um olhar mais atento para estes temas buscando um entendimento mais claro dos sentimentos que permeavam aquelas questões.

Para uma categorização inicial selecionei como temas principais: os jovens no campo, a produção orgânica como vida saudável, a saúde

dos agricultores, o agrotóxico como veneno, a natureza, o desmatamento, as leis rigorosas que prejudicam os agricultores e as questões relativas ao território, ao desenvolvimento e a sustentabilidade.

A questão dos jovens no campo é uma que neste primeiro olhar se apresenta com muita força e mexeu com algumas das minhas convicções. Sempre pensei que os jovens que vivem no campo precisam ter acesso à educação formal e devem continuar estudando, mas nas entrevistas e na convivência com os agricultores detectei que este é também o discurso institucionalizado nas famílias, mas existe um conflito entre a fala e a realidade vivida. O sentimento existente é de que o estudo afasta os jovens do campo, essa questão apareceu já em minha primeira entrevista com o Sr. Alfredo, uma das pessoas mais influentes da comunidade, “o estudo não é feito para os jovens permanecerem no campo; quando terminam os estudos vão procurar trabalho num escritório, pois foi isso que eles aprenderam na escola”. Estas palavras ainda martelavam meus pensamentos quando na entrevista seguinte o assunto voltou com as mesmas inquietações, o que me levou a trabalhar o tema com cuidado, deixando que as respostas viessem com naturalidade.

[...] na minha opinião hoje todos os jovens têm oportunidade de estudar, né? Mesmo quem mora aqui no interior, pois hoje está mais fácil, todo mundo estuda, aí depois que eles se formam não querem mais seguir na atividade da lavoura, eles querem procurar uma vida melhor... um trabalho melhor. (Miguel, 50 anos).

Mesmo entre os jovens agricultores as opiniões não se alteram muito, pois também consideram que quem vai para a cidade estudar tem dificuldade em retornar para o campo. Entendem que ter o primeiro grau - que seria o estudo básico- já é suficiente para as necessidades de trabalho nas propriedades, conforme depoimento de Clarice, uma jovem agricultora: “para o nosso trabalho o estudo que temos já é suficiente, assim ter mais estudo não faria diferença, mas se precisasse fazer outro trabalho na cidade precisaria voltar a estudar”.

As respostas apontam para uma grande ambivalência familiar. Nas falas todos os pais dizem que o estudo é importante e querem que seus filhos pequenos estejam na escola, mas isso me pareceu verdadeiro para o estudo de primeiro grau que obrigatoriamente está próximo das propriedades, e os filhos ainda estão em idade de fazer trabalhos acessórios na casa. O conflito começa a aparecer com mais clareza no

momento da passagem para o segundo grau, o que em alguns casos já agrega o problema da distância da escola, tempo perdido na locomoção e a necessidade da mão de obra dos filhos, agora jovens adultos, nas propriedades. A opinião das famílias é que ter uma escola de segundo grau perto de casa possibilitaria que os jovens, além de estudar, tivessem tempo para auxiliar nos trabalhos do campo, o que consideram imprescindível para a manutenção das propriedades que de uma forma geral são dependentes da mão de obra dos filhos.

Neste momento, aparece outra questão instigante na representação dos jovens para as famílias. Como declarou D. Cora, agricultora mãe de seis filhos, “os filhos precisam começar a trabalhar e ajudar bem cedo, pois senão não colaboram com a casa e com a família, pois ainda jovens ou casam ou vão embora para a cidade”. Opinião que demonstra o quanto o trabalho dos filhos é esperado pelas famílias e quanto estes jovens são importantes para a manutenção das propriedades. A realidade nas propriedades que acompanhamos é de que os jovens representam a mão de obra necessária para o trabalho na casa (ajudando a mãe) e no campo (tarefas mais pesadas);

[...] a maior preocupação da gente é com os filhos, eles querem um futuro melhor e continuar estudando e essa é a maior dificuldade daqui, agora a filha vai morar fora para estudar, ela era meu braço direito aqui em casa, me ajudava muito, agora vou me quebrar, vou sentir muita falta, não vai ser fácil ... (Marta, 46 anos).

Essa associação do jovem como mão de obra imprescindível para as propriedades pode ser uma das causas – mesmo que não declarada –, que os levam a desistir dos estudos. Numa das famílias, enquanto os pais falavam das preocupações com o estudo dos filhos, dificuldades com a distância e tempo de locomoção até a escola, contaram que a filha mais nova estava terminando o primeiro grau e não tinham certeza se ela iria continuar os estudos no próximo ano. Aproveitei que a menina estava próxima e questionei se ela gostaria de continuar estudando, a resposta foi um sim somente com sinal de cabeça e um olhar que me pareceu de tristeza e resignação, pois todos os seus irmãos mais velhos seguiram o mesmo caminho, terminaram o primeiro grau e assumiram as funções na propriedade.

Está na história familiar que eles precisam ajudar os pais no trabalho do campo, os exemplos estão na própria comunidade: onde os

filhos permaneceram em casa as propriedades evoluíram, melhoraram as condições de vida e onde os jovens foram para as cidades a propriedade estagnou ou foi abandonada. O sentimento dos mais velhos é de que, mesmo com todos os avanços existentes nos últimos anos, a colônia está mais fraca. Conforme explicou o Sr. Joao, um dos agricultores mais antigos, “hoje nós plantamos menos por aqui, enfraqueceu muito por que nós paremo, essas vargens aqui nós plantava (...) então vou te dizer, também enfraqueceu, por que enfraqueceu de gente pra trabalhar, né? Diminuiu a mão de obra”, e na sequência explicou que tocar o serviço do campo está mais difícil, pois há pouca gente para ajudar com o trabalho por isso hoje existem menos famílias na colônia. Os jovens querem ir para a cidade, não querem se incomodar muito e as famílias vendem o que têm e vão para a cidade em busca de qualquer emprego. O enfraquecimento da “colônia” é - mesmo que indiretamente - atribuído aos jovens, que saindo de casa acabam inviabilizando as propriedades.

É consenso que a maioria das famílias está ficando sem os jovens, e que estes de uma forma geral querem ir para a cidade mesmo com uma renda menor. Por que os jovens querem sair do campo, onde têm uma boa qualidade de vida e ir para a cidade e se sujeitar a passar por dificuldades? Esta foi uma questão que comecei a inserir nas minhas questões formais com os entrevistados e informais na vivência com jovens agricultores que não participaram diretamente das entrevistas. A cada oportunidade fazia o questionamento, e as respostas, mesmo que discretas, foram aparecendo. Para Clarice, uma jovem de 24 anos, “quem vai pra cidade trabalha em fábrica ou trabalha numa padaria lá e tá tocando a vida (...) não depende de trabalhar o ano todo para receber alguma coisa (...) lá ele sabe que trabalha e todo mês vem o salário”, nas conversas informais os jovens de uma forma ou outra confirmavam este pensamento, na cidade tem um “salariozinho” e na colônia o trabalho faz parte das obrigações familiares.

Em algumas entrevistas com os chefes de família, incluí a questão da remuneração da mão de obra familiar ,ou seja, como os filhos recebem pelo seu trabalho? O sentimento existente é de que todos trabalham para o bem da família: primeiro sobreviver, pagar a prestação do carro, pagar a casa e guardar um “dinheirinho” para os momentos de dificuldades. Assim não existe uma distribuição ou remuneração pelo trabalho familiar, e isso é considerado normal pela comunidade, pois todos recebem moradia, alimentação, em suma todas as necessidades básicas são atendidas - vivenciamos que todos têm uma vida de ótima qualidade -, mas a falta de salário nos pareceu ser um dos motivos que

leva os jovens a tentar a vida na cidade onde a remuneração pelo trabalho prestado é mais direta, o “dinheiro na mão” é uma expectativa destas pessoas, isto é: jovens querem mais autonomia para decidir o que fazer, o que comprar, etc.

O motivo que aproxima e une as pessoas em torno do grupo Associada é a agroecologia, ou a agricultura orgânica, como é mais comumente denominada pelos agricultores. Assim não é nenhuma surpresa ser este o principal assunto dos encontros de agricultores e mote direcionador das nossas conversas. Em torno da palavra “orgânico”, mais que conceitos, estão sendo construídos modos de vida, simbolismos, sonhos de uma vida diferente. Em algumas falas o termo agroecologia e até o de agricultura biodinâmica são utilizados, mas os discursos são dominados pelo termo “agricultura orgânica”, o que me levou a assumir também, na maior parte dos meus relatos a denominação “orgânico” como representativo da mudança de cultura na produção de alimentos.

A agricultura orgânica serve de abrigo para muitas expectativas e sonhos que perpassam as questões econômicas, e se descobrem em debates sobre um mundo mais justo e saudável. Minhas primeiras interrogações estavam relacionadas ao motivo das famílias abandonarem um modo de produção ao qual já estavam habituadas, e se aventurarem em caminhos ainda pouco trilhados. As explicações apontam para diversas razões, mas a que chama a atenção através de discursos fortes, cheios de histórias e de sentimentos é a questão da saúde dos próprios agricultores. A região em que estão localizadas as propriedades abrangidas pelo estudo é convencional produtora de fumo, cultura que, como já relatado anteriormente, carrega uma ambiguidade de sentimentos; às vezes defendida como forte aliada do crescimento econômico da região, e outras tantas difamada como responsável por problemas sérios de saúde às famílias dos agricultores, e como a grande exploradora de mão de obra no campo.

O público de nossa pesquisa é composto por famílias de agricultores que estão em transição entre a cultura de fumo e uma nova forma de cultivar a terra. Neste grupo, os malefícios causados pela indústria do fumo são mais fortes do que qualquer benefício, mas as histórias contadas sobre os danos à saúde nos chamaram a atenção. A grande maioria dos produtores contou em detalhes sobre dores de cabeça, vômitos constantes, problemas de estômago e tonturas, sintomas constantes ou que apareciam nos períodos/dias de aplicações de agrotóxicos nestas lavouras.

Em um evento, durante o almoço com um agricultor, perguntei por que tinha se tornado um produtor de orgânicos e a resposta foi forte e segura: abandonou a lavoura de fumo por causa do veneno, não queria continuar se envenenando e envenenando a família com a utilização dos agrotóxicos na plantação de fumo. Esta linha de pensamento apareceu em muitas falas, sempre relacionando a lavoura de fumo a doenças e aos venenos,

A mudança para produção orgânica teve melhoria na saúde, o principal é a saúde, né? As dores de cabeça que tive por muitos anos foram embora, os vômito também, o problema da mulher melhorou, porque era um problema crônico de dores... melhorou mais sim... dor de cabeça, ficar vomitando de intoxicação de remédio, isso aí não existe mais. (Arthur, 57 anos)

Quando ele ia pulverizar com os remédios, eu tinha que fechar as janelas porque vinha aquele ar e me dava aquela coisa toda. Ele não pesava o remédio. Já pesaste o remédio? Já pesaste? eu perguntava... eu já tava assim intoxicada na época, já tava na perícia e coisa, né? e eu pensava isso aqui tá me fazendo mal, só que eu não podia dizer porque se não ele não ia passar... não dava certo, né? tinha que passar, era o fungicida, né? E já fazia um mal assim pra mim, uma coisa... (Sueli, 58 anos).

Outro agricultor nos contou sua história. Por conta dos problemas de saúde que apareciam nos períodos de maior utilização dos produtos químicos, se viu obrigado a abandonar a lavoura. Foi morar em Nova Trento, onde trabalhou durante alguns anos em diversas atividades e só retornou para o campo agora com a oportunidade de cultivar uma área com produtos orgânicos.

Eu já tinha uns problemas de saúde, mas quando eu trabalhava com alguns tipos de venenos eu passava muito mal. O que mais me afetava era o que eu usava na batata salsa... lembro até o nome dele, era (...). um veneno muito forte, eu passava ele de manhã e ficava dois, três dias com aquele cheiro no corpo e tomava dois três banhos pra ver se saía e não saía tudo. Dormia de noite e no outro dia de manhã minha esposa tinha que recolher a roupa da cama toda, o cheiro ficava... (Guilherme, 31 anos).

Estas histórias se repetem, algumas famílias contam que não sofriam muito com a pulverização de produtos químicos, mas nas conversas informais os mesmos problemas e sintomas são relatados, “a gente pulverizava o fumo de manhã e tinha que passar todas as tardes deitada, com tonturas, vômitos...”. Exemplos aparecem nas formas de convivência na comunidade, e também no direcionamento de suas ações. Uma agricultora que ainda tem uma parte de sua propriedade com lavoura de milho cultivada na forma convencional confidenciou que é a última safra que vai fazer, pois não quer mais usar nada de veneno em sua propriedade.

Além das questões da saúde, existem outros motivos e enfoques que levaram as famílias a acreditar na produção de alimentos orgânicos, que passam também por um processo de conscientização dos malefícios dos produtos químicos até as questões econômicas:

Começamos a produzir orgânicos pelo fato do produto orgânico ser mais valorizado e, por outro lado também participando com o grupo fui vendo a importância do não usar agrotóxico na propriedade, na lavoura, isso que eu já usei muito agrotóxico, também hoje não uso mais. A gente vê também no decorrer do tempo que isso não faz bem pra ninguém, nem pro meio-ambiente, nem pras pessoas... que hoje a gente já tá numa certa idade, talvez tenha uma vida mais curta e tem que pensar nos nossos filhos, nos nossos netos . Da maneira que vai a situação dos agrotóxicos, vamos chegar num ponto que a gente vai ter uma água contaminada, né? Vai ter um solo contaminado se ninguém tomar uma providência, então eu achei muito interessante a questão da produção orgânica. Tento passar pra outras pessoas, né? Colocar ideias pra não colocar mais tanto agrotóxico, que na verdade muitos não tem consciência só querem botar veneno, botar veneno não sabem ,não tem consciência do que pode acontecer futuramente e isso é muito preocupante. Por outro lado a gente vê que o produto orgânico hoje tá sendo bem valorizado também e bem procurado, eu vendo banana lá pra merenda escolar pra São João Batista, tem um preço e se eu já tivesse certificado como orgânico eu venderia com trinta por cento mais

que o preço normal, também é interessante por que é uma renda a mais que entra pra gente, né? . (Miguel, 50 anos).

Podemos acompanhar nesta fala que apesar dos problemas (principalmente os atrelados à comercialização) para os agricultores pertencentes ao grupo Associada, a lavoura orgânica tem diversos atrativos. O agricultor que ainda não estiver convencido pelo discurso da produção de alimentos mais saudáveis, pela melhoria do planeta, da natureza e da qualidade de vida dos próprios agricultores, pode ainda ser levado pelo atrativo econômico que transforma a produção orgânica num bom negócio para o campo.

Além destes motivos, existem crenças e simbolismos que estão sendo geradas em torno da agroecologia. A frase mais marcante sobre agricultura orgânica foi dita e repetida em diversos momentos por D. Sueli: “nós estamos aqui para trabalhar pela vida e não para contribuir com a morte”, repetindo o que ouviu há muitos anos de um técnico que veio explicar detalhes da agricultura biodinâmica. Aqui a fala já tem uma conotação profética entre a vida, ancorada na produção orgânica, e a morte, associada à produção convencional. Esta linha de pensamento é seguida por outros agricultores, que associam a agricultura orgânica à vida;

[...] o significado é a vida, né? Eu penso assim o ponto vida. Agroecologia é vida porque tudo é mais saudável né? não só a pessoa que trabalha na lavoura mas também quem tá ali comendo, a pessoa que vai no mercado comprar o alimento se ela conseguir comprar o orgânico vai ter mais saúde (Guilherme, 31 anos).

A produção de alimentos orgânicos extrapola, então, os benefícios para o agricultor/produtor e alcança o consumidor do alimento, que tendo alimentos mais saudáveis é beneficiado pela vida.

O orgânico também aparece como elo com o passado, com as recordações, com o modo de vida e trabalho dos avós e de seus pais,

[...] trabalhar com orgânicos na verdade os nossos pais já faziam isso, se criamos no orgânico, no caso porque na época que o pai trabalhava e nós era criança não existia os venenos, nem adubo e nada, era tudo na base da enxada, da foice. Então agora tem que voltar um pouco aquele tempo atrás

também pra ver como é que isso era, né?
(Guilherme, 31 anos).

Esta abordagem mexe com raízes profundas, lembranças e sentimentos que podem ser mais fortes que os apelos convencionais da produção e comercialização. Na mesma linha apontam para um futuro melhor, o compromisso com a herança que podem deixar para seus filhos: “hoje me sinto bem, sei que estou fazendo uma coisa que tem futuro, que vai ficar melhor no futuro, que meus filhos vão fazer também”, e esse sentimento está sendo trabalhado com os pequenos agricultores que já acompanham as reuniões, aprendem a preparar os compostos e ouvem os discursos recheados com estes simbolismos.

Outro tema que está diretamente ligado à cultura da produção orgânica é o cuidado com natureza, uma mudança no olhar que a nova forma de produção trouxe para os agricultores. Também pode ter uma conotação mais religiosa e ambiental, na qual a participação do homem no mundo tem um caráter mais destrutivo. Nestas abordagens aparecem questões importantes como o desmatamento, o cuidado com as águas, com o solo e, como já vimos antes, com a utilização de compostos naturais em lugar dos tradicionais produtos químicos.

A produção de orgânicos é um processo natural desde o princípio, quando Deus formou o homem, né? Não existia nada disso, era tudo natural, então foi o ser humano que foi buscando o desenvolvimento e ele não conseguiu controlar tudo, né? Num ponto ele achou que era bom mas só que agora ele tá vendo que já tá fazendo mal, né? O próprio governo tá vendo isso, então também o governo tá ajudando a se desenvolver , incentivando um pouco a produção de orgânicos , [...] tudo sai da terra,né? Tudo que nós consumimos sai da terra, então o homem tá cuidando mais, tá querendo cuidar , mas onde ele mexe, de um jeito ou de outro por mais que tente cuidar, já tá agredindo a natureza, se o homem tiver presente, já deixou de ser o paraíso, já deixou porque ele tá mexendo, né? Não é que ele só quer o mal, como é que vou dizer... porque ele tá buscando outras coisa, ele tira,vamos dizer assim, se ele tira coisas da terra ele não tá preenchendo ali aquele lugar que ele tá tirando, né? (Guilherme, 31 anos).

Este pensamento associa o mundo “natural” ao mito da natureza intocada¹³ e o homem como seu principal predador. Coloca a produção orgânica como a forma natural de produzir alimentos e a produção convencional é associada aos problemas que a intervenção do homem traz para o ambiente natural.

Posicionamentos deste tipo sinalizam que a produção de orgânicos caminha numa direção que ultrapassa a simples questão produtiva. O processo está transformando-se em um modo de vida, uma opção política e social de cultivo da terra. Alguns agricultores relacionam o orgânico a uma cultura, uma cultura aliada à saúde e a um mundo melhor e mais justo.

D. Sueli, uma das agricultoras com quem convivemos declara com muito orgulho que “hoje é uma protetora da natureza, dos bichos, da água”. Contou que antigamente quando começaram a produzir vinho erravam muito. Depois tinham que colocar muito vinho fora, e eles simplesmente derramavam este vinho nas valas que acabavam no rio. Estavam estragando toda a água e não se importavam, nem pensavam nisso, não tinham o conhecimento que tem hoje e concluiu com muita tristeza, “fico aborrecida quando penso nisso, como pude estragar a água por tanto tempo”.

O sentimento de proteção e respeito com a natureza faz parte do cotidiano desta agricultora. Acompanhei sua luta contra a derrubada de algumas árvores em uma via pública, que de acordo com um grupo de moradores vizinhos estava trazendo muita sujeira ao cemitério. Estes moradores conseguiram aprovar a derrubada das árvores na prefeitura municipal, mas D. Sueli não se conformou com o pedido do grupo e entrou na luta; buscou contatos políticos, fez alianças com técnicos, escreveu cartas ao poder público e aos demais moradores. As árvores continuavam em pé e ela está lá, quase como uma sentinela a proteger o que diz ser “a natureza”.

O compromisso de D. Sueli ultrapassa as cercas de sua propriedade, está liderando um movimento contra o uso de agrotóxicos pelo poder público, que tradicionalmente utiliza os produtos para limpeza de estradas, praças, escolas e outros locais públicos. O discurso novamente é forte: “de que adianta organizar um encontro para ensinar as mães a fazer a multimistura, aproveitar melhor os alimentos, se do

¹³ DIEGUES, A.C. **O Mito Moderno da Natureza Intocada**. Rio de Janeiro: Hucitec, 2001.

lado de fora tem um funcionário da prefeitura pulverizando com veneno”. Sua luta é também interna, pois ainda tem um pedaço da propriedade com produção convencional, e o debate com o marido é constante. A questão aparece em diversos momentos de nossas conversas, o esposo ainda quer plantar o milho e algumas culturas com a produção convencional e ela não concorda, quer toda a propriedade produzindo alimentos limpos, “pois se não quero envenenar minha família, não posso pagar para outros (empregados contratados) estarem se envenenando”.

Para estes agricultores a sua forma de vida e de produção está ligada diretamente à ecologia,

Ecologia seria o meio ambiente, tudo que tá a nossa volta com seres vivos, as árvores tudo isso... tudo junto se forma está no meio da ecologia, né? Então preservar a ecologia é preservar o meio ambiente, seria nesse sentido, acho que ecologia seria basicamente isso, o meio ambiente em que vivemos. Ecologia é um pouco daquilo que nós estamos entrando agora, né? Saindo dos agrotóxicos, cuidando da natureza. (Sueli, 58 anos).

Ao tempo que consideram a produção orgânica diretamente ligada à ecologia e preservação da natureza, associam também a produção e os produtores convencionais como pessoas com menos discernimento e cuidados com o planeta. Para o Sr. Miguel são agricultores, “que não entendem bem como funcionam as coisas e não estão preocupados com o amanhã, querem saber de hoje, querem ganhar bem hoje e amanhã não querem saber se os filhos vão ter para sobreviver ou não”.

Quanto mais forte o envolvimento da família no grupo de produtores orgânicos, maior é a tendência de estes produtores incorporarem conhecimentos sobre a necessidade da preservação da natureza, pois esta é uma das premissas emanadas da Rede Ecovida, que acompanha o processo da produção agroecológica. Os produtores orgânicos têm uma ligação e um sentimento de pertencimento a um grupo que está envolvido em um projeto que preserva a natureza, e segundo eles isso não ocorre com os produtores convencionais, que não se reúnem e nem discutem soluções para a agricultura na região, pois continuam trabalhando individualmente.

Na mesma linha, entendem que os moradores das cidades são responsáveis pela devastação, e o homem do campo é mais prejudicado, pois sofre uma cobrança maior, tem uma fiscalização forte para não agredir a natureza, o que não acontece nas cidades. Para o Sr. Alberto, “existe muita conversa sobre devastação, mas nós sofremos aqui pelo que acontece nas cidades, eu preservo as nascentes d’água, já cerquei para que o gado não tenha acesso, mas, e lá na cidade o que eles fazem?”.

Outro agricultor, Sr. Arthur, após receber meus elogios às belezas de sua propriedade e questionado se já tinha derrubado mato no seu terreno, foi enfático ao dizer que não é preciso mais derrubar o mato, pois as áreas que tem a disposição para o cultivo já são suficientes. Na sequência começou a falar com orgulho da propriedade, que pertence à família a três gerações e que serviu para criar todas estas gerações. No decorrer da conversa se questionou se ao ter mantido as matas tomou a decisão mais certa, pois hoje se quisesse aumentar a área de plantio seria muito difícil, pois para um agricultor derrubar uma árvore a lei é muito severa. Os conflitos entre o que se fazia na “agricultura antiga” e as propostas da agroecologia são constantes e fazem parte do cotidiano destes agricultores.

Os agricultores associam a devastação e falta de cuidados com a natureza ao tamanho das comunidades. Um agricultor bem antigo na região comentou que no seu tempo de criança era muito difícil manter a família com a produção da propriedade, pois todo ano as comunidades cresciam e era necessário abrir mais roçados, para que as novas famílias pudessem plantar e sobreviver. Precisavam derrubar o mato e descobrir novas formas de adubação, o que não tem mais acontecido hoje, pois o número de famílias vivendo nas mesmas áreas é menor e a melhoria do conhecimento, da tecnologia e do acompanhamento por técnicos agrícolas está fazendo com que se produza mais nas mesmas áreas.

O campo hoje é mais preservado porque as técnicas agrícolas melhoraram, mas também porque reduziu o número de pessoas que dependem da produção no campo para tirar dali o seu sustento. Assim, dentro deste raciocínio se o número de famílias morando na região fosse maior, ainda poderia estar ocorrendo um nível maior de devastação.

Esta associação do tamanho das comunidades é também transposta para as cidades, pois consideram que o acúmulo de pessoas leva a devastação da natureza: “é muita gente, parece um formigueiro, muita indústria, muita coisa se acumulando, então sabe se lá se a natureza suporta tudo isso”. O agrupamento de muitas pessoas leva a poluição maior e problemas com o lixo: “o pessoal da cidade não cuida tanto do

lixo quanto nós, muitos nem sabem como se planta um pé de aipim, como se faz para cuidar da terra, praticamente não tem mais verde, é preciso construir e as cidades vão ficando só concreto”. (KARINA, 26 anos).

Além da redução do tamanho da população rural, que é diretamente associada à queda do desmatamento, a chegada da tecnologia no campo é considerada fundamental para manutenção das atuais condições vivenciadas nas propriedades agrícolas:

O desmatamento hoje é menor, teve um tempo atrás antes de entrar esses insumos esses produtos químicos que todo ano uma família tinha que derrubar mato para poder continuar a produção, pois as terras ficavam cansadas e não dava para plantar anos seguidos no mesmo lote, assim plantava milho um ano e depois tinha que fazer uma roça nova para poder plantar milho, hoje em dia isso mudou, a região tá praticamente toda coberta de verde, não é preciso desmatar para continuar plantando. (João, 59 anos).

O mesmo produto químico, considerado o maior inimigo da saúde dos agricultores e da natureza, também é apontado como um dos principais responsáveis pela redução do desmatamento e consequente melhoria da qualidade de vida das populações rurais. Assim, recapitulando as diversas falas, podemos associar como responsáveis pela melhoria da cobertura verde nas áreas agrícolas: a redução da população rural, a chegada ao campo do conhecimento e das melhorias tecnológicas, o processo de normatização, que, mesmo considerado muito forte para os pequenos produtores, ajudou a inibir a depredação e auxiliou na conscientização dos agricultores. Os agricultores mais engajados entendem que produção agroecológica engloba praticamente todas estas questões em suas premissas.

Dentro dos meus objetivos de pesquisa a questão do desenvolvimento é central, e tanto nas entrevistas quanto em minhas observações sempre procurei estar com um olhar bastante atento para ela. As respostas obtidas na grande maioria das vezes se aproximam do modelo de desenvolvimento convencional: o desenvolvimento econômico e o progresso, que podem ser contabilizados através das melhorias das condições materiais dentro da ótica predominante dos

modelos de acumulação, tão debatidos em nosso mundo, e que naturalmente também fazem parte dos sonhos das famílias rurais.

Quando perguntados sobre como enxergam sua comunidade com relação ao nível de desenvolvimento, a maioria dos entrevistados considera que vivem em uma comunidade com um bom nível de desenvolvimento. É consenso entre as famílias que nos últimos anos ocorreram grandes melhorias: instalação de posto de gasolina, mercado melhor, ampliação do estudo até segundo grau na escola do distrito. Quando questionados sobre o que ainda precisa mudar para terem uma comunidade mais desenvolvida, apontam, como mais importante, a melhoria no acesso ao distrito, e também reivindicam melhorias na área de saúde para evitar que os agricultores tenham que se deslocar para as cidades quando precisam fazer exames.

Esses posicionamentos retratam uma forma de pensar e viver dos agricultores familiares entrevistados, pois são pessoas que nasceram e se criaram no campo onde a luta pela sobrevivência diária sempre foi árdua, e a conquista de pequenas melhorias como a instalação de um posto de combustíveis é comemorada. O reflexo destas melhorias na vida das famílias é muito grande, o que podemos ver também no depoimento de um jovem agricultor:

[...] uma casinha melhor, um automóvel, então isso há cinco ,seis anos atrás a gente passava ali nas propriedades era sempre aquela casinha ruim, se tinha um carrinho era bem ruinzinho e a maioria não tinha, agora a maioria já tem uma casinha nova, um carrinho bom, tem as crianças todas estudando que antes as crianças não estavam na escola, não iam estudar ficavam na lavoura sem o estudo. Então com isso também veio o segundo grau aqui pra nossa localidade, também que isso já consegue manter o jovem na agricultura, estudando praticamente em casa, então com isso vai melhorando também a nossa vida. (Gustavo, 33 anos).

O que traduz o sentimento das famílias com as melhorias materiais vivenciadas nos últimos anos pela comunidade,

[...]antigamente a gente trabalhava toda a família só pra se manter, só pra manter comida na mesa, a gente não podia comprar nada, né? Eu sou daquela

época ainda que a gente caminhava dois, três km pra ir pra aula sem um chinelinho no pé, trabalhava feito um escravo só pra sobreviver, ter comida na mesa e hoje não, hoje a gente tem confortos, né? A maioria tem seu bom carro, muita gente já tem telefone, tem televisão. A vida no campo melhorou bastante, mesmo no estudo, hoje tem fundamental, tem o terceirão, tem transporte que pega as crianças em casa, entrega em casa, onde o ônibus não vai é um carro da secretaria da educação que pega as crianças e leva até no ônibus, depois pega no ônibus e traz até em casa. Então melhorou muito, né? Praticamente cem por cento, melhorou hoje do que era antigamente. (Miguel, 50 anos).

Com este mesmo pano de fundo, muitas histórias foram contadas, como era a região onde viviam, como trabalhavam no fumo, como era difícil a vida na colônia. Os depoimentos dos casais mais velhos ilustram as dificuldades que passavam nos primeiros anos de casados. Estas dificuldades se reduziram pela injeção de diversos fatores, entre eles o desenvolvimento tecnológico e a criação de políticas governamentais mais direcionadas para as pequenas propriedades rurais,

[...] hoje tá melhor para trabalhar no campo, pra dizer do jeito que nós trabalhava na roça naquela época antes de eu sair pra cidade e como a gente trabalha, hoje é muito melhor. O governo investiu bastante, né?, (...) esses investimentos que o governo fez facilitou para comprar trator, carro, antigamente não tinha essas possibilidades, não conseguia comprar nem uma motosserra, tinha que cortar a lenha para secar o fumo com o machado. Hoje as tecnologias já vêm avançando e o cara tem que acompanhar, que nem eu disse pra amarrar o fumo não existia aquelas máquinas pra amarrar, né? Era tudo no barbantinho, quando eu trabalhava, nem sei se tens ideia de como isso era? Era com uma vara daí com um barbante amarrava dum lado e no outro, daí, dum lado e do outro, duas por duas pendurava. Aí tu vê, só pra tu ter uma ideia. Hoje tem essas estufas preparadas, tu coloca a folha solta lá dentro, só vai empilhando lá e seca,

e fica melhor do que o amarrado que nós fazia. Então tá muito melhor... muito...(Joao, 59 anos).

A entrada de novas culturas, melhorias na forma de cultivo das lavouras e a implementação das políticas governamentais que levaram ao campo a contribuição e atenção de técnicos ligados a entidades de governo, introduziram novas formas de plantio e de cuidados com a terra:

[...] isso ali foi a mudança que deu com a chegada do fumo, com a chegada do insumo pra produção do milho e coisa pra prepara os terrenos, né? Pra produzir mais, né? Foi por causa disso que facilitou o trabalho, daí onde se produzia em três hectares às vezes (...) se produzia depois em um hectare de terra, então isso aí foram as técnicas que vieram na época (...) os agrônomos vinham ali ensinar como plantar, como aduba o milho . E pra produzir o fumo, também veio junto os adubos, o calcário, tudo, né? Então não precisou mais arrancar muito cepo, desmata muito, né? Trabalhava naquela área que tava ali e o resto sobrou, né? (Joao, 59 anos).

A cultura de fumo, que alterou a forma de produção e relacionamento entre os agricultores e a indústria, inicialmente foi considerada a salvação para a pequena propriedade rural. Com a implantação de seus projetos de “parcerias” com os produtores, trouxe para o campo de uma forma “disfarçada”, uma relação mais forte e clara, entre o capital e o trabalho. Este debate muito presente nos grandes centros industriais passou a fazer parte da vida do agricultor, pois junto com as benesses da introdução dos insumos, acompanhamento e garantia da compra da produção, a indústria fumageira passou a exigir muitas contrapartidas para seus investimentos.

Um agricultor que em sua entrevista não tinha feito críticas ao processo do cultivo do fumo, durante momentos informais após a entrevista, nos contou porque deixou de plantar fumo. Demonstrou grande insatisfação pela forma como os colonos são tratados pelas fumageiras, pois são praticamente tratados como empregados. Mesmo fazendo tudo que as indústrias pedem, dependem totalmente da classificação do fumo feita pelos técnicos das empresas, para saber o resultado de sua produção. Assim a outra face do desenvolvimento se apresentava aos pequenos produtores rurais.

O sentimento com relação à indústria do fumo ainda é contraditório, mesmo entre as famílias participantes do grupo produtor de orgânicos, pude presenciar, os conflitos existenciais que dificultam a tomada de decisão de parar com a lavoura de fumo e se aventurar num ramo ainda desconhecido. Num desses momentos pude questionar os participantes de um encontro sobre a rentabilidade das lavouras de fumo, e um grupo de agricultores defendeu a produção de fumo pelos benefícios econômicos inquestionáveis que ela traz para as famílias e que segundo um dos presentes “nenhuma outra lavoura produz o mesmo resultado do fumo, por isso ainda não conseguiu deixar de plantar fumo, pois a cultura tem sido muito rentável para os produtores”.

Com todas as questões negativas e problemas provocados pelo seu cultivo, o debate em torno da indústria do fumo não apaga o sentimento existente na comunidade sobre a sua importância para as melhorias materiais vivenciadas nos últimos anos. Todos os agricultores entrevistados já foram fumicultores, e mesmo com muitas críticas ao processo, reconhecem que a cultura contribuiu para o atual patamar de desenvolvimento das comunidades da região.

Com relação à chegada do progresso ao meio rural, durante minha vivência junto aos agricultores pude confirmar que as propriedades estão equipadas com os mesmos bens de consumo utilizados nas residências urbanas. O acesso a Internet ainda não está em todas as propriedades, mas já está integrado à vida no campo; a TV está incorporada no modo de vida das famílias; depois das atividades diárias todos param para assistir o noticiário nacional, a novela e depois o futebol. Assim as informações e o conhecimento já entram nos lares rurais da mesma forma que na cidade. Essa conexão com o mundo, está auxiliando nas questões de preservação, do cuidado com as nascentes, com a manutenção das matas, pois estes são temas muito reprisados em noticiários e programas de televisão.

Esta interação com os acontecimentos mundiais, e as próprias melhorias econômicas que também beneficiam as comunidades rurais, podem lhes estar trazendo uma consequência negativa deste progresso que é a redução da sua capacidade de produção. Com o crescimento das cidades e a conseqüente necessidade de mão de obra nas indústrias, o homem do campo, principalmente o jovem passou a ser seduzido pelas novas possibilidades de vida, de acordo com o depoimento de D. Marta: “muitas famílias aqui da região foram embora para a cidade, pois lá tinha emprego para todo mundo nas fábricas, lá os filhos com treze, quatorze anos já tem um empregozinho, e já começam a ganhar um dinheirinho, se

estivessem na roça isso não acontecia”. Além disso, a forma de vida no campo e a busca de um trabalho remunerado afeta principalmente os jovens “os jovens de uma forma geral querem ir para a cidade mesmo com uma renda menor”. Abordei este assunto em um encontro onde participavam muitos jovens, e a resposta de um jovem agricultor (em voz baixa, meio constrangido) que ainda está em casa, acha que o principal motivo é o salário na mão todo o mês (trabalhando em casa não recebe nada), e que na cidade tem horário para trabalhar.

Dentro das falas sobre o desenvolvimento da região, retornaram as questões sobre o estudo dos jovens e um processo de ruptura familiar. Nos depoimentos dos agricultores podemos visualizar um problema e uma crítica ao processo de ensino, que não prepara os jovens agricultores para as suas atividades. O modelo de ensino atual não separa as necessidades de aprendizado de um jovem do campo com as dos jovens da cidade. Na opinião dos agricultores, este modelo prepara os jovens para trabalhar na cidade, num escritório e não na roça, o que estimula a saída dos jovens do campo para trabalhar na cidade onde poderão aplicar os conhecimentos adquiridos na escola. Assim, os jovens que vislumbram um futuro diferente e querem continuar estudando tendem a sair de casa e não mais retornar para as atividades rurais.

[...] a maioria tá se acabando sabe por quê? Aqui na colônia se eu der o exemplo lá no Miguel, tem dois filhos, a primeira filha já tá saindo esse ano, que quer estudar (...) quer ir pra uma universidade, né? Aí essa não volta mais, pra roça não volta mais. Então esse é o fim, quem vai lá pra fora pra estudar, cada vinte... não tem um que volta, pode ser um em cada vinte, porque tu quer vê ó, eles vão lá, até eles se forma eles já tem um bom emprego, já tão acostumado lá, eles não vem de volta pra trabalhar na roça. É o que tá acabando com o interior, é isso porque não tem estudo aqui, então ele saem pra estudar fora e vão antes. Sai um, sai dois, tem gente ali que tem sete, oito filhos, hoje em dia já reduziu... tá em dois, três, né? Mas os filhos vão e os velho ficam até... só que o velhinho amanhã ou depois não tá mais, né? (Arthur, 57 anos) .

Essa questão é ambivalente e permeia as questões do nível de desenvolvimento da comunidade, levando ao questionamento levantado por um de nossos entrevistados:

[...] eu acredito que nossa comunidade é pouco desenvolvida, né? Pois uma comunidade onde o pessoal tem que sair para sobreviver é porque não tem desenvolvimento. Desenvolvimento para mim seria ter mais oportunidades para as pessoas, que as pessoas pudessem estudar e ficar na roça, quem sabe uma faculdade no futuro aqui mais perto possa ajudar os jovens a permanecer no campo. (Miguel, 50 anos).

Nesta mesma linha outra opinião também questiona o modelo de desenvolvimento da comunidade,

[...] é pouco desenvolvido, né? Pouco desenvolvido. O desenvolvimento deles aqui é o fumo. Isso pra uma comunidade dessa ela devia de ser desenvolvida não só através das empresas de fumo, aqui a indústria¹⁴ até fez um desenvolvimento maior e coisa, mas tá vindo coisa de fora pra cá porque aqui devia ser isso investido em pessoal daqui, né? Aí eles não acreditam nessa possibilidade ainda, de investir naquilo que tem na comunidade, que a indústria aqui podia tá maior, podia tá gerando mais emprego até mas eles ainda não acreditam. (Alberto, 49 anos).

Estas opiniões encontram amparo mesmo em famílias que entendem que a comunidade tem um bom nível de desenvolvimento. Todos sofrem com a evasão dos jovens do campo, e encontrar alternativas para esta questão é crucial para as comunidades rurais. Entendem que o futuro das propriedades está condicionado ao encontro de soluções inovadoras para proporcionar o estudo para o jovem rural. São relacionadas possibilidades da extensão de uma universidade, do ensino a distância, ou com o incentivo a proliferação das escolas técnicas rurais, que poderiam trabalhar com uma grade curricular mais adequada às necessidades do trabalho no campo, e preparar os jovens para permanecer nas propriedades.

A produção agroecológica também é apontada como uma oportunidade e incentivo para os jovens permanecerem em suas

¹⁴ Referindo -se a Agroindústria local.

comunidades, pois traz um envolvimento com os grupos, com treinamentos, viagens e reuniões em outras localidades.

A agroecologia também é muito citada quanto o tema é a sustentabilidade. Quando são confrontados com o termo “sustentabilidade”, os agricultores num primeiro momento têm uma reação de estranheza, de desconhecimento, de não familiaridade com a palavra. Depois começam a fazer a ancoragem associando-a ao seu mundo da agricultura orgânica. Assim, para o público da nossa pesquisa, sustentabilidade está fortemente associada à produção agroecológica, que consideram uma forma de produção mais limpa e saudável com a eliminação da utilização de agrotóxicos e outros produtos químicos.

Apesar da ambivalência do conceito, no nosso entendimento o termo faz parte das representações e do imaginário social dos agricultores familiares ligados à produção orgânica. No discurso cotidiano o conceito, que pode não ser tão elaborado, e nem tão rebuscado como os conceitos constantes na bibliografia, circula dentro do universo consensual das famílias. É com o olhar do universo dos agricultores que estamos buscando trazer as ideias levantadas sobre sustentabilidade pelos nossos entrevistados.

Autores que trabalham na linha defendida por Sachs (2007), consideram que a sustentabilidade está associada a novas formas de crescimento, com uma visão da construção de uma sociedade melhor. Esse sentimento está presente nos ideais de muitos dos nossos entrevistados, que fazem a associação entre o trabalho que estão desenvolvendo na agricultura e um projeto de uma sociedade melhor, mais saudável através da produção e consumo de produtos orgânicos.

[...] uma das formas de melhorar o mundo é melhorar a qualidade de vida das pessoas produzindo alimentos orgânicos. Hoje a agricultura tá melhorando, as pessoas estão buscando mais conhecimento, tem muita pesquisa, técnicas que orientam melhor o produtor, os próprios produtos químicos, a qualidade das sementes. De uma forma geral temos mais conhecimento para produzir produtos de qualidade. (Gustavo, 33 anos)

Com estes sentimentos, os produtores convencionalizaram que a lavoura agroecológica tem um significado maior que o cultivo da terra. No imaginário dos agricultores, agroecologia significa a vida e a produção convencional e o uso de agrotóxicos, a morte. Estes

significados estão nas histórias das famílias, pois praticamente todas, em algum momento de suas vidas, utilizaram as técnicas convencionais de produção agrícola, pois já foram produtores de fumo, uma das culturas que segundo eles tem um dos maiores índices de utilização de produtos químicos.

O termo é associado ao “sustento”, aquilo que é necessário para suprir às necessidades básicas da família. No entendimento de D. Sueli, desenvolvimento sustentável é “[...] se desenvolver para o sustento, poder produzir e vender mais produtos que possam auxiliar no sustento da família, mas com produtos saudáveis, sem veneno”. As práticas diárias dos agricultores estão recheadas de termos e procedimentos que demonstram uma vivência no rumo da sustentabilidade. Exemplos que aparecem também na fala de Karina, outra participante do grupo associada; “eu acredito que seja aonde a gente consiga tirar o sustento, sem causar danos à natureza ou alguma coisa do tipo, e conseguisse se desenvolver sem ter que estragar a natureza ou alguma coisa do tipo”. As falas são simples, mas aproximam o universo consensual da sustentabilidade ao universo reificado e suas posições científicas. Trazem conceitos que estão arraigados no imaginário social das famílias, com a simplicidade que é peculiar às coisas do senso comum.

Também era minha intenção entender as representações que as famílias têm sobre o território. Considerando as premissas da construção do território pelos seus atores e pelas entidades que prestam apoio, enxergamos alguns apontamentos que consideramos relevantes.

De início aparecem algumas questões territoriais que afetam a manutenção dos jovens no campo; a burocracia do estado não consegue ajustar questões de transporte escolar que afetam uma comunidade que fica em Rio Veado e pertence à Nova Trento, mas está mais próxima de Major Gercino, na divisa com o distrito de Pinheiral. Os jovens que moram nesta comunidade se fossem estudar em Major Gercino, poderiam reduzir o tempo de deslocamento diário em mais de três horas, mas a burocracia não consegue se ajustar às necessidades do território construído. As famílias convivem no mesmo grupo de produção orgânica, as questões produtivas se ajustaram, mas a concepção de território que considera unicamente suas confrontações físicas e políticas não consegue ajustar suas demandas.

No bloco sobre as questões do desenvolvimento, já escrevi que as melhorias nos canais de comunicação, a chegada da Internet, do telefone, associada com a presença maciça da TV nas residências, aproximaram a população do campo às facilidades da cidade. As

aparentes facilidades e o estilo de vida da cidade exercem um certo fascínio, principalmente na população mais jovem, o que acaba atraindo muitas famílias, que abandonam sua propriedade em busca de uma mudança de vida na cidade. As explicações para este fenômeno são variadas: o trabalho mais leve nas cidades, o salário mensal, o estudo para os jovens, à distância e as dificuldades de acesso, mas o resultado é a queda do número de famílias que vivem no campo e a redução da capacidade de produção das áreas rurais.

[...] hoje existem menos famílias na colônia, os jovens querem ir para a cidade, não querem se incomodar muito e vendem o que tem e vão para a cidade para pegar qualquer emprego. Tocam o serviço do campo está mais difícil, pois tem pouca gente para ajudar com o trabalho. (ALBERTO, 49 anos).

A nossa filha se formou no terceiro ano, agora quer fazer faculdade e aqui não tem, não tem como ela trabalhar na propriedade e estudar. Então ela pra fazer faculdade vai ter que sair daqui não adianta, pois faculdade hoje é só em Tijucas ou em Brusque. Se for para ir diariamente tem que pegar o ônibus até Major Gercino (12 km) e depois pegar o ônibus para a faculdade em Brusque que já sai às 5 hs da tarde, para voltar chega em Major Gercino às onze horas da noite, e não teria como voltar para casa. Alguém teria que ir lá para buscar ela diariamente e iria chegar em casa depois da meia-noite, aí não tem condições para ela ir e voltar todo o dia. Isso acontece com a grande maioria dos jovens nesta idade que aos poucos vão saindo de casa. (MIGUEL, 50 anos).

[...] qual o nosso grande problema? Bem não sei se seria problema mas a distância do centro da cidade, do comércio, de tudo né? A distância é um problema, outra a questão da estrada que as vezes fica intransitável, assim ficamos isolados do mundo, estamos muito longe da cidade. (CLARICE, 24 anos).

Uma das esperanças de solução para algumas destas questões está sendo depositada na agroecologia. As interações sociais que a produção agroecológica proporciona está transformando a configuração

sócio-espaical do território. As famílias estão construindo uma dinâmica de produção e relacionamentos que não obedecem às configurações tradicionais do território. Isso pode ser identificado na organização econômica, através da logística de escoamento da produção, mas principalmente nos processos de construção de uma comunidade onde as fronteiras estão se delineando em torno do tipo de produção.

O processo de agroecologia ainda é de interesse de algumas famílias na comunidade, tem gente de longe vindo para acompanhar nossas reuniões e as outras famílias que trabalham na agricultura convencional, os produtores de fumo não querem nem ouvir falar da produção de orgânicos. Eles não querem sair do fumo e se envolver com o movimento, acho isso uma fraqueza, pois estamos indo buscar alguns produtos longe daqui que poderiam estar sendo produzidos na comunidade . (CLARICE, 24 anos).

As premissas da Rede Ecovida e principalmente o processo de Certificação Participativa, tem um importante papel nesta configuração, pois as interações que acontecem para a certificação das propriedades colaboram com a movimentação de agricultores entre distritos e municípios. De acordo com fala de um técnico do Cepagro em uma reunião do Grupo Associada, a metodologia utilizada para a certificação participativa, prevê o controle social através da interação dos agricultores. Este é um diferencial dos processos de certificação convencional. A certificação para membros da Rede Ecovida, pressupõe o envolvimento com o grupo, com participação em reuniões mensais locais, bimestrais com o conselho de ética e, anuais com os demais grupos do Núcleo. Estes encontros criam vínculos entre as famílias de produtores e as instituições de apoio e geram um sentimento de pertencimento à causa da agroecologia.

Outra questão muito importante que aparece no território é o apoio institucional disponibilizado, e a cooperação (interação) entre as instituições e atores locais. Estas interações acontecem debaixo do guarda-chuva da produção agroecológica, ou se visto com outra ótica, com o apoio das entidades preocupadas em criar alternativas para uma transição da cultura do fumo para outras menos danosas a saúde dos agricultores. Entre as entidades que atuam na região, merece destaque especial o trabalho executado pelo Cepagro e sua equipe técnica,

considerados pelos agricultores como essenciais para a continuidade da produção orgânica na região.

Também existem importantes programas governamentais que disponibilizam técnicos e também recursos para auxiliar nesta transição, facilitando a chegada de novas tecnologias e facilidades ao campo. De acordo com depoimentos dos agricultores, hoje as linhas de financiamento disponíveis nos bancos governamentais, facilitaram o acesso aos bens de produção e de consumo necessários para o trabalho e também para melhoria da qualidade de vida das famílias rurais. Hoje não faltam maquinários para o trabalho na roça e a existência de automóvel é corriqueira nas propriedades.

Mesmo que em pequena escala, aparece um exemplo das possibilidades de promover práticas de industrialização descentralizada, que podem auxiliar no desenvolvimento local e na manutenção das famílias em suas propriedades. A existência de duas agroindústrias nas comunidades abrangidas pelo grupo Associada já contribuíram para melhorias no território. Nestas localidades a existência de empregos com salário regular, tem contribuído para um melhor aproveitamento da produção, que além da destinação normal (feiras, merenda escolar, entrega para cooperativa e no Ceasa em Florianópolis), tem seu excedente canalizado para as indústrias de conservas ou de sucos.

A industrialização descentralizada melhora o valor agregado da produção, e contribui para o desenvolvimento do território. Com a geração de empregos passa a oferecer aos seus habitantes, a possibilidade de manter a qualidade de vida das comunidades rurais e ter acesso a um dos atrativos das cidades, que é a remuneração pelo trabalho realizado, o salário na mão das pessoas todo o mês.

O poder no território convencional é exercido pela classe política, que se articula em torno de suas alianças. De acordo com a opinião de Clarice: “quem manda na região é o prefeito e seus aliados, eles tem o poder e fazem o que querem, se eles quiserem arrumar uma estrada eles mandam arrumar se não quiserem não adianta reclamar”. A articulação que está se formando em torno da produção orgânica já começa a projetar um futuro com novas possibilidades aos agricultores, “o grupo dos orgânicos tem mais poder que qualquer agricultor separado, agir com o grupo sempre é mais forte do que uma pessoa só, uma reivindicação de um grupo de pessoas sempre tem mais força.” Esse desenho político faz parte da base de trabalho das comunidades participantes da Rede Ecovida, que em suas premissas considera que a agricultura agroecológica além da questão produtiva visa inclusão social, o respeito

às questões de gênero e busca preparar o agricultor para ser o protagonista do seu futuro.

Quadro 7 - Resumo da Interpretação Inicial

Tema	Principais Questões	Representações sociais
Jovens no campo	<ul style="list-style-type: none"> - O estudo -Mão de obra nas propriedades - Salário 	<ul style="list-style-type: none"> - Estudo afasta os jovens do campo. - Estudo prepara as pessoas para trabalhar na cidade. - Estudo como rito de afastamento dos jovens e suas famílias. - Estudo não é muito importante para o trabalho no campo. - Jovem - importante nas propriedades como mão de obra. - Falta de remuneração pelo trabalho tira os jovens do campo. - Trabalho no campo é obrigação com a família, na cidade tem salário.
Agroecologia	<ul style="list-style-type: none"> - Saúde dos agricultores - Agrotóxico = veneno - Orgânico representa a vida - Cultura - Elos c/o passado e futuro - Um novo caminho para manter os jovens no campo. - Produto mais valorizado pelos programas de governo 	<ul style="list-style-type: none"> -Orgânico representa melhoria na saúde. -Orgânico é vida, agrotóxico causa doenças. -Produção orgânica é saúde, uso de agrotóxicos é contra a vida. -Lavouira convencional envenena os produtores e consumidores. - Retorno ao passado e prepara o futuro. - Produto orgânico pode dar mais resultado para as propriedades. - Produtor de orgânico tem uma identidade. - Fumageiras exploram o homem do campo.
Ecologia/Natureza	<ul style="list-style-type: none"> Devastação Desmatamento Vida no Campo Vida na Cidade 	<ul style="list-style-type: none"> - Mais gente, mais devastação. - Cidades – formigueiro de gente. - O campo paga pela falta de cuidados com a natureza nas cidades. - População das cidades cuida menos da natureza.

		<ul style="list-style-type: none"> - Vida nas cidades é mais fácil do que no campo. - Agricultores tradicionais são menos preocupados com a preservação da natureza. - Proteção da natureza depende das pessoas. - Presença do homem não faz bem para a natureza. - Natureza protegida significa qualidade de vida. - Manter as matas na propriedade é herança para os filhos. - Ecologia é o meio ambiente preservado. - Produção orgânica é natural e segue a vontade de Deus.
Desenvolvimento	Bens materiais. Salário e Empregos. Conhecimento/Estudo e Tecnologia.	<ul style="list-style-type: none"> - Desenvolvimento = ao progresso tradicional. -Desenvolvimento = melhores condições de vida, casa, carro. -Desenvolvimento = melhores salários. - Desenvolvimento= mais empregos - Desenvolvimento = melhoria no acesso a educação. - Desenvolvimento. = novas tecnologias - Desenvolvimento.= Qualidade de vida. - Desenvolvimento = oportunidade para as pessoas ficar no campo.

Sustentabilidade	Produção Agroecológica Sociedade melhor Vida mais saudável Alimentos mais saudáveis Consumo consciente Reaproveitamento dos recursos naturais	<ul style="list-style-type: none"> - Sabedorias do cotidiano . - Produzir alimentos mais limpos. - Tirar o sustento da natureza sem agredi-la. - Não usar recursos naturais, reaproveitar -Ter suas coisinhas com o lucro do seu trabalho. -Tirar da natureza somente o necessário para o seu consumo. -Ser menos ganancioso. -Conseguir se sustentar e ter saúde e educação. - O campo tem responsabilidades com a produção de alimentos para o mundo.
Território	Território formal Território construído Tamanho e capacidade de produção Atores e apoio institucional Descentralização/ Poder	<ul style="list-style-type: none"> - O campo está isolado e precisa das cidades. - Distância e acesso é o principal problema dos agricultores. - Legislação pesada para os agricultores auxiliou no êxodo rural. - Mais gente, mais devastação. - Políticos fazem o que querem. - Organizar-se em grupo aumenta o poder. -Pessoal da cidade tem mais conhecimento. - Morador do campo tem poucas opções de divertimento.

Fonte: elaborado pelo autor

4.3.2 Interpretação teórica do material empírico

A proposta interpretativa deste trabalho prevê a necessidade de uma reflexão em todas as etapas da pesquisa, o que leva o pesquisador a rever e repassar o material empírico em busca da interpretação sucessiva dos achados. Para continuidade deste processo, busquei revisar todos os relatos feitos nos processos iniciais que integram o primeiro estágio interpretativo e, neste segundo estágio, tenho como objetivo trazer para o processo interpretativo além das falas dos atores do campo, a teoria e a visão dos principais autores dos temas estudados.

O primeiro tema abordado foi à vida dos jovens no campo, principalmente o processo da educação destes jovens. Os achados neste quesito chamaram a atenção pela força das respostas e também por confrontar a estrutura de pensamentos do pesquisador. As respostas que consideram que o estudo afasta os jovens do campo, e apontam para uma ruptura familiar quando estes jovens decidem buscar a continuidade de seus estudos, podem estar associadas a estruturas culturais tradicionais que perpassam o processo educativo, levando a questões familiares mais abrangentes.

As representações sociais se manifestam em palavras, sentimentos e condutas e se institucionalizam, portanto, podem e devem ser analisadas a partir da compreensão das estruturas e dos comportamentos sociais.
(MINAYO, 1998, p. 108).

Assim, considerando que as falas e os discursos têm o poder de institucionalizar os comportamentos sociais, a representação do estudo para as pessoas no campo pode estar diretamente associada a uma tradição histórica: as pessoas que estudavam não permaneciam na colônia, e este pensamento pode continuar habitando o imaginário das famílias do campo. Para Minayo (1998, p.109) “As representações sociais são mais abrangentes em termos da sociedade como um todo, e revelam a visão de mundo de determinada época. São as concepções das classes dominantes dentro da história de uma sociedade”.

Partindo desse posicionamento, apesar das grandes modificações estruturais que estão acontecendo na vida rural, dentro da simbologia familiar a questão do estudo pode ainda estar sendo vista como assessória para a vida no campo. Esta associação faz parte dos pensamentos dos

próprios jovens agricultores. Conforme já relatado em citações feitas por jovens agricultores em itens anteriores, estes só precisariam de um nível mais avançado de estudo se optassem por outra atividade, pois para os trabalhos do campo o estudo básico, de primeiro grau, já é considerado suficiente. Este sentimento pode estar traduzindo uma realidade de nosso sistema educacional, que ainda não está preparado para acolher os jovens do campo com suas necessidades e expectativas, mas também pode estar reproduzindo os discursos repetidos e reproduzidos ao longo da vida daquelas famílias.

Para Abric (2005) o processo de representação funciona como um sistema de interpretação da realidade, que influencia as relações dos indivíduos com o seu meio físico e social, e acaba determinando seus comportamentos e práticas. A realidade vivida no campo aponta para a necessidade da mão de obra dos jovens para a sobrevivência das propriedades rurais, então a associação de níveis mais avançados de estudo com os trabalhos na cidade, pode ser o sistema de referências encontrado para se adaptar a realidade, e dar um sentido ao modo de vida dos jovens do campo.

[...] uma representação pode ser definida como uma visão funcional do mundo, que, por sua vez, permite ao indivíduo ou ao grupo dar um sentido às suas condutas e compreender a realidade através de seu próprio sistema de referências; permitindo assim ao indivíduo se adaptar e de encontrar um lugar nesta realidade.

(ABRIC, 1998, p.28)

No cotidiano das famílias existe também uma correlação entre a sua vida no campo, considerada mais penosa, com a necessidade de muito trabalho para conseguir sobreviver e o modo de vida das cidades, visto como mais fácil, de trabalhos mais leves, o que também pode influenciar na elaboração destes conceitos,

[...] por falta de oportunidade de estudar a gente não conseguiu completar os estudos, desde os cinco, seis anos de idade a gente já tinha que trabalhar na roça, ajudar família, o pai, a mãe e os irmãos pra poder sobreviver

(MIGUEL, 50 anos).

[...] lá na cidade eles trabalham às nove horas por dia e tão livre, né? Aqui não tem hora pra trabalhar, também trabalham do jeito que querem, mas não tem hora, não pode escolher serviço. (ALBERTO, 49 anos)

Hoje para estudar os jovens tem tudo, o carro leva e traz, mas por outro lado deixa a desejar também, né? A questão de qualidade de vida, onde que é melhor onde que é pior, nos colégios não se incentiva a ficar na roça, mesmo os colégios que tão lá no meio da nossa área, eles não trazem um estudo mostrando que o jovem tem chance de sobreviver na roça, todos os colégios tem um foco, que é ensinar a estudar mais e mais, pra poder ir embora pra cidade e pegar um bom emprego num escritório. Lá não tem que fazer força, então é o contrário do que ele vive, então acaba botando na cabeça dos jovens pra estudar, pra ir embora, né? E isso é uma grande falha que eu acho no nosso estudo, uma grande falha sendo uma região rural. (ALFREDO, 40 anos)

Estas histórias estão presentes na construção de um conjunto de crenças e valores que ainda fazem parte das relações familiares. As dificuldades do passado podem ter sido superadas, mas continuam presentes nos pressupostos de vida destas famílias. De acordo com relatos dos agricultores, os filhos precisam auxiliar nos trabalhos das propriedades desde cedo, pois a tendência é que ainda muito jovens abandonem a propriedade, ou pelo casamento ou para trabalhar na cidade.

A relação com a busca de mais estudo pode ainda representar a vontade de abandonar as atividades no campo e procurar uma vida e um trabalho melhor na cidade, deixando para trás uma história familiar de sacrifícios. Assim a continuidade dos estudos estaria sendo vista como sinônimo de insatisfação com o estilo de vida, com a qualidade da vida e do trabalho no campo, e não como um processo natural da busca de crescimento e conhecimento, que poderia ser aplicado também para a melhoria do trabalho nas propriedades agrícolas.

A busca da continuidade dos estudos pode ainda ter outros significados, que podem ser de emancipação, de libertação de um modo

de vida ainda associado ao poder patriarcal, em que o pai além do poder, mantém os recursos financeiros, e todos precisam colaborar e aceitar as situações impostas pela família. Assim, por trás das explicações simplistas da busca de uma atividade que tenha um salário mensal, as pessoas podem estar à procura de outra forma de vida e de rompimento com o seu presente.

Outra questão central da pesquisa é a agroecologia, que na realidade é fio condutor das falas, dos eventos e das ações que estão acontecendo na comunidade. O guarda-chuva da agroecologia, abriga outros temas muito importantes para o meu trabalho, pois a agroecologia ou agricultura orgânica, está diretamente imbricada com os conceitos e entendimentos sobre a natureza, sobre a ecologia e associada diretamente ao processo de sustentabilidade. Trata-se aqui destes temas de forma conjugada, pois eles se cruzam e se relacionam diretamente em muitas das falas analisadas.

Estes temas estão carregados com simbolismos. São associações com a saúde, com a vida e a morte, com o passado e também com o futuro. O grupo de agricultores que está envolvido com o processo de produção de alimentos orgânicos está criando uma identidade em torno de algumas crenças: produção orgânica significa a vida, saúde e respeito com a natureza. Para Moscovici (2003) as representações convencionalizam e dão uma forma definitiva para os objetos, pessoas ou acontecimentos. Elas criam categorias para estas representações, e gradualmente as colocam como um modelo de determinado tipo, distinto e partilhado por um grupo de pessoas.

Estas crenças estão direcionando as ações da comunidade e gerando novos simbolismos que começam a fazer parte do cotidiano das pessoas. Assim o trabalho da terra não é mais apenas um ato de produzir alimentos, os discursos estão recheados de significados. Trabalhar com a lavoura orgânica é não ter dores de cabeça, vômitos e tonturas no retorno da lavoura; trabalhar a lavoura orgânica então significa trabalhar com mais saúde, ao final é o que os depoimentos dizem: significa a vida.

Falas como esta estão no discurso corrente das famílias, em alguns casos já se verificam mudanças nos hábitos, costumes e nos próprios relacionamentos. Hoje os agricultores pertencentes ao grupo de produção agroecológica, para atender premissas do processo de certificação participativa da Rede Ecovida, necessitam participar de uma reunião mensal, que acontece em propriedades alternadas, com o objetivo de ampliar o conhecimento de todos com as técnicas de produção utilizadas em cada propriedade.

Assim, estas famílias estão criando laços de pertencimento e identidade em torno da causa da produção orgânica, transformando-os em atores de um movimento em busca de uma nova forma de produção. Este sentimento já é externado nas falas, como a de Gustavo: “as propriedades que querem produzir orgânicos têm que estar dispostas a trabalhar mais, têm que mudar as formas de fazer as coisas, têm que pensar diferente”, e sobre a relação com produtores convencionais (principalmente os produtores de fumo), “eles nos enxergam como loucos”; ou a “gente até convida para participar das reuniões, mas eles viram as costas pra nós”, as falas denotam um certo orgulho do fazer diferente, de estar se atualizando, de ter laços com outras comunidades e entidades.

[...] as pessoas são capazes de usar diferentes modos de pensamento e diferentes representações, de acordo com o grupo a que pertencem a ao momento em que respondem. (GUARESCHI, 1998, p. 33).

Estas famílias de agricultores, ao mesmo tempo em que elegeram a produção orgânica como um caminho para uma vida melhor, apontam a agricultura convencional com suas técnicas e utilização de agrotóxicos, como a responsável pelos grandes problemas de saúde que afetaram as diversas famílias de agricultores durante muitos anos. Aqui começa a aparecer mais claramente o discurso da “ancoragem do bem” que é liderado pela produção orgânica, e uma “ancoragem do mal” que é associada aos agrotóxicos, que foram transformados no discurso popular em “venenos”, e assim são usados como referenciais de coisas ruins.

As falas dos agricultores estão carregadas com estas crenças. Um agricultor, ao relatar porque escolheu o caminho da produção orgânica, declarou que não queria continuar trabalhando com o veneno e envenenando a sua família com a utilização de agrotóxicos na plantação de fumo. No discurso de D. Sueli - uma agricultora muito envolvida com o processo de produção orgânica - a ancoragem entre o bem o mal passa a ser entre a vida e a morte: “nós estamos aqui para trabalhar pela vida e não para contribuir com a morte”. Esta afirmativa não deixa nenhuma dúvida que o caminho da vida é a agroecologia. Assim, o processo de representações sociais aparece trazendo para o nível material a produção simbólica de uma comunidade.

A TRS se articula tanto com a vida coletiva de uma sociedade, como com os processos de constituição simbólica, nos quais sujeitos sociais lutam para dar

sentido ao mundo, entendê-lo e nele encontrar o seu lugar, através da identidade social. (JOVCHELOVITCH 1998, p.85)

A partir destas representações, os agricultores orgânicos criam uma nova forma de viver o mundo, suas atitudes são caminhos que os levam a pertencer ao grupo da agricultura saudável, e suas falas são carregadas com a tradução destes sentimentos.

Na verdade, a realidade vivida é também representada e através dela os atores sociais se movem, constroem sua vida e explicam-na mediante seu estoque de conhecimentos. Mas, além disso, as representações sociais possuem núcleos positivos de transformação e de resistência na forma de conceber a realidade. Portanto, devem ser analisadas criticamente, uma vez que correspondem às situações reais de vida. (MINAYO, 1998, p. 109).

A ancoragem do “veneno” como causador de muitos problemas familiares é transportada principalmente da experiência dos agricultores na produção do fumo. Esta realidade já foi vivida por todas as famílias entrevistadas, e a maneira de pensar um novo projeto de agricultura parece ser realmente uma forma de resistência ao modelo de produção que é personificado na indústria do fumo. Ilustramos esse pensamento com a fala do Sr. Alberto, hoje um produtor de hortaliças, ao contar o episódio que foi determinante na sua decisão de parar de plantar fumo, “vou parar de ser empregado e não receber nada”, e decidiu que não iria mais plantar fumo, pensou “morrer de fome nós não vamos e vou parar de mexer nestes venenos”. Esta fala traz à tona duas representações que permeiam os pensamentos das famílias: a exploração de sua mão de obra pela indústria do fumo e os agrotóxicos como “venenos”. Os agricultores estão num momento de transição da “produção do mal” para a “produção do bem”, e convivem com conflitos existenciais declarados, assim estas representações são âncoras que lhes auxiliam na manutenção do caminho escolhido.

Símbolos pressupõe a capacidade de evocar presença apesar da ausência, já que sua característica fundamental é que eles significam uma outra coisa. Nesse sentido, eles criam o objeto

representado, construindo uma nova realidade para a realidade que já está lá. Eles provocam uma fusão entre o sujeito e o objeto porque eles são expressão da relação entre o sujeito e o objeto. Através de símbolos coisas diferentes podem significar uma as outras e podem mergulhar umas nas outras; eles permitem uma variabilidade infinita, e, ainda assim, são referenciais. Assim, é da essência da atividade simbólica – da atividade do espaço potencial – o reconhecimento de uma realidade compartilhada – a realidade de Outros. Mas, é um reconhecimento criativo que leva a um envolvimento com outros e com o objeto que é o mundo. É a referência do mundo que garante a natureza criativa da atividade simbólica, de tal forma que a experiência de um, ao se mesclar com a experiência de outros, cria continuamente a experiência que constitui a realidade de todos. (JOVCHELOVITCH 1998, p.74).

Estes sentimentos que conduzem ao aparecimento das representações sociais são caminhos que vão sendo construídos no cotidiano da sociedade através das suas interações com o mundo. Quando a comunidade começa a relacionar os agrotóxicos a veneno, a indústria do fumo à exploração do homem do campo é porque existem relações com outros atores, com comunicadores oficiais e informais, com um discurso construído na busca da formação ou de mudanças das representações existentes.

As representações sociais não são necessariamente conscientes (...) elas são uma mistura das ideias das elites, das grandes massas e também das filosofias correntes, e expressão das contradições vividas nos planos das relações sociais de produção. Por isso mesmo, nelas estão presentes elementos tanto de dominação como da resistência, tanto das contradições e conflitos como do conformismo. (MINAYO, 1998, p. 109).

Observando a comunidade de nossa pesquisa com este olhar, é possível entender que, fazendo parte da Rede Ecovida, - uma organização que trabalha a produção agroecológica como um processo de busca de alternativas para os produtores de fumo, e para isso usa um discurso recheado de simbolismos, que associa a cultura do fumo ao “mal” - os

agricultores inseridos neste movimento estão recebendo “insights” que podem contribuir e influenciar na construção de um caminho que pode resultar em uma representação social.

O objetivo é combater a “indústria do mal”, direcionando as pessoas que participam deste movimento para a produção de alimentos saudáveis, preservando a saúde dos agricultores e criando um sentimento de orgulho com a responsabilidade pela melhoria do planeta.

A produção orgânica também tem a força das recordações do passado, com o modo de vida e trabalho dos avós e de seus pais: assim este retorno à forma de produção dos antepassados é mais um ponto que envolve crenças e simbolismos. Com o retorno a suas memórias passadas surge a representação da produção orgânica como a forma de cultivo da terra dos antepassados.

As associações da produção orgânica com a natureza e a ecologia são recorrentes, a natureza e a ecologia são muitas vezes diretamente ligadas ao modo de produção agroecológica. Assim as questões do desmatamento, os cuidados com as águas e com o solo fazem parte do dia-a-dia destes produtores. Quem quer melhorar o mundo através da produção de alimentos tem que estar preocupado com estas questões, e estes agricultores consideram que sua forma de produção está diretamente relacionada à ecologia. Para os agricultores a ecologia é o meio ambiente e tudo o que está relacionado com ele, e assim preservar o meio ambiente é estar sendo ecológico. Nas representações das famílias, a agroecologia engloba conceitos presentes na ecologia com os cuidados de preservação da natureza.

Assim como se consideram protetores da natureza, associam a devastação e falta de cuidados com a natureza ao tamanho das comunidades. Os pequenos agricultores entenderam na prática o problema territorial, apontando para a questão do tamanho das comunidades, também considerada essencial para as questões territoriais por autores importantes como Abramovay (2007), Jean (2010), Sachs (1993). São diversos depoimentos que contam que antigamente tinham que derrubar as matas para fazer novas lavouras. A cada ano à comunidade crescia assim a sobrevivência no campo estava condicionada ao aumento da área plantada, o que significava reduzir as matas existentes.

Esta associação é transposta para as cidades, pois consideram que o acúmulo de pessoas leva a uma devastação da natureza. Conforme depoimento de um agricultor as cidades se parecem com “um formigueiro, muita indústria, muita coisa se acumulando”, o que é difícil

da natureza suportar. O agrupamento de muitas pessoas leva a mais poluição, falta de cuidados com o lixo e outros problemas que afetam a natureza e sinalizam para a representação do morador das cidades como menos consciente que a população do campo.

Com estas colocações, os agricultores trazem para o debate da questão territorial, os problemas causados pela má distribuição territorial e a concentração excessiva das populações nas áreas metropolitanas. Sachs (1993) já chamava a atenção para os riscos da explosão demográfica urbana, principalmente nos países do Sul e os problemas decorrentes deste movimento, com especial atenção para a favelização urbana, “ Os pobres urbanos são as principais vítimas da destruição ambiental. Eles vivem na miséria(...) não têm acesso nem a infraestruturas e serviços adequados e nem a moradia decente...” (SACHS, 1993, p. 30). Em publicação de 2009, o autor aponta para a necessidade do Brasil pensar num novo ciclo de desenvolvimento rural, com a transferência para o campo de atividades que eram consideradas essencialmente urbanas.

Esta alternativa foi abordada pelos agricultores que consideram que a industrialização descentralizada melhora o valor agregado da produção, e contribui para o desenvolvimento do território. Esta descentralização de atividades poderia evitar a fuga dos jovens do campo e manter a capacidade de produção dos territórios rurais, contribuindo para uma melhor qualidade de vida nos grandes centros urbanos. Nesta direção Sachs (2009, p.341) entende que é necessário “desacelerar o êxodo rural e, ao mesmo tempo, humanizar os campos, procurar novos equilíbrios demográficos, sociais, ecológicos e culturais entre os diferentes pontos do *continuum* cidade-campo.

Outra questão muito importante na construção do território é o apoio institucional disponibilizado e a cooperação (interação) entre as instituições e atores locais. Para Abramovay (2010) e Sachs (2007), a capacidade de desenvolvimento territorial está fortemente vinculada à cooperação e às parcerias realizadas entre os territórios e as instituições que gravitam em seu entorno. No caso da região de minha pesquisa, o território é foco da atuação de entidades preocupadas em criar alternativas para a transição da cultura do fumo e estas parcerias estão modificando as relações territoriais e sua própria configuração espacial.

A dinâmica de produção agroecológica e principalmente o processo de certificação participativa, estão criando canais de relacionamento entre famílias pertencentes a diferentes municípios que estão iniciando um processo de trocas de conhecimentos e experiências, e

construindo uma nova comunidade. Esta comunidade não está restrita aos limites geográficos do território dado, suas fronteiras estão se delineando em torno dos limites da produção agroecológica.

Neste caso aparecem pistas reais de uma nova configuração territorial. O território está sendo reconstruído em função dos problemas produtivos comuns, levando seus atores a compartilhar experiências. A questão agroecológica está reagrupando os produtores, criando uma nova dinâmica de relações sociais e dando início a uma reconfiguração espacial. Outra questão que emerge neste movimento é a existência de um conjunto de habilidades sociais e políticas dos atores no estabelecimento das regras de colaboração mútua (ABRAMOVAY, 2010).

A dinâmica organizativa da Rede Ecovida tem contribuído para esta mobilização dos atores e contribuído para o embrião da construção de um modelo de desenvolvimento pelo próprio território (JEAN, 2010). A promoção do desenvolvimento territorial é também um processo de aprendizagem social do desenvolvimento. Neste ponto o processo da agroecologia pode estar dando uma grande contribuição na questão da sustentabilidade espacial (SACHS, 1993).

As RS estão necessariamente radicadas no espaço público e nos processos através dos quais o ser humano desenvolve uma identidade, cria símbolos e se abre para diversidade de um mundo de Outros. (JOVCHELOVITCH 1998, p.85).

Na questão da sustentabilidade, apesar da ambivalência do conceito verifiquei que ele está associado às experiências da produção orgânica sendo utilizado dentro do universo consensual dos atores. Assim o conceito de sustentabilidade para o nosso público alvo, é elaborado a partir das representações existentes naquela sociedade. O resultado final, apesar de ser descrito de uma forma simples traz boa parte das ideias trabalhadas pelos principais autores da área.

Viver as experiências diárias em uma propriedade certificada para a produção orgânica é trazer para o dia-a-dia conceitos e ações que estão diretamente ligadas ao conceito de sustentabilidade:

[...] sustentabilidade pra mim é buscar através dos recursos naturais ter uma vida melhor; por exemplo eu aqui no nosso parreiral busco os produtos naturais pra cuidar do parreiral, faço chá, a gente usa a cinza da cozinha do fogão pra

pulverizar. Eu acho que nesse ponto de vista nós estamos envolvendo sustentabilidade, porque eu to gerando o que seria um lixo pra muitos, eu to reutilizando pra cuidar dum negócio.(SUELI, 58 anos).

Desenvolvimento sustentável? Eu acho que é tirar da natureza o necessário que se precisa pro consumo, é assim que eu vejo, né? Você precisa de madeira pra construir um galpão, vou lá derrubo umas árvores , sei que hoje sem ordem ambiental não dá pra fazer, se tu tem lá um palmito no mato dá pra tira um pé de palmito pra comer, não estragando, não prejudicando, isso é sustentabilidade mesmo. (MIGUEL, 50 anos).

Dentro dos conhecimentos práticos destes agricultores, a palavra é associada ao “sustento”, aquilo que é necessário para manter as necessidades básicas da família. De acordo com D. Sueli: “se desenvolver para o sustento, poder produzir e vender mais produtos que possam auxiliar no sustento da família, mas com produtos saudáveis, sem veneno”. Assim conceitos arraigados no imaginário social dos agricultores estão trazendo para o seu mundo familiar ações que envolvem as pessoas na busca de um mundo mais sustentável.

Para Sachs (2007) um projeto de sustentabilidade para o planeta está condicionado a novas formas de crescimento, que reduzam os danos aos sistemas de sustentação da vida, com a promoção de projetos modernos de agricultura regenerativa, voltados à famílias de pequenos produtores. As famílias de agricultores envolvidos na produção de alimentos orgânicos partilham da crença que o seu trabalho tem um significado maior que o simples cultivo convencional da terra. No imaginário dos agricultores a agroecologia significa a vida, que faz tudo ficar mais saudável para o produtor e também para o consumidor dos orgânicos.

As representações sociais da sustentabilidade estão diretamente relacionadas a produção de alimentos mais saudáveis, utilizando as crenças e a sabedoria popular para proteger a natureza.

Com relação às representações sociais do desenvolvimento, a maioria dos entrevistados considera que vive em uma comunidade com um bom nível de desenvolvimento, que está associado às melhorias materiais ocorridas nos últimos anos nas comunidades: instalação de

posto de gasolina, mercado melhor, ampliação do estudo até segundo grau na escola.

Para melhorar o nível de desenvolvimento entendem que a questão mais importante seria a melhoria no acesso ao distrito, pois não estão satisfeitos com as condições das estradas, que estão do mesmo jeito há muito tempo. Entendem que se o acesso às propriedades fosse asfaltado tudo iria melhorar muito. Este sentimento está associado à representação de dependência e abandono do campo em relação à cidade, o que nos traz uma reflexão de Sachs (2009, p. 340): “não basta dizer que o desenvolvimento rural é necessário. Ainda é preciso mostrar que ele é possível”. O autor entende que além de possível, o desenvolvimento rural é um imperativo ecológico, pois a população rural é capaz de “fazer serviços ambientais essenciais e de serem os guardiões das paisagens e os gerentes dos recursos de que depende nossa existência – solos, águas, florestas e, por extensão, climas” (SACHS, 2009, p.340).

Quadro 8 - Resumo da interpretação teórica

Tema	Representações sociais
Jovens no campo	<ul style="list-style-type: none"> - Estudo prepara as pessoas para trabalhar na cidade e afasta os jovens do campo. - Estudo como rito de afastamento dos jovens e suas famílias. - Estudo como caminho para mudar o modo de vida. - Estudo não é muito importante para o trabalho no campo, conhecimento básico já é suficiente. - Jovem – importante nas propriedades como mão de obra. - Falta de remuneração pelo trabalho tira os jovens do campo. - Trabalho no campo é obrigação com a família, na cidade tem salário.
Agroecologia	<ul style="list-style-type: none"> -Orgânico representa melhoria na saúde. -Orgânico é vida, agrotóxico causa doenças (morte). - Lavoura convencional envenena os produtores e consumidores. - Retorno ao passado e prepara o futuro. - Produtor de orgânico tem uma identidade. - Produção orgânica “do bem”, convencional “do mal” . - Preserva natureza. - Produção orgânica é natural e segue a vontade de Deus. - Fumageiras exploram o homem do campo.

Ecologia/Natureza	<ul style="list-style-type: none"> - Mais gente, mais devastação. - O campo paga pela falta de cuidados com a natureza nas cidades. - População das cidades cuida menos da natureza. - Agricultores tradicionais são menos preocupados com a preservação da natureza. - Proteção da natureza depende das pessoas. - Presença do homem não faz bem para a natureza. - Natureza protegida significa qualidade de vida. - Manter as matas na propriedade é herança para os filhos. - Ecologia é o meio ambiente preservado.
Desenvolvimento	<ul style="list-style-type: none"> - Desenvolvimento está ligado ao progresso tradicional. - Desenvolvimento, significa: melhores condições de vida, casa, carro. melhores salários, mais empregos, melhoria no acesso, educação, novas tecnologias. - Desenvolvimento é qualidade de vida. - Desenvolvimento significa oportunidade para as pessoas permanecerem no campo.
Sustentabilidade	<ul style="list-style-type: none"> - Produzir alimentos mais limpos e saudáveis. - Tirar o sustento da natureza sem agredi-la. - Cuidado com os recursos naturais, reaproveitar. - Tirar da natureza somente o necessário para o seu consumo. - Conseguir se sustentar e ter saúde e educação. - Sabedorias do cotidiano . - O campo tem responsabilidades com a produção de alimentos para o mundo.
Território	<ul style="list-style-type: none"> - O campo está isolado e precisa das cidades. - Distância e acesso é o principal problema dos agricultores. - Cidades – formigueiro de gente. - Mais gente, mais devastação. - Políticos fazem o que querem. - Organizar-se em grupo aumenta o poder. - Vida no campo é mais penosa , na cidade é mais fácil.

Fonte: Elaborado pelo autor

4.3.3 Interpretação geradora e crítica

Até este momento foram realizadas microinterpretações durante o processo de coleta de dados, que seguiram durante o processo de observações conforme os relatos de campo transcritos no item 4.2. Estas reflexões iniciais subsidiaram os estágios 1 e 2 do Quadro Interpretativo da Pesquisa. De acordo com a metodologia reflexiva, neste terceiro estágio é o momento de fazer uma interpretação mais crítica dos pressupostos teóricos utilizados até o momento, com atenção especial para as dimensões políticas e ideológicas da pesquisa. Para Villardi (2005, p. 157) “a análise crítica opõem-se às noções ingênuas (naives) sobre a natureza neutra da pesquisa”.

Com as interpretações iniciais alguns temas e significados foram se construindo e se transformando em pistas indicativas de representações sociais. A tentativa de entrar no imaginário social de uma comunidade foi um grande desafio, cheio de incertezas e dúvidas. Uma das dificuldades encontradas na busca das representações sociais foi de entender a questão da representação social, vista não como um fenômeno individual, ou como a sobreposição do pensamento de diversos indivíduos, mas como “construções particulares da realidade social”. Como entender quando os pensamentos individuais passam a fazer parte do imaginário coletivo? Desafios do exercício crítico e reflexivo do processo de agrupar significados e depois compreendê-los como integrantes da realidade social.

As representações sociais não são um agregado de representações individuais da mesma forma que o social é mais que um agregado de indivíduos. Assim, a análise das representações sociais deve concentrar-se naqueles processos de comunicação e vida que não somente as engendram, mas que também lhe conferem uma estrutura peculiar. Esses processos, eu acredito, são processos de mediação social. (JOVCHELOVITCH, 1998. p. 81)

Com este olhar, selecionei algumas questões que começaram a chamar a atenção já durante o período de imersão no campo, e foram se tornando mais fortes nas entrevistas e se confirmando em cada um dos processos interpretativos que foram realizados.

As crenças e valores vão aparecendo, se interligando e transformando-se em práticas sociais da comunidade dos agricultores

familiares observados. A “construção de um mundo de significados”, pode estar acontecendo no cotidiano das pessoas tendo como “pano de fundo” a agroecologia, que é a forma encontrada de recriar a realidade de suas vidas. As situações vividas no mundo diário destas famílias começam a ter similaridades, que transformam agricultores acostumados a pensar isoladamente, em participantes da construção de um projeto comum, onde os saberes compartilhados estão criando identidades e transformando padrões históricos de convivência e produção existentes na comunidade.

Para entender as representações sociais que foram associadas aos temas considerados como de maior relevância neste trabalho, trabalhei com a Ancoragem e a Objetivação. Segundo Moscovici (2003, p.60), estas são maneiras de lidar com a memória, “são os dois mecanismos de um processo de pensamento baseado na memória e em conclusões passadas”.

Ancorar é classificar e dar nome a alguma coisa, avaliar, rotular, categorizar imaginar e representar o objeto ainda não familiar. Para Moscovici (2003) categorizar, significa buscar nos paradigmas estocados em nossa memória algum que possa servir para o objeto em questão, e estabelecer uma relação positiva ou negativa com ele. O processo de classificar reflete uma atitude de definir o objeto em normal ou não, “é isso que está em jogo em todas as classificações de coisas não familiares – a necessidade de defini-las como conformes, ou divergentes da norma.” (MOSCOVICI, 2003, p. 65).

Para o autor a objetivação é um processo muito mais atuante que a ancoragem, pois permite tornar concreto o abstrato, reproduzindo o conceito em uma imagem, transferindo o que está na mente para algo que exista no mundo físico, tornando-se aceita como essência da realidade, algo que já pode ser visto, tocado e controlado, “no momento em que a distinção entre imagem e realidade são esquecidas, a imagem do conceito deixa de ser um signo e torna-se a réplica da realidade, um simulacro no verdadeiro sentido da palavra”. (MOSCOVICI, 2003, p. 74).

Os mecanismos da Ancoragem e da Objetivação fazem parte de um sistema simbólico da dinâmica de familiarização de objetos, pessoas e acontecimentos. De acordo com Moscovici (2003) ambos são maneiras de trabalhar com a memória. A ancoragem é responsável por manter a memória em movimento, que neste processo é dirigida para dentro, está sempre colocando e tirando objetos, pessoas e acontecimentos, que busca classificar de acordo com um tipo e rotula com um nome. A Objetivação é direcionada para fora (para outros), tira daí conceitos e imagens para

juntá-los e reproduzi-los no mundo exterior, para fazer as coisas conhecidas a partir do que já é conhecido.

Considerando estas premissas, a representação que se apresenta com mais clareza dentro do processo investigado é referente à produção orgânica. A produção orgânica, ou a agroecologia que, a princípio poderia ser um termo estranho para uma comunidade de agricultores, já faz parte do universo consensual das famílias e está enquadrada dentro dos processos de categorização positiva, como uma “ancoragem do bem” onde tudo que é relacionado a este processo significa coisas boas e positivas.

A produção orgânica representa a vida e a saúde, objetivada através de um modo natural e ecológico de produzir alimentos mais saudáveis, preservando a natureza e contribuindo para um mundo mais sustentável. Também está associada a culturas de cultivo da terra do passado e uma herança para o futuro, confirmando as questões apontadas por Moscovici (2003) que tanto a ancoragem como a objetivação são processos que estão baseados na memória e em conclusões passadas.

Esta representação que num primeiro momento pode ser interpretada como uma visão maniqueísta, com a simples divisão entre vida e morte, bem e mal no meu entendimento deve ser relativizado. É importante olharmos a história de vida destas pessoas, e os tempos de sofrimento nas lavouras. As memórias passadas ainda estão presentes nos sentimentos e podem estar influenciando nestas representações.

Assim como a agroecologia é representada por uma cultura do bem, o modo de cultivo da terra convencional, principalmente pelas memórias passadas associadas à produção de fumo, está classificada como cultura do mal. Aparece nas representações sociais como não conforme, e dentro de uma relação negativa categorizada como uma “ancoragem do mal” e que representa as doenças e a morte. A forma convencional de cultivo da terra é objetivada através da associação com produtos químicos (venenos), da poluição das águas e dos problemas de saúde ocorridos com as famílias do campo e dos consumidores de seus produtos. Com estas representações os agricultores estão num processo de transição da “produção do mal” para uma cultura de “produção do bem” e se consideram participantes de um grupo que tem valores e identidades fortes entre si. Esta transição demonstra o constante movimento da ancoragem e da construção das representações sociais no espaço comunitário e no tempo/história vivida.

Para a representação do termo Ecologia, um conceito construído dentro do universo reificado, ainda persistem algumas dificuldades para a

classificação dentro do contexto familiar dos entrevistados. A transposição das coisas estranhas para o processo consensual é tarefa “realizada pelos divulgadores científicos de todos os tipos, como jornalistas, comentaristas econômicos e políticos, professores, propagandistas que têm nos meios de comunicação de massa um recurso extraordinário” (GUARESCHI, 1998, p.212). Para Moscovici (2003) é um trabalho de profissionais que se dirigem a um público amador ou acontecem nos encontros entre os “amadores” que ocorrem nas reuniões não oficiais, nos bares e restaurantes, aonde os pensamentos e expressões diversas refletem curiosidades, e o diálogo e a comunicação começam a estabelecer as representações de temas diversos. No caso dos agricultores ligados à Rede Ecovida, a “decodificação” para o universo consensual pode ter sido facilitada pelas interações entre estes e as organizações que prestam apoio à agricultura agroecológica na região. Neste caso, o Cepagro, aparece como exemplo destas organizações quando coordena reuniões mensais com os agricultores e seus técnicos exercem claramente a função de divulgadores.

Assim o termo Ecologia, ainda “estranho”, já é associado e representado pelas atividades ligadas à agroecologia, ancorado na preservação da natureza e do meio ambiente. É categorizado com uma relação de coisas positivas e objetivado através do cuidado com as nascentes de água, da preservação das matas, do cuidado com o lixo, e com a não poluição dos rios. A manutenção das matas também é considerada como uma herança para o futuro. A presença do homem não faz bem para a natureza, pois quanto maior a sua presença, maior o nível de devastação.

No processo de classificação que, segundo Moscovici (2003, p. 66) “são feitas comparando as pessoas a um protótipo, particularizando ou generalizando”, consideram que produtores orgânicos têm mais cuidado com a natureza e os que se mantêm nos métodos tradicionais menos, o mesmo vale para a população das cidades que não se preocupa com o lixo, com a poluição da água e com as matas.

Na questão da sustentabilidade, apesar da abstração e ambivalência do conceito, o termo demonstrou fazer parte das representações e do imaginário social dos agricultores familiares, refletindo o universo consensual dos atores. A ancoragem da sustentabilidade também está colada ao processo da agroecologia e associada ao “sustento”, palavra que faz parte do conjunto de memórias dos agricultores e significa ter acesso às necessidades básicas.

De acordo com Moscovici (2003) os sistemas de classificação e nomeação têm como objetivo facilitar a interpretação de características, e a compreensão das intenções e motivos que levam as pessoas a formar as opiniões e praticar suas ações. Para interpretar uma ideia ou um ser não familiar precisamos construir categorias, nomes e referências, de uma forma que a “entidade nomeada” possa ser integrada em nosso quadro de conceitos. “Nós os fabricamos com esta finalidade, na medida em que os sentidos emergem; nós os tornamos tangíveis e visíveis e semelhantes às ideias e seres que nós já integramos e com os quais nós estamos familiarizados” (MOSCOVICI, p. 70). O sustentável é categorizado como um objetivo a ser alcançado, como se fosse uma nova forma de vida, uma forma de vida melhor. É objetivado através da produção de alimentos mais limpos - sem utilização de produtos químicos - e saudáveis, do cuidado com os recursos naturais, e de tirar da natureza somente o necessário para o seu consumo - sustento - e reaproveitando o que for possível na própria natureza. Nas representações da sustentabilidade também aparece a necessidade de melhorias na saúde e educação, ainda grandes carências da população rural.

As representações relativas ao desenvolvimento são familiares aos agricultores e o termo faz parte do seu cotidiano, das suas falas e de suas expectativas. Neste conceito pude entender melhor o trabalho dos divulgadores científicos, principalmente a influência dos meios de comunicação de massa a que os agricultores têm acesso e que “disponibilizaram” o entendimento do universo reificado ao imaginário social. A ancoragem do desenvolvimento está ligada ao progresso e as questões econômicas e também ao acesso a saúde e a educação. Sua categorização é positiva, uma “ancoragem do bem”, pois em princípio todo o processo de desenvolvimento é bom e sua objetivação acontece através da melhoria da qualidade de vida, chegada da tecnologia ao campo e principalmente com o acesso a bens materiais e conforto. No processo de classificação o seu “protótipo” de comparação é o nível de qualidade de vida e conforto existente nas cidades, o que os leva a esperar mais facilidades no acesso à saúde e educação e que a chegada do progresso traga mais oportunidades para a permanência dos jovens no campo.

Em alguns momentos o processo de desenvolvimento foi também categorizado como negativo, e objetivado através da associação do homem à devastação da natureza, à ganância do ser humano, a utilização de produtos químicos e ao tamanho e nível de poluição das cidades. Também nesta categorização podemos enxergar o trabalho dos

divulgadores científicos – através dos meios de comunicação – e dos amadores que trabalham esta questão nas reuniões de grupo, nos encontros e treinamentos feitos com a comunidade.

Na questão relativa ao território as associações realizadas não mantêm correlações com os diversos aspectos enfatizados no conceito acadêmico moderno. No imaginário coletivo, o território está associado mais diretamente aos limites físicos das cidades, dos distritos, e de suas propriedades, mas na prática vivenciada, os limites geográficos do território estão se delineando em torno dos limites da produção agroecológica. A representação social é de que o campo está isolado e depende das cidades e a vida no campo é mais penosa.

Estas questões são objetivadas nos problemas com as estradas, nas dificuldades de acesso à saúde e educação, nas leis que prejudicam mais o pequeno produtor e no trabalho pesado do dia-a-dia. A categorização do território pode ser positiva quando se refere ao “seu” território que é bem cuidado e preservado e é negativa quando se refere ao território “de outros” onde estão as cidades e outras propriedades rurais que não são bem cuidadas. Portanto, as representações sociais têm aspectos paradoxais e contraditórios, quanto ao território.

A distribuição da população no território está diretamente relacionada à devastação (ancoragem). Mais gente no território representa mais devastação, e as cidades são associadas a “formigueiros de gente” (objetivação). O poder está diretamente relacionado à classe política. Os arranjos institucionais e parcerias entre os agricultores que estão ocorrendo tendo como base a questão da agroecologia, e o empoderamento dos agricultores decorrente deste movimento, podem criar condições para modificar esta situação.

A questão dos jovens no campo foi um tema relevante que surgiu durante o processo de investigação. As falas de uma forma geral traziam para dentro das preocupações das famílias o problema do estudo, a saída dos jovens para a cidade e a questão da redução da força de trabalho nas propriedades.

A primeira representação que aparece é associação dos jovens como mão de obra para as propriedades. A objetivação deste processo acontece através das práticas e memórias familiares que consideram que o jovem precisa trabalhar desde cedo para colaborar com a casa, pois a tendência é de abandonarem a propriedade pelo casamento, ou pela mudança para a cidade. Considerando a opinião dos pais entrevistados a categorização desta representação é positiva, eles não enxergam nenhum problema neste posicionamento que faz parte das histórias familiares e da

realidade vivida nas propriedades. Quando os jovens permanecem no campo, a propriedade cresce e todos melhoram de vida, assim no processo de classificação conseguem comparar com as histórias de outras famílias que experienciaram a saída dos jovens e se enfraqueceram ou simplesmente abandonaram o campo.

Outra representação é a de que o estudo afasta os jovens do campo. A ancoragem desta representação está na premissa de que quem estuda mais busca viver na cidade. O processo de objetivação ocorre quando associam a proposta de ensino das escolas com o trabalho nos escritórios, e sua categorização é negativa, pois a continuidade dos estudos leva a um rompimento familiar. O processo de sair da casa para viver na cidade, pode ser classificado como a troca de uma vida penosa no campo pela busca de uma vida mais fácil na cidade. No processo de classificação, mesmo no depoimento dos jovens está presente a associação dos níveis de estudo com a vida na cidade, o “protótipo” usado para os trabalhos do campo é que uma educação básica (primeiro grau) é suficiente.

Quadro 9 - Resumo das Representações Sociais

Temas	Ancoragem	Objetivação	Representações Sociais
Agroecologia	Ancoragem “do bem”, coisas boas e positivas.	Modo natural e ecológico de produzir alimentos mais saudáveis, preservando a natureza e contribuindo para um mundo mais sustentável.	Representa a vida e a Saúde.
Agricultura convencional (fumo)	Ancoragem “do mal”, coisas negativas.	Associação com produtos químicos (venenos), com a poluição das águas e com problemas de saúde dos produtores e consumidores.	Representa a doença e a morte.
Ecologia	Preservação da natureza e do meio ambiente.	Cuidado com as nascentes de água, com o lixo e a preservação das matas e dos rios.	Preservação da natureza e do meio ambiente
Sustentabilidade	Uma nova forma de	Produção de alimentos mais limpos(sem uso de	Tirar o sustento da natureza sem

	vida, uma vida melhor.	produtos químicos) e saudáveis, retirando da natureza somente o necessário para o seu sustento e reaproveitando os recursos naturais.	prejudicar o planeta.
Desenvolvimento	Ancoragem do “bem”, progresso e melhorias econômicas. Ancoragem “do mal”, causa devastação da natureza.	Melhoria da qualidade de vida, chegada da tecnologia ao campo e principalmente acesso a bens materiais e conforto, a saúde e educação. Associação do homem com a devastação da natureza, ganância do ser humano, utilização de produtos químicos poluição e tamanho das cidades.	Progresso, melhorias econômicas e tecnológicas. Quanto maior a presença do homem na natureza, maior o nível de devastação.
Território	Mais gente mais devastação.	Problemas com as estradas, dificuldades de acesso à saúde e educação, leis que prejudicam os pequenos produtores e o trabalho pesado diário. Cidades como “formigueiros de gente”.	O campo está isolado e depende das cidades, a vida no campo é mais penosa.
Jovens no Campo	Mão de Obra.	Práticas e memórias familiares que consideram que o jovem precisa trabalhar desde cedo para colaborar com a casa.	Mão de obra para as propriedades.
Jovens e a Educação	Quem tem mais estudo quer viver na cidade.	Escolas preparam os jovens para trabalhar na cidade.	O estudo afasta os jovens do campo.

Fonte: elaborado pelo autor

4.3.4 Interpretação Reflexiva

O quarto nível do processo interpretativo segundo Alvesson e Skoldberg (2000), deve proporcionar ao pesquisador um momento de reflexão sobre todo o processo da pesquisa, em que ele precisa fazer uma interpretação da interpretação crítica e transitar com esta reflexividade em todos os níveis anteriores. Para Villardi (2004) neste nível é importante rever os posicionamentos assumidos anteriormente, com especial atenção para o reconhecimento das questões da autoridade e das influências do pensamento do pesquisador em relações às outras vozes.

Reflexão (reflexividade) [na pesquisa] é acima de tudo uma questão de reconhecer completamente a ambivalente relação do texto do pesquisador com a realidade investigada. Reflexão significa interpretar nossas próprias interpretações, atentando para nossas perspectivas a partir de outras perspectivas e voltando um olhar autocrítico sobre nossa própria autoridade como intérpretes e autores. (VILLARDI, 2004, p.184).

Estas questões habitaram meus pensamentos durante todo o trabalho de campo, a necessidade de incorporar o processo de reflexão ao meu “eu” pesquisador, auxiliou e atormentou. Esta postura que, segundo Villardi (2005, p.158), corresponde a um permanente “estado de alerta com relação à escolha metodológica”, mexeu com a minha cabeça, pois estava sempre procurando ver mais, entender mais e escrever mais do que eu conseguia enxergar. Na construção da postura de um pesquisador reflexivo, busquei a cada reunião que participava exercitar a interpretação reflexiva, a cada etapa concluída voltava aos meus apontamentos, para questionar o quanto as minhas crenças estavam influenciando no “meu ouvir” e nas minhas transcrições.

A questão da legitimação e da autoridade do pesquisador apareceu com mais clareza no momento em que iniciei o processo de imersão no ambiente familiar dos agricultores. Meu referencial teórico tanto do desenvolvimento territorial, como das representações sociais e também da metodologia reflexiva apontam para a importância da observação e interpretação da realidade social.

Minha expectativa com a imersão era bastante grande. A oportunidade de viver uma realidade que não era minha, mas que poderia me apresentar a “vida real” dos agricultores, foi um objetivo construído

durante o desenvolvimento da pesquisa. O acesso ao interior das residências e à intimidade das famílias foi o momento que fez sentir-me como “um verdadeiro” pesquisador em ciências sociais.

O processo de pesquisa constitui a (re) construção da realidade social onde os pesquisadores interagem com os agentes estudados, e criam imagens, para si mesmos e para outros, no ato da interpretação ativa: essas imagens seletivamente ressaltam reivindicações sobre como as condições e processos – experiências, situações, relações, podem ser entendidos, suprimindo assim interpretações alternativas. (VILLARDI, 2005, p. 157).

Junto com a emoção da convivência procurei minimizar os vieses que minha presença e história de vida e as possíveis diferenças sociais poderiam causar no comportamento e nas respostas familiares (Poupart, 2008). Mesmo assim, acho que alterei a rotina familiar mais do que deveria e gostaria. Além de chamar a atenção por ser bem mais “velho” que outros estudantes que já passaram pela comunidade (minha idade não é a referência que os agricultores têm para universitários), os agricultores já conheciam parte da minha história de vida e sabiam que eu tinha sido administrador de um importante Banco do governo.

Assim em alguns momentos falavam e mostravam coisas como se estivessem tendo um canal de comunicação com um representante do governo, que poderia trazer soluções para suas necessidades. Isso pode ter modificado, além de comportamentos o teor das respostas nas entrevistas. Para minimizar estes efeitos busquei fazer correlações entre o que via e o que ouvia nas respostas, e também associar os comportamentos com posturas que tinha percebido em outros eventos do grupo.

Revedo esse posicionamento com o olhar da metodologia reflexiva é possível que esse viés não tenha sido real, pode ser também mais um dos problemas de autoridade da voz do pesquisador em relação à voz dos agricultores. Minha percepção pode não ter sido verdadeira, o que aconteceu pode ter sido mais uma demonstração de respeito, educação e valorização de “um estudante da Universidade”.

Por mais que tenha me preparado para conduzir as entrevistas, acho que em alguns momentos a minha postura pessoal e a forma das perguntas podem ter direcionado as respostas. Estas situações podem ter

ocorrido nas questões em que os agricultores encontraram mais dificuldades; quando o termo em debate ainda não fazia parte do seu universo consensual, como sustentabilidade, território e economia. Tive cuidado na interpretação destas questões, buscando entender o quanto o que está escrito é realmente pensamento do entrevistado ou faz parte dos significados produzidos pelo pesquisador.

Durante o período de imersão, também tinha a expectativa de “enxergar” com mais clareza as representações sociais que estava buscando. Adotei uma postura de observador atento, quase participante das atividades diárias das famílias, e no final do dia ao anotar meus apontamentos ficava feliz com o muito que tinha visto, mas frustrado por não encontrar as “esperadas” representações sociais.

Esta ansiedade para encontrar o fenômeno pesquisado deve ser uma expectativa dos pesquisadores com menos experiência, como é o meu caso, mas com o passar do tempo fui conseguindo entender que os resultados das observações podem demorar a aparecer. Somente com as abstrações, e com novas leituras dos significados é que realmente nos aproximamos das respostas que procuramos.

Se estas reflexões foram importantes para manter minha pesquisa dentro da proposta metodológica, foram também responsáveis por momentos de “stress” e conflitos na trajetória da pesquisa, gerando um compromisso e uma responsabilidade adicional para não deixar que a pesquisa fosse transformada numa simples aplicação dos métodos escolhidos.

O processo de interpretação em todos os níveis da pesquisa serve para organizar e dar mais consistência ao processo interpretativo, mas nem por isso facilita a interpretação final. Ao final existem tantas *partes* de interpretação que precisam ser revisadas, repensadas e refletidas que a busca do *todo* da interpretação não acontece somente com a soma destas *partes*, é preciso voltar a interpretar parte a parte, o que torna essa metodologia uma tarefa árdua.

Além das questões de autoridade e considerando a importância de rever os posicionamentos assumidos anteriormente (Villard, 2004), exercitei a reflexão em todos os níveis anteriores, revendo a forma de construção do texto e da realidade investigada. Com este retorno aos relatos realizados, estou trazendo também para a reflexão algumas questões que considere importantes para o processo de pesquisa e também para a continuidade do processo representado pela agroecologia.

No item 4.1 busquei reconstituir a trajetória do processo de pesquisa. Apesar de não estarem inicialmente relacionados como

integrante do primeiro nível de interpretação, os relatos realizados já apontam para diversos momentos de reflexão ocorridos nos eventos que fizeram parte do processo de coleta de dados.

As dúvidas iniciais já ocorreram na escolha de uma entidade que pudesse contribuir para o acesso ao campo, e minhas primeiras reflexões foram no sentido de entender a proposta de trabalho do Cepagro, seus projetos e a ideologia que permeia a organização.

Conhecendo a entidade constatei que os projetos que estavam em curso tinham afinidades com a proposta de minha pesquisa, principalmente os voltados para a produção orgânica com o foco nas pequenas propriedades rurais. Além da proposta de trabalho pude ter a visão das crenças e ideologias que direcionam as atividades do Cepagro, que foram relevantes para a criação de um sentimento de apoio e de quase pertencimento à organização.

Com a proposta de conhecer o cotidiano das famílias pertencentes à comunidade que escolhi para a pesquisa, permaneci desenvolvendo atividades de campo praticamente durante 10 meses. Além de reuniões, eventos e o processo final de imersão no campo, criei um vínculo com o Cepagro, que me levou a participar de diversas atividades do Centro e também das famílias de agricultores, quase transformando minha pesquisa em uma observação participante.

Este tempo no campo foi importante e contribuiu para os meus achados e para a aplicação da metodologia reflexiva, mas acabou gerando - além de um comprometimento do pesquisador com o processo - um grande volume de anotações que dificultaram o processo de interpretação final. Hoje penso que poderia ter abreviado meu trabalho no campo, poderia ter concentrado em alguns meses e ter dedicado mais tempo para refletir sobre os achados. O processo de imersão na realidade das famílias que realizei no final do período se mostrou mais efetivo para o meu objetivo de enxergar representações sociais, que não surgem instantaneamente, é preciso conviver com as pessoas no cotidiano, para que alguns “insights” comecem a aparecer.

O público que foi alvo de minha pesquisa está agrupado nos municípios de Nova Trento e Major Gercino. O Grupo Associada, apesar de incluir 10 famílias está bastante concentrado, pois estas famílias são ramificações de praticamente dois sobrenomes. Assim as atividades da agricultura orgânica na região dos distritos de Rio Veado e Aguti em Nova Trento e de Pinheiral em Major Gercino são encaminhadas considerando-se as premissas, crenças e interesses de duas grandes

famílias, que são lideradas pelos agricultores mais influentes dentro delas, ou seja, cinco pessoas.

Assim um projeto de construção social inovador, de extrema relevância para a região e também para o futuro da agricultura orgânica no estado, está nas mãos de poucos líderes, o que no meu entendimento os torna frágeis, extremamente importantes mas frágeis. Esta foi uma reflexão constante em minhas observações: se o Alfredo, o Alberto, o Joao, o Gustavo e a Sueli entenderem que o processo não é mais interessante ele poderá desaparecer.

Outra situação preocupante para a continuidade da produção orgânica na região do litoral catarinense é a própria configuração do Cepagro. A entidade está sob o guarda-chuva da Rede Ecovida, mas depende das verbas oriundas de projetos para a sua sobrevivência. A não aprovação ou renovação de projeto que arque com as despesas dos técnicos que dão suporte na área rural, pode causar a interrupção de sua atividade no campo, o que segundo palavras dos agricultores levaria ao desaparecimento da agroecologia na região.

Esta é uma situação que considero crítica, pois a maioria das famílias que participam do processo da agricultura orgânica na região está num processo de transição entre a sua história de produtores de fumo, e uma nova forma de produzir alimentos representados pela Agroecologia. Nas histórias destes agricultores, verificamos que existe uma grande responsabilidade do Cepagro neste processo, pois contam que atenderam a um chamamento do próprio Cepagro que, como eles contam, “apareceu lá na região” falando da proposta de produzir alimentos orgânicos como alternativa para as famílias abandonarem a lavoura de fumo. O projeto e o trabalho da entidade têm sido muito bem executados, já alcança bons resultados, mas ainda é novo e dependente de ações e orientações oriundas do próprio Centro.

Se o projeto de agricultura orgânica ainda é frágil na região de nossa pesquisa, o mesmo não se aplica a outras regiões do estado e mesmo em outras áreas ainda ligadas ao núcleo do litoral catarinense. Vivenciamos que as reuniões da Rede Ecovida, entre os diversos grupos e Núcleos já têm uma dinâmica própria de funcionamento, com lideranças fortes e posicionamentos críticos que demonstram um processo de maturação mais avançado entre seus associados. Nestas reuniões, os conflitos e tensões aparecem com maior frequência, pois os interesses dos agricultores nem sempre são os mesmos das entidades que lhes prestam auxílio.

Uma reflexão que merece ser ampliada é a de como conciliar os interesses dos diversos atores deste processo: os agricultores, os comerciantes responsáveis pela logística, as entidades de apoio e os comerciantes finais. Todos têm necessidades que precisam ser atendidas para a continuidade da produção de alimentos orgânicos, mas as questões ideológicas, econômicas e principalmente as questões relativas ao controle e ao poder ainda não estão bem equacionadas. Será que os agricultores estão sendo realmente o objetivo do projeto? Os agricultores realmente acreditam na proposta da agroecologia ou buscam somente uma atividade econômica diferente? Confesso que são respostas que ainda não consegui obter com segurança.

Outro momento de reflexão importante nesta fase da pesquisa foi com relação à forma de transmissão de experiências através do senso comum. Pude verificar em diversos momentos que alguns procedimentos aparentemente “estranhos” são absorvidos pelas pessoas como se fossem corriqueiros. Isso fica evidente na preparação de chás e compostos para pulverização das lavouras orgânicas. As famílias contam como aprenderam as “receitas” e as formas de aplicação e na maioria das vezes a transmissão destes conhecimentos ocorreu através da prática ou de conversas informais com um conhecido, um parente ou até um vendedor de produtos agrícolas. A fonte deixa de ser importante, mas os processos se tornam válidos pela aplicação prática das informações.

Para a absorção destes conhecimentos, as pessoas têm que estar pré-dispostas a receber as inovações e descobrir na prática sobre a sua aplicabilidade. Sem querer discutir a importância da construção de conhecimentos através do senso comum, ouvi histórias sobre problemas ocorridos com a aplicação disso ou daquilo, que são os casos em que a “receita” não funciona. Com a mesma simplicidade com que os casos de sucesso são incorporados ao cotidiano das pessoas, os insucessos são absorvidos e viram histórias. A vida das pessoas é o “laboratório” do senso comum, foi a minha reflexão.

A vivência no cotidiano das famílias demonstrou que a vida no campo guarda muitas similaridades com a da cidade. Uma questão de fácil observação é que temos nas famílias rurais problemas com a questão de gênero igual ou mais pronunciados que na sociedade urbana. O sistema patriarcal ainda é muito forte nas famílias rurais. Os trabalhos caseiros são de responsabilidade das mulheres, assim mães e filhas cuidam da casa, da comida, da roupa e também são mão de obra para auxiliar nos trabalhos da roça. Assim diariamente levantam mais cedo e

vão dormir mais tarde e seus períodos de descanso são bem menores do que os reservados para os homens.

A questão dos jovens no campo foi um dos assuntos, que em todas as entrevistas aparece como um problema que assombra as famílias. É consenso que a população rural está ficando sem os seus jovens, reduzindo sua capacidade de produzir. Os motivos e problemas que causam este fenômeno já foram repassados nos capítulos anteriores, mas a minha intenção é de chamar a atenção para as representações sociais que categorizam os jovens como mão de obra das propriedades e o estudo como responsável pelo afastamento dos jovens do campo. Se estas representações estiverem corretas, poderiam servir como indicativas na busca das alternativas e caminhos para minimizar o problema. Será que é possível levar para o campo um modelo de estudo diferente? Como alterar as representações de que querer estudar é o mesmo que querer abandonar o campo?

Considerando que este estágio prevê a autoexploração crítica das próprias interpretações, propositalmente deixei para o final desta etapa reflexiva a questão das representações sociais. Conforme Minayo (1998) as representações sociais podem estar traduzindo sentimentos que não são necessariamente da sociedade estudada, mas aqueles que foram difundidos pelos divulgadores oficiais e amadores. Assim precisamos compreender que nas representações sociais estão presentes elementos de dominação e também de resistência, e que estas representações podem não ser necessariamente conscientes.

A primeira reflexão que faço neste sentido é que o conhecimento do referencial teórico pode direcionar o olhar pesquisador para enxergar e compreender os significados do que as pessoas fazem na vida real, mas também pode “condicionar” o pesquisador a encontrar comportamentos que possam ser “enquadrados” na teoria estudada. Assim, as representações que estou apontando no nível três do processo interpretativo são as representações que foram por mim observadas, com base nos meus conhecimentos e crenças, e não significam que retratam fielmente as representações reais das famílias pesquisadas. Como pesquisador exerci também a função da tradução dos discursos falados em discursos escritos, o que implica certamente em alguma modificação das representações sociais.

A segunda reflexão está relacionada às influências do processo de comunicação na formação destas representações. As representações da agroecologia como uma produção do “bem”, e a produção convencional (fumo) como uma produção do “mal” podem ser o reflexo de um bom

trabalho dos comunicadores “oficiais e amadores”, na propagação das ideias de uma filosofia corrente.

Entendo que o Cepagro, com sua influência junto aos agricultores e com seu trabalho de busca de alternativas à produção de fumo, desenvolve um papel fundamental na difusão dos simbolismos que podem estar influenciando na formação destas representações. Minha reflexão não tem o objetivo de contestar a verdade existente no senso comum destas representações sociais, mas simplesmente trazer para a reflexão o processo formador destes símbolos.

Neste ponto, refletindo sobre o trabalho desenvolvido pelo Cepagro e por outras entidades na região, é possível resgatar a questão da complexidade. A necessidade de simplificar o discurso e trazer a fala para o cotidiano, pode estar influenciando as crenças locais e as representações dos próprios técnicos sobre a vida rural, estarem influenciando na formação das representações das famílias. Para Morin (1990) a complexidade não está na expulsão do simples em favor do complexo, mas justamente na convivência entre o simples e o complexo.

Por último a reflexão sobre o meu trabalho e sobre as metodologias utilizadas. A proposta de utilizar a metodologia das representações sociais (Moscovici), junto com a metodologia reflexiva (Alvesson e Skoldberg) aliada aos estágios de interpretação (Arruda), foi uma proposta trabalhosa, e hoje reconheço um tanto arrojada e complexa para a minha capacidade e conhecimentos.

Minha formação acadêmica e principalmente profissional direciona meu pensamento para as “ciências mais duras”: finanças, economia e mesmo para uma administração instrumental. Em muitos momentos da minha pesquisa me senti pequeno para conseguir captar toda a força que as metodologias tinham a me passar, faltou conhecimento da psicologia social, da filosofia, da antropologia e de outras ciências sociais.

Com o passar da pesquisa meu envolvimento com a Teoria das Representações Sociais foi aumentando, e demonstrando ainda mais as minhas carências nesta área. A Metodologia Reflexiva ajudava a pensar assim, pois queria entender o que via, e refletindo sobre o que via, percebia que não via tudo o que poderia estar vendo.

Mesmo assim, estou muito feliz pelo que consegui ver, entender e interpretar refletindo. Fica o sentimento que olhos mais preparados poderiam enxergar mais e contribuir mais com o cotidiano das famílias pesquisadas e com os futuros estudos sobre o tema.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para encaminhar os procedimentos finais desta pesquisa retorno aos objetivos propostos no início desse estudo. O objetivo geral da pesquisa foi o de compreender as representações sociais dos integrantes do Grupo da Rede Ecovida de Agroecologia no município de Nova Trento – SC, sobre o desenvolvimento territorial sustentável.

Para dar suporte a esse objetivo geral, defini os seguintes objetivos específicos: descrever aspectos históricos, geográficos e institucionais da atuação da Rede Ecovida em seu Núcleo Litoral Catarinense, tendo como foco o grupo do município de Nova Trento (SC); identificar as representações sociais de membros do referido Grupo da Rede Ecovida, no que se refere aos termos decorrentes das cinco dimensões do desenvolvimento sustentável: ecologia, sustentabilidade, desenvolvimento, território e agroecologia e identificar possíveis diferenças, convergências ou tensões entre as representações dos membros do Grupo.

A justificativa que orientou este trabalho foi a importância de conhecer as práticas e representações sociais, voltadas para o desenvolvimento territorial sustentável, de uma pequena comunidade de agricultores. É consenso que o tema da sustentabilidade é prioritário para toda a população mundial, sendo assunto diário nos meios de comunicação e nas agendas governamentais, mas a interrogação estava em entender como o cidadão comum absorve e faz a tradução deste conceito para o seu mundo.

Entendi que a Teoria das Representações Sociais era a opção metodológica mais apropriada para suportar a base do trabalho de campo. Para análise e interpretação dos dados, optei pela utilização dos estágios do processo interpretativo e da metodologia reflexiva que indicaram o procedimento metodológico para auxiliar no processo interpretativo. A base teórica adquirida reforçada por esta combinação de metodologias proporcionou-me maior segurança para o acesso ao campo.

As palavras sustentabilidade, desenvolvimento, território, ecologia e agroecologia, utilizadas na técnica de entrevistas com associação de palavras serviram de base para a categorização dos dados obtidos. Além destas, incluí uma categoria para suportar as colocações sobre os jovens no campo, um tema que se apresentou durante a pesquisa e foi alvo de muitas considerações.

Com a definição dos grupos de categorias, reuni as observações contidas em meu caderno de campo e o conteúdo das entrevistas num

quadro interpretativo, que serviu de base para os três primeiros estágios do processo interpretativo. Estes quadros foram se alterando na medida da evolução dos estágios de interpretação, resultando no quadro resumo das representações sociais conforme – Quadro 9.

Minha proposta inicial de realizar uma observação não participante foi se modificando durante o processo, culminando com duas semanas de imersão no campo, levando a pesquisa em alguns momentos se aproximar de uma etnografia.

Esta convivência mais direta com as famílias dos agricultores permitiu um aprofundamento do olhar do pesquisador nas dimensões do ecodesenvolvimento. A vivência do cotidiano rural me apresentou a modos de vida que na sua simplicidade trazem muitas das perspectivas propostas pelos conceitos do desenvolvimento sustentável.

Existem muitas pistas de um processo de construção territorial. O território que está sendo delimitado pela Agroecologia e os participantes do Grupo Associada, dá mostras da interação entre atores públicos e privados e da existência de uma dinâmica própria de resolução de seus problemas. Ainda existem muitas carências, muitos pontos a ser trabalhados na busca da criação de um modelo de desenvolvimento próprio, mas a mobilização social, os recursos naturais e institucionais existentes são forças que trabalham na direção de um processo de sustentabilidade territorial.

Na questão ecológica a comunidade acompanhada é inovadora na utilização dos recursos naturais e na preservação do meio ambiente. Essas já são premissas da produção agroecológica, mas mais do que cumprir as regras da Rede Ecovida e normas para conseguir a certificação como produtores agroecológicos, verificamos um processo de tomada de consciência coletiva na relação ecológica. Alguns de seus atores estão levando a bandeira da preservação da natureza para além das fronteiras da Agroecologia.

Na dimensão econômica, existem indicativos que apontam para soluções que além de economicamente viáveis no curto prazo, são socialmente e ambientalmente responsáveis. É fácil de identificar o empreendedorismo de diversos atores no território e alguns processos econômicos inovadores. A questão da produção agroecológica e os circuitos de comercialização e trocas, em si, já são propostas inovadoras e que mantêm coerência com princípios sustentáveis.

Existe um trabalho na direção da diversificação econômica com a existência de formas inovadoras na organização e distribuição da produção. A existência de pequenas agroindústrias também contribui para

a economia do território com a criação de empregos rurais não agrícolas . Esta questão leva a análise para um terreno muito caro na questão das soluções para o desenvolvimento sustentável, que é a transferência para o campo de processos antes pertencentes às cidades. Este processo colabora com a noção de um desenvolvimento rural menos dependente das tradicionais atividades agrícolas.

Na questão econômica ainda existem problemas com a comercialização da produção. Uma das questões que no meu entendimento poderia ser aprimorada é em torno da vocação do território que poderia resultar na definição de uma “cesta de bens” que pudesse criar um diferencial competitivo para os produtos locais.

O território escolhido como locus para o trabalho tem também uma boa configuração social. As famílias pertencentes ao Grupo Associada, além dos laços familiares, mantêm laços de pertencimento e proximidade. A dinâmica da Agroecologia auxilia na manutenção destes laços e principalmente na construção de capital social e das relações de reciprocidade.

Na questão da sustentabilidade cultural, considerando a cultura como respeito às tradições locais e como preservação do bem comum – a água, a terra, a forma de alimentação – existem exemplos positivos. As famílias ainda guardam costumes que vem passando geração a geração, produzem e mantêm na composição de seus alimentos diários muitos produtos que fazem parte de suas histórias de vida.

Na dimensão cultural outro ponto a ser analisado é o equilíbrio entre tradição e inovação no território. Este também é um indicador forte no caminho da sustentabilidade. A comunidade está percorrendo caminhos inovadores na questão da produção agroecológica e voltou a utilizar métodos tradicionais na manutenção de suas propriedades.

Mesmo com diversas ações demonstrando que existem processos que podem ser considerados como caminhos abertos para a sustentabilidade do território, algumas questões cruciais para o atingimento desse patamar, ainda não foram encaminhadas.

No meu entendimento a maior interrogação que se apresenta está na questão da sustentabilidade social. A falta de perspectivas e atrativos para o jovem agricultor se manter no campo é uma das grandes causas do êxodo/ redução das famílias rurais. Sem a mão de obra dos jovens, as famílias perdem a sua capacidade de produzir e manter as propriedades e acabam abandonando a vida no campo. Este não é um problema localizado, existem estudos que apontam que esta migração é um fenômeno que atinge os jovens rurais em todo o mundo, mas a construção

de um modelo de desenvolvimento sustentável passa necessariamente pela solução do êxodo rural.

Com uma correlação direta com a questão social, a dimensão cultural também apresenta carências na mesma linha. As comunidades rurais tem muitas dificuldades para ter acesso a programas que incentivem e demonstrem o potencial cultural existente no próprio território. Além disso, trazendo a análise para a dimensão cultural como condição para o desenvolvimento, não vislumbramos nenhum programa de política cultural ou de ações culturais voltadas para a população rural. É difícil conceber um processo de sustentabilidade cultural sem que as pessoas tenham acesso a um programa educacional voltado para suas necessidades.

Para solucionar estes problemas, as soluções locais e melhorias já protagonizadas pelos agricultores não são suficientes. Para manter os jovens no campo é preciso mais do que uma mudança nas formas de produção e interações sociais nos territórios. As questões colocadas sobre a falta de um projeto adequado para a educação dos jovens rurais, a dificuldade de acesso a programas culturais e as carências na área de saúde são ainda dificultadores que a comunidade enfrenta na sua caminhada.

O desenvolvimento territorial sustentável depende de uma efetiva interação entre todos os seus atores, e mesmo que possa existir esta interação no nível local existe uma lacuna muito grande entre as políticas públicas disponibilizadas no território e as premissas do codesenvolvimento.

Estas reflexões fazem parte do processo de interpretação reflexiva que foi ocorrendo nas diversas etapas da pesquisa. Na busca da compreensão das representações sociais, fundamental foi o olhar sobre o território e os comportamentos de seus atores no cotidiano. Este olhar reflexivo auxiliou a entender como as atitudes, comportamentos e interações sociais ocorridas no território mantinham correlação com posturas e pistas do desenvolvimento territorial sustentável.

Para a transposição das reflexões ocorridas nos diversos níveis interpretativos para a construção das representações sociais utilizei a própria metodologia das representações sociais com o mecanismo da objetivação, trazendo o conceito abstrato da sustentabilidade para o mundo físico através das palavras escolhidas como categorias de análise.

Assim, a construção das representações sociais foi ocorrendo na medida em que a circulação entre as palavras escolhidas como categorias

foram se transformando em simbolismos e práticas da realidade vivida pelos agricultores.

Com estes encaminhamentos, concluo que a resposta à questão inicial pode ser encaminhada através das representações sociais encontradas para as categorias:

1 - Agroecologia - A produção orgânica representa a *vida e a saúde*, objetivada através de um modo natural e ecológico de produzir alimentos mais saudáveis, preservando a natureza e contribuindo para um mundo mais sustentável.

2 - Ecologia - Está ancorada na *preservação do meio natural*, objetivada através do cuidado com as nascentes de água, da preservação das matas, do cuidado com o lixo e com a não poluição dos rios.

3 - Sustentabilidade - O sustentável é categorizado como um objetivo a ser alcançado, como se fosse uma nova forma de vida, uma forma de vida melhor. É objetivado através da produção de alimentos mais limpos (sem utilização de produtos químicos) e saudáveis, cuidando dos recursos naturais, *tirando da natureza somente o necessário para o seu consumo (sustento)*¹⁵ e reaproveitando o que for possível na própria natureza.

4 - Desenvolvimento - A ancoragem do desenvolvimento está ligada ao *progresso e as melhorias econômicas* e sua objetivação acontece através da melhoria da qualidade de vida, chegada da tecnologia ao campo e principalmente com o acesso a bens materiais e conforto.

5 - Território - A representação é de que o *campo está isolado e depende das cidades* e a vida no campo é mais penosa. Estas questões são objetivadas nos problemas com as estradas, nas dificuldades de acesso à saúde e educação, nas leis que prejudicam mais o pequeno produtor e no trabalho pesado do dia-a-dia.

6 - Jovens no Campo - A primeira representação que aparece é *associação dos jovens como mão de obra para as propriedades*. A objetivação deste processo acontece através das práticas e memórias familiares que consideram que o jovem precisa trabalhar desde cedo para colaborar com a casa, pois a tendência é de abandonarem a propriedade pelo casamento, ou pela mudança para a cidade. A segunda

¹⁵ O sustento é caracterizado pelas necessidades básicas da família, incluindo não só a comida do dia a dia, mas o pagamento das prestações da casa, do carro e dos pequenos confortos necessários para a manutenção da qualidade de vida da família.

representação é a de que o *estudo afasta os jovens do campo*, e a objetivação acontece com a associação do estudo às necessidades da cidade e não do campo.

Figura 2 – Representações do desenvolvimento territorial sustentável



Se a intenção for de caminhar no sentido de construir um conceito, aglutinando as representações contidas nas diversas categorias, poderia dizer que, de acordo com as representações sociais dos integrantes do Grupo Associada de Nova Trento (SC), o conceito de desenvolvimento territorial sustentável pode ser resumido da seguinte forma:

Desenvolvimento territorial sustentável é um objetivo a ser alcançado, através da produção de alimentos mais saudáveis, cultivados de um modo ecológico que resultem em uma nova forma de vida, com mais cuidado com o meio natural, atraindo para o campo o progresso socioeconômico e tecnológico, visando reduzir o isolamento e a dependência do meio rural em relação às cidades.

Como contribuição final elenco algumas propostas, que não são originais, mas no meu entendimento, são relevantes para a construção de um espaço público que proporcione as condições necessárias para que seus atores continuem buscando se aproximar das premissas da Agroecologia e do desenvolvimento territorial sustentável.

- 1- Trabalhar para aumentar o número de famílias e o tamanho do território da produção agroecológica. É importante também que o grupo invista na sua “emancipação” tanto nas questões organizativas como nas da comercialização dos produtos orgânicos.
- 2- Buscar soluções para o “empoderamento” dos jovens que ainda permanecem no campo. Soluções simples e de fácil implementação poderiam reduzir o êxodo dos jovens rurais, certamente uma das questões que mais afetam as famílias agricultoras.
- 3- Ampliar a articulação política e social para levar às autoridades as demandas do campo para melhorar o processo educacional/cultural, que hoje não atende os interesses da população rural.
- 4- Buscar soluções cooperativas para conciliar os interesses dos diversos atores envolvidos no processo de produção, logística e comercialização dos produtos orgânicos.

Mesmo com as carências ainda existentes no território, cabe aqui ressaltar os avanços já verificados no campo. Será que estes avanços podem se transformar no embrião de um modelo diferente de desenvolvimento? O que aconteceria no território se ocorresse melhorias nas políticas públicas que ainda são inexistentes ou inadequadas?

Como consideração final cabe enfatizar que os relatos desta pesquisa foram produzidos a partir de “pedaços da realidade social”, vista e vivida no espaço público, compartilhado com as famílias de agricultores, com técnicos e outros atores intervenientes na vida do território. Saliento que o olhar da realidade tem as interferências das convicções, crenças e ideologias do pesquisador, que podem ter “poluído” o quadro e afetado os resultados do trabalho.

Os relatos aqui reproduzidos devem ser vistos com as perspectivas da reflexividade e da transdisciplinaridade. Esta é minha expectativa: que os achados possam ser transformados em múltiplas reflexões.

6 REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, Ricardo. Muito Além da Economia Verde. São Paulo: Ed. Abril, 2012.
- ABRAMOVAY, Ricardo. Para uma teoria dos estudos territoriais. In: **I Colóquio Internacional sobre Desenvolvimento Territorial Sustentável**. Florianópolis (SC), 2007. Disponível em: <<http://www.cidts.ufsc.br/>>. Acesso em: 14/06/2014.
- ABRIC, J.C. A Abordagem Estrutural das Representações Sociais. In: MOREIRA, A.S.P.; OLIVEIRA, D.C. (orgs). **Estudos Interdisciplinares de Representação Social**. Goiania: AB, p. 27-38, 1998.
- ALVESSON Mats; SKOLDBERG, Kaj. On reflexive interpretation: the play of interpretive levels. In: ALVESSON M.; SKOLDBERG, K. **Reflexive Methodology : new vistas for qualitative research**. 2 ed. London: Sage, p. 263-280, 2000.
- ANDION, C.; SERVA, M. A etnografia e os estudos organizacionais. In: GODOI, Christiane K.; BANDEIRA-DE-MELLO, Rodrigo. **Pesquisa em estudos organizacionais**. São Paulo: Saraiva, 2006.
- ARL, Valdemar. **Uma identidade que se constrói em rede**. Caderno de formação Lapa (PR). Rede Ecovida de Agroecologia, 2007.
- ARRUDA, Angela. Despertando do pesadelo: a interpretação. In: MOREIRA, Antonia S. P.; CAMARGO, Brígido V.; JESUÍNO, Jorge C.; NÓBREGA, Sheva M. (Org). **Perspectivas teórico-metodológicas em representações sociais**. 2 ed. João Pessoa: UFPB/Editora Universitária, p. 229-258, 2005.
- BANERJEE, S.B. Who Sustains Whose Development? Sustainable Development and the Reinvention of Nature. In. **Organization Studies**. London. 143-180, Jan. 2003 . <http://oss.sagepub.com/content/24/1/143> . Acesso em 18/04/2012.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1979.
- BECATTINI, G. Os Distritos Industriais na Itália. In: COCCO, G. et al.(orgs) **Empresários e empregos nos novos territórios produtivos – o caso da terceira Itália**. Rio de Janeiro: DP&A , 1999.
- BRUNDTLAND, Relatório. **Nosso Futuro Comum**. Disponível em <http://futurocomum.spruz.com/?page=login&cmd=register>. Acesso em: 15/07/2013.
- BRYMAN, A. **Quantity and Quality in Social Research**. London: Routledge, 2004.
- CAPRA, F. **A Teia da Vida**. São Paulo: Cultrix, 1996.

CEPAGRO. Certificação Participativa de alimentos Agroecológicos. In: **Coleção saber na prática. Florianópolis: Florimage, 2013.**

CEPAGRO. **Centro de Estudos e Promoção da Agricultura de Grupo.** Disponível em: <http://cepagroagroecologia.wordpress.com/>. Acesso em 15.06.2014.

CIDTS. Colóquio Internacional sobre Desenvolvimento Territorial Sustentável. 1, 2007. Florianópolis. **Colóquio Internacional sobre o Desenvolvimento Territorial Sustentável.** Disponível em <http://cidts.ufsc.br> . Acesso em 19 de set 2014.

COCCO, G.et al.(orgs) **Empresários e empregos nos novos territórios produtivos – o caso da terceira Itália.** Rio de Janeiro: DP&A ,1999.

DIEGUES, A.C. **O Mito Moderno da Natureza Intocada.** São Paulo: Editora Hucitec, 2001.3 Edição.

ECOVIDA - **Rede Ecovida de Agroecologia** . Disponível em:
 – <http://www.ecovida.org.br/category/publicacoes/cartilhas>. Acesso em 08/08/2013.

ESCOBAR, A. Constructing Nature : Elements for a postcultural political ecology. In : PEET. R. e WATSS.M. (eds.) . **Liberation Ecologies: Environment, development, social movements.** New York: Routledge, p.46 -68, 1996.

FARR, Robert M. Representações sociais: A Teoria e sua História. In: GUARESCHI, Pedrinho A; JOVCHELOVITCH, S. **Textos em representações sociais.** 4 edição - Petrópolis, RJ: Vozes, p. 31-59, 1998.

FRANÇA FILHO, G.C. Decifrando a Noção de Paraeconomia em Guerreiro Ramos: A atualidade de sua proposição. In: **o&s**, v.17, n.52, p.175-197, jan/mar - 2010.

FRANÇA FILHO, G.C. Terceiro Setor, Economia Social, Economia Solidária e Economia Popular: traçando fronteiras conceituais. In: **Bahia Análise & dados.** Salvador: SEI, v.12, nr.1, p.9-19, Junho-2002.

GEIGER, Luis I. ; CORREA, Andressa S. O diferencial do empreendedorismo solidário. In: **Ciências Sociais Unisinos**, v.47, nr. 1, p. 34-43, janeiro/abril, 2011.

GODOY, Arilda, S. Estudo de caso qualitativo. In: GODOI, C.K; MELLO, R.B.; SILVA, A.B.(orgs), **Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais: Paradigmas, Estratégias e Métodos.** São Paulo: Saraiva, p. 115-146, 2006.

GODOY, C.K; MATTOS.P.L.C.L. Entrevista qualitativa: instrumento de pesquisa e evento dialógico. In: GODOI, C.K; MELLO, R.B.; SILVA, A.B.(orgs), **Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais:**

Paradigmas, Estratégias e Métodos. São Paulo: Saraiva, p. 302-323, 2006.

GUARESCHI, Pedrinho A. Psicologia Social e Representações Sociais: avanços e novas articulações. In: VERONESE, M.V; GUARESCHI, P.A. (org.), **Psicologia do Cotidiano: Representações Sociais em ação.** - Petrópolis, RJ : Vozes, p. 17-40, 2007.

GUARESCHI, Pedrinho A. “Sem dinheiro não há salvação”: Ancorando o bem e o mal entre Neopentecostais. In; GUARESCHI, Pedrinho A; JOVCHELOVITCH, S. **Textos em representações sociais.** 4 edição - Petrópolis, RJ: Vozes, p.191 -225,1998.

GUERREIRO RAMOS, Alberto. **A nova ciência das organizações - uma reconceitualização das riquezas das nações.** Rio de Janeiro: FGV, 1989.

HARDT, Michael ; NEGRI, Antonio. **Império.** Rio de Janeiro, São Paulo: Record, 2006. Tradução: Berilo Vargas.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Cidades.** Disponível em: <http://www.cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em 04/09/2014.

JEAN, Bruno. Do desenvolvimento regional ao desenvolvimento territorial sustentável: rumo a um desenvolvimento territorial solidário para um bom desenvolvimento dos territórios rurais. In: VIEIRA, Paulo Freire et al (orgs.) **Desenvolvimento territorial sustentável no Brasil:subsídios para uma política de fomento.** Florianópolis: APED: Secco, 2010.

JOVCHELOVITCH, S. Apresentação. In: VERONESE, M.V; GUARESCHI, P.A. (org.), **Psicologia do Cotidiano: Representações Sociais em ação.** Petrópolis, RJ : Vozes, p.7-8, 2007.

JOVCHELOVITCH, S. Vivendo a vida com outros: intersubjetividade, espaço público e representações sociais. In: GUARESCHI, Pedrinho A; JOVCHELOVITCH, S. **Textos em representações sociais.** Petrópolis, RJ: Vozes, p. 63-85, 1995.

KOCHE, J. C. **Fundamentos de metodologia científica: teoria da ciência e iniciação à pesquisa.** 20. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

KUHN, T. S. **A estrutura das revoluções científicas.** São Paulo: Perspectiva, 1987.

LEFF, E. **Saber ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder.** Trad. Orth L.M.E. - 7 ed.- Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

LAKATOS, Eva M ; MARCONI, Marina de A. **Fundamentos de Metodologia Científica.** - 3 Ed - . São Paulo: Atlas , 1991.

- LIPIETZ, A. **Audácia, uma alternativa para o século 21**. São Paulo: Nobel, 1991.
- LOIOLA, E.; MOURA, S. Análise de redes: uma contribuição aos estudos organizacionais. *In*: T. FISCHER (org.), **Gestão contemporânea, cidades estratégicas e organizações locais**. Rio de Janeiro, Ed. FGV, p. 53-68, 1997.
- MDA – Ministério do Desenvolvimento Agrário. **Política de Desenvolvimento do Brasil Rural**. Disponível <http://portal.mda.gov.br/portal/condraf/>. Acesso em 08.08.2013.
- MDA – Ministério do Desenvolvimento Agrário. Ministério do Desenvolvimento Agrário. **Atas de Reunião**. Disponível em: <http://portal.mda.gov.br/portal/condraf/institucional/atas.> Acesso em 08.08.2013.
- MALHOTRA, Naresch K. **Pesquisa de Marketing uma orientação aplicada**. São Paulo: Artmed Editora – 2004.
- MARELIM, Heraldo V. Metodologia da Observação. *In*: MARELIM, H.V. **Pesquisa em educação: a observação**. Brasília: Plano Editora, p. 9-41, 2003.
- MENDES, C. ; Larreta, E. Representação e Complexidade. Rio de Janeiro: Garamond, 2003.
- MENEZES, E. C. O. ; SERVA, Maurício. Desenvolvimento territorial em debate: estrutura e organização da pesca artesanal na Grande Florianópolis. *In*: **Textos de Economia**, v. 15, p. 11-40, 2012.
- MINAYO, M.C. S. O Conceito das Representações Sociais dentro da Sociologia Classica. *In*: GUARESCHI, Pedrinho A; JOVCHELOVITCH, S. **Textos em representações sociais**. 4 edição - Petrópolis, RJ: Vozes, p. 89-111, 1998.
- MORGAN, G. Paradigmas, metáforas e resolução de quebra-cabeças na teoria das organizações. *In*: CALDAS, M; BERTERO, C. (Coords.) **Teoria das organizações**. São Paulo: Atlas, 2007.
- MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Lisboa: Instituto Piaget, 1990.
- MOSCOVICI, Serge. **Representações Sociais: investigações em psicologia social**. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.
- ORTEGA, A.C.; ALMEIDA N.F. (orgs). **Desenvolvimento Territorial, Segurança alimentar e Economia Solidária**. São Paulo: Editora Alinea, 2007.
- PECQUEUR, Bernard. A guinada territorial da economia global. **Eisforia/ UFSC**. v. 1, n.1 (jan./jun. 2003) Florianópolis: PPGAGR, 2003.

- POUPART, J. A entrevista de tipo qualitativo: considerações epistemológicas, teóricas e metodológicas. In: Poupart et al (orgs.), **A pesquisa Qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. (trad.) Nasser A.C. Petrópolis, RJ: Vozes, p. 215-253, 2008.
- PMNT.**Prefeitura Municipal de Nova Trento**. Disponível em: <http://www.novarento.sc.gov.br/>. Acesso em 19.06.2014.
- PMMJ.**Prefeitura Municipal de Major Gercino**. Disponível em: <http://www.majorgercino.sc.gov.br/>. Acesso em 19.06.2014.
- RIBEIRO.G.L. Ambientalismo e desenvolvimento sustentado.Nova Ideologia/utopia do desenvolvimento. In: RIBEIRO. G.L. **Cultura e política no mundo contemporâneo: paisagens e passagens**. Brasília: UNB, 2000.
- ROVER , Oscar J. Agroecologia, mercado e inovação social: o caso da Rede Ecovida de Agroecologia. In : **Ciências Sociais Unisinos**, São Leopoldo, v. 47 n. 1. p. 56-63, janeiro/abril, 2011.
- ROSTOW, W. **Etapas do desenvolvimento econômico**. Rio de Janeiro: Zahar, 1966.
- SÁ, Celso P. Representações Sociais: o conceito e o estado atual da teoria. In: Spink, Mary J. (org). **O conhecimento no cotidiano - As representações sociais na perspectiva da psicologia social**. São Paulo: Brasiliense, p. 19-57,2004.
- SACHS, Ignacy. **A Terceira Margem: em busca do ecodesenvolvimento**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- SACHS, Ignacy. **Rumo à ecossocioeconomia: teoria e prática do desenvolvimento**. Vieira, Paulo (org.). São Paulo: Cortez, 2007.
- SACHS, Ignacy. **Desenvolvimento incluyente, sustentável e sustentado**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.
- SACHS, Ignacy. **Estratégias de transição para o século XXI: desenvolvimento e meio ambiente**. Trad. Lopes M. São Paulo: Studio Nobel, 1993.
- SANTOS, Boaventura de S. **Produzir para viver: os caminhos da produção não capitalista** , Boaventura de Sousa Santos(org.) - 2ª ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
- SANTOS, B.de S. **Um discurso sobre a ciência**. -11 ed. - Porto : Afrontamento, 1999.
- SANTOS. L.C. Rebelatto. **Certificação Participativa em Rede: um processo de certificação adequado à agricultura familiar agroecológica no sul do Brasil**. Florianópolis, 2005.
- SCHWANDT, Thomas A. Três posturas epistemológicas para a investigação qualitativa: Interpretativismo, hermenêutica e

- construcionismo social. In: DENZIN, N.K; LINCOLN, Y.S, **O planejamento da pesquisa qualitativa : teorias e abordagem.** (trad.) Nets, S.R.. Porto Alegre : Artmed, p. 193-217, 2006.
- SERVA, M. Paradigma da Complexidade e Teoria das Organizações: uma reflexão epistemológica. In: **Revista de administração de empresas**, v. 50. nr.3, jul/set, 2010.
- SOUZA FILHO, E.A. Análise de Representações Sociais. In: Spink, Mary J. (org). **O conhecimento no cotidiano - As representações sociais na perspectiva da psicologia social.** São Paulo: Brasiliense, p. 109-145, 2004.
- SPINK, M.J. **Práticas Discursivas e Produção de Sentidos no Cotidiano – aproximações teóricas e metodológicas.** 2 Ed. São Paulo: Cortez, 2000.
- SPINK, M.J. O estudo empírico das Representações Sociais. In: Spink, Mary J. (org). **O conhecimento no cotidiano - As representações sociais na perspectiva da psicologia social.** São Paulo: Brasiliense, p. 85-108, 2004.
- TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação.** São Paulo: Atlas, 1987.
- VASCONCELLOS, Maria Jose Esteves de. **Pensamento Sistêmico: o novo paradigma da ciência.** Campinas.SP, Papirus, 2002.
- VEIGA, J. E. **Desenvolvimento Sustentável: o desafio do século XXI.** Rio de Janeiro: Garamond, 2008.
- VERGARA, Sylvia C. Metodologia Reflexiva. In: VERGARA, S.C. **Métodos de pesquisa em Administração.** 4 ed. São Paulo: Atlas, p.172-181, 2010.
- VIEIRA, Paulo F., BOEIRA, Sergio L. Estudos Organizacionais: Dilemas paradigmáticos e abertura interdisciplinar. In: SILVA, Anielson B.; GODOI, Christiane K.; MELLO, Rodrigo B. (Orgs). **Pesquisa Qualitativa em Estudos Organizacionais: Paradigmas , Estratégias e Métodos .** São Paulo: Saraiva, p. 18- 51, 2006.
- VILLARDI, Beatriz Q. **Estudo reflexivo sobre processos de mudança através de aprendizagem coletiva docente.** Tese de doutorado. PUC – RJ, 2004.

7 – APÊNDICE A - Roteiro de Entrevistas .

1 - Perfil do entrevistado:

Nome, idade, estado civil, grau de escolaridade, tamanho da família.

2 - Questões norteadoras

Histórias , Cultura e Modo de vida

Cotidiano - rotina diária – quando levanta, o que faz quando vai na horta....

O que gosta muito de fazer. Quais suas formas de divertimento e relaxamento.

Qual o momento do dia que é mais importante para sua família.

O papel dos colonizadores, dos avós . O que lembra e como isso foi repassado.

Como são difundidas as práticas tradicionais das famílias?

Histórias das famílias, do território.Símbolos e mitos.

Quais os fatos/notícias mais marcantes dos últimos anos?

3 - Associação de palavras

Sustentabilidade , Economia, Ecologia, Território, Cultura, Sociedade, Desenvolvimento, Agroecologia.

4 - Forma de produção

Qual o seu envolvimento com a agricultura orgânica?

Como se inseriu na agroecologia. Principais motivos.

Agroecologia é interesse da comunidade ou de um determinado grupo?

Como é difundido o conhecimento sobre agroecologia?

Quanto tempo está neste processo.

Como era o seu modo de produção anterior.

Principais rendas da família. O que produz para sua subsistência e o que necessita buscar fora da propriedade. Como isso é feito?

5 - Desenvolvimento

Como enxerga sua comunidade – desenvolvida, pouco desenvolvida .

Qual é o seu entendimento do desenvolvimento?

Qual a sua visão sobre desenvolvimento de um território?

Qual o território e/ou município que considera modelo de crescimento e desenvolvimento?

Qual o bem mais importante para você? e para a sua família?

Como se originou o processo de trocas? Como vê esse movimento?

Qual o principal objetivo do processo de trocas? (econômico ou social)

Como seria um processo de desenvolvimento sustentável?

Você tem uma atividade sustentável? Como?

6 - Comunidade , família, sociedade e o saber local

Atividades desenvolvidas pela família na comunidade

Participação em eventos comunitários. Existe algum elo de ligação entre membros da comunidade?

Qual o principal objetivo do grupo associada? Onde ele começou? Por que se espalhou por outras comunidades?

Qual o principal objetivo da produção de alimentos orgânicos?

Como enxerga os produtores tradicionais e como são os relacionamentos entre estes.

Qual o envolvimento dos outros membros da família na agricultura agroecológica.

Principais preocupações familiares. O que é preciso para que sua família seja feliz.

Quais as perspectivas para os filhos e jovens da terra. Como é o processo de educação dos jovens.

Quais os principais problemas da comunidade. Quais os principais valores e vantagens da comunidade.

7 - Ecologia

Significado da lavoura agroecológica.

Consciência ambiental/Como vê a relação do homem com a terra? E com a natureza em geral?

Como enxerga a atuação dos grupos de defesa da ecologia como Greenpeace e outros?

Você acha que a natureza deve ser protegida?

Quais as atividades humanas mais prejudiciais ao ambiente?

Quais as atividades feitas pelo homem que podem beneficiar o ambiente?

Auto-imagem como plantador de alimentos orgânicos.

Perspectivas de futuro para a humanidade. Como melhorar o mundo?

Como reduzir a miséria?

Níveis de consumo?

O que é poluição? Onde ela está? Quem são os culpados pela poluição?

8 - Território

Como está a agricultura na região?

Quais as maiores mudanças percebidas na região?

Como melhorar a qualidade de vida da população?

Como você enxerga sua propriedade daqui a 10 anos? E sua região?

É melhor viver na cidade grande, no campo ou em cidades pequenas? Por que?

Quem tem maior responsabilidade pela qualidade de vida no território?

Quais são os atrativos da sua região? O que é mais importante?
Quais/quem são os principais apoios para a sua atividade